



new
MECÂNICO
INDECENTE

LUÍSA ARANHA
MARI MONNI





new
**MECÂNICO
INDECENTE**

LUÍSA ARANHA
MARI MONNI

Luísa Aranha e Mari Monni

Meu mecânico indecente

2018

Copyright © 2018 Luísa Aranha e Mari Monni

Todos os direitos reservados.

É proibida a distribuição ou reprodução total ou parcial de qualquer parte desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio mecânico ou eletrônico, sem o consentimento por escrito das autoras.

Registros de Direitos Autorais pela Biblioteca Nacional. Dúvidas e autorizações:

www.causoseprosas.com.br.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas ou acontecimentos é mera coincidência.

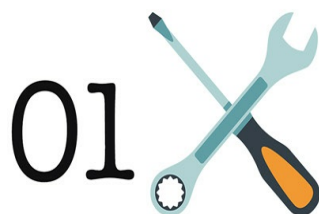
Capa: Débora de Mello

Revisão de Texto: Andréia Evaristo

Diagramação: Luísa Aranha

Este romance segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Para Gabi e Pedro, sempre.



A boca da loirinha suga meu pau enquanto a morena goza na minha mão. Delícia é passar a tarde de domingo assim, fodendo duas gostosas enquanto noventa e nove por cento do país está em casa, curtindo a manhã de domingo com a família e, mais tarde, assistindo ao Domingão do Faustão. Apesar de todo o sexo quente, é esse o pensamento que me passa na cabeça quando gozo na boca da loira peituda.

Puxo as duas para cama, coloco uma de cada lado e procuro meus cigarros. Preciso de cinco minutos, o tempo de um cigarro, pra recuperar o fôlego e começar a foder essas duas de novo. Estamos nessa maratona desde ontem à noite, quando saímos do único bar aberto dessa cidade de merda, e as duas se jogaram na minha frente.

Havia um show ontem. Umas minas muito esquisitas e que se achavam as gostosas. Um bando de patricinhas mimadas que vieram na cidade do interior se achar superiores. Eu comeria as cinco, de uma vez só, se elas não fossem tão esnobes. Principalmente uma loirinha que estava nos teclados. Aquela mulher me deu um tesão... Ela parecia uma boneca de porcelana. O rosto todo desenhado, nariz fininho e arrebitado. Miudinha, não devia ter mais que um metro e sessenta de altura e magrinha, com os peitos durinhos e empinados. O cabelo claro, liso. Bem patricinha. Uma roqueira patricinha.

Quando ela fazia os solos no teclado, parecia que estava tendo um orgasmo. Mas, obviamente, ela não olharia para mim, um mecânico de uma cidadezinha do interior. Não sabe o que perdeu. Com certeza, eu a foderia como nenhum playboy pra quem ela já deu na vida fez. Mas ela não olhou, não me deu bola e as duas que estão na minha cama ganharam o que poderia ser dela.

Óbvio que elas já me conheciam e sabiam que eu não dispenso sexo e encararia as duas de boa. Afinal, é a única coisa que eu realmente curto aqui: ter sempre sexo, mesmo que tenha que repetir as mulheres. Os caras me odeiam. Já devo ter comido a mulher, namorada, filha, neta e amante de todos eles. Mas as mulheres... Ah, essas adoram.

Voltar a morar aqui, depois de ir pra cidade grande, fazer faculdade, me formar em engenharia mecânica e levar um lindo de um pé na bunda da única

mulher que conseguiu me prender, não foi fácil. Mas, com meu avô doente e eu sendo o único que podia tocar o negócio da família, que opção eu tinha? Precisava cuidar do velho, afinal, desde que meus pais morreram, quando eu tinha doze anos, ele cuidou de mim sozinho.

Eu me apaixonei por carros e mecânica por causa dele. Desde pequeno, eu ajudava na sua oficina. Para mim, era brincadeira no início, mas depois passou a ser profissão. Quando fui pra faculdade, tinha outros planos. Queria trabalhar numa grande marca de carros, projetar novos modelos e levar meu avô para morar comigo. Mas ele jamais sairia desta cidadezinha e abandonaria o negócio que era da família há gerações. Depois que ele morreu, eu fui ficando, sempre pensando em ir embora, ao mesmo tempo, não querendo abandonar a oficina. Afinal, o negócio é rentável e é o único da região.

Agora, aqui estou, sendo recompensado pelos meus sacrifícios com boas fudas com todas as mulheres possíveis. O melhor é que não troco essa vida por nada nesse mundo. Sexo sem compromisso é melhor do que ficar babando por uma mulher que depois vai te dispensar — e sempre dá pra variar o cardápio sem culpa.

A morena monta em mim, indicando que acabou a pausa do cigarro, esfregando a boceta no meu pau, enquanto a loira coloca a xoxota na minha boca pra eu chupar gostoso. Começo lambendo seu clitóris, devagar, e vou descendo a língua até encontrar seu buraco. Enfio dois dedos enquanto minha língua vai até o cu da loirinha e volta até o clitóris, fazendo-a gemer alto. Chupo, mordo, lambo enquanto ela rebola na minha cara. A morena não perde tempo e cavalga no meu pau, subindo e descendo, cada vez mais rápido. O que mais um homem pode querer na vida? Chupar uma boceta enquanto mete forte em outra?

Escuto o telefone tocar e... Puta que pariu! É o telefone de socorro da oficina mecânica. Foda-se! Vou gozar antes de atender qualquer carro velho enguiçado nesta merda de cidade. O barulho chato para, mas logo volta a tocar novamente. Perco a concentração. Lembro do meu avô dizendo que trabalho vem sempre em primeiro lugar. Empurro a loira, tiro a morena de cima de mim.

— Um minutinho, gostosas. Preciso atender... Continuem a brincadeira sem mim — digo enquanto masturbo meu pau, olhando as duas se beijando e se tocando. Delícia.

Vou caminhando de costas, observando as duas na minha cama,

enquanto me toco, até o telefone no criado-mudo.

— Alô? — Minha voz sai mais grave do que deveria, mas estou cheio de tesão, vendo a cena a minha frente, e quero acabar mais essa rodada. Depois, pretendo colocar essas duas de quatro e intercalar as estocadas entre um rabo e outro.

— Oi... — A mulher do outro lado da linha parece que está em dúvida. — É do socorro mecânico?

— Sim — respondo seco. Quem liga, num domingo à tarde, atrapalhando a minha foda e não tem certeza pra onde está ligando?

— Então, nosso ônibus enguiçou na saída da cidade e o seguro nos indicou seu número. Poderia vir nos socorrer? — A voz agora é melosa.

— Agora? — A morena está gozando na boca da loira. — Daqui uma hora e meia estarei aí — digo, pensando que é o tempo que ainda preciso pra me cansar dessas duas.

— Uma hora e meia? Mas você não é o socorro pra emergências do seguro aqui da cidade? O seguro me garantiu que você não pode demorar mais do que trinta minutos. — A mulher agora está furiosa, o que me deixa irritado.

— Escuta só. Hoje é domingo, eu estou aqui, aproveitando o meu dia. Se não quer esperar, arranja outro. — Desligo o telefone. Ninguém vai atrapalhar a minha foda.

Mas ele toca novamente.

— Escuta aqui você! Ninguém está te pedindo um favor. Se você não estiver aqui em meia hora, vou reclamar pra seguradora. Estamos paradas bem na entrada da cidade. — A mulher furiosa, com voz melosa, desliga na minha cara.

Olho para as meninas, olho para o telefone, penso no meu avô. Que merda! Preciso ir trabalhar.

— Gostosas, a brincadeira acabou. Tenho que ir resgatar um ônibus. Podemos continuar mais tarde?



Odeio gente preguiçosa. Não, mentira. Na verdade, odeio pessoas que não querem fazer o que têm que fazer. Não, isso também não é verdade. Sei lá o que eu odeio. Só sei que eu odeio o fato de não poder sair daqui. Odiar é um verbo muito forte e dizem que não é bom jogar sentimentos negativos para o universo.

A única coisa que sei é que precisamos sair daqui, e logo.

Quando Mika, uma das minhas melhores amigas e vocalista da banda Estrogenium — da qual faço parte, tocando teclado —, disse que entraríamos em turnê, eu quase não acreditei. A ideia era passar uns meses viajando, conhecendo lugares diferentes e tentando tocar no maior número possível de lugares. Claro que não tocamos em nenhum estádio para trinta mil pessoas. Ainda não somos a versão roqueira das Spice Girls.

O problema é que viajar sem dinheiro pode ser complicado. Restrições precisam ser feitas. A começar pela qualidade do veículo que nos transporta. Em outras palavras: nosso ônibus é um lixo. Pronto, falei. Infelizmente, ele era o único que conseguimos pagar. Alugar um ônibus não é tão simples (ou barato) quanto alugar um carro. Mas conseguimos e estamos aqui. Acho que esta deve ser a décima quinta cidade que paramos. Mais de um mês na estrada. É... O ônibus aguentou bastante.

Agora estamos na entrada do município, ao lado do arco que diz “Bem-vindos ao Vale da Esperança”. Sim. Vale da Esperança é o nome da cidadezinha. Eu, honestamente, achei o nome uma gracinha. Adoraria morar num lugarzinho como este, onde as pessoas se conhecem e, no meio da rua, perguntam como seu filho foi na competição de judô.

Sei lá... Algo na vida do interior me atrai. Sempre cresci nas maiores metrópoles do mundo. Se um dia tivesse a chance de me casar e ter filhos, escolheria morar em um lugar como esse, ao invés de onde moro atualmente.

— O que ele disse? — Baby pergunta, me trazendo de volta para a realidade.

Olho para a minha mão e percebo que estou encarando o celular há algum tempo. Devo estar mais cansada do que pensei. Minha mente volta para a conversa que tive com o adorável mecânico. Espero que as demais

peessoas desta cidadezinha não sejam que nem ele. Senão minha ilusão sobre a vida no interior será completamente estilhaçada.

— Ele é um idiota. Eu tive que fazer ameaças para que ele resolvesse parar sei lá o que é que ele estava fazendo, levantar o traseiro gordo e vir até aqui. — O motivo para nossa pressa é que temos um show marcado para hoje à noite. Não é nada demais, mas, pelo menos, é uma graninha que entra.

— Eu já posso imaginar. Vai chegar aqui um homem de cinquenta anos, cheirando à cerveja, com a blusa branca manchada e parte da barriga redonda à mostra — Mika brinca, fazendo com que todas nós comecemos a rir.

Sue, nossa baixista e ruiva malvada, começa a fazer a imitação de um cara coçando o saco e cuspiendo no chão. Ela é ótima em imitações e a gente sempre ri muito quando ela resolve nos presentear com seus dons performáticos.

— Deve ser exatamente assim! — Baby diz, apontando para Sue, que continua andando de um lado para o outro, imitando o nosso mecânico.

Quando finalmente conseguimos parar de rir, Be pergunta: — Tá, mas ele disse que vem?

— Ele queria vir em uma hora e meia. Não sei o que ele tinha na mente quando fez essa oferta, mas eu exigi que ele viesse antes — eu explico.

Só de lembrar da conversa que tive com o tal mecânico, eu já começo a me sentir irritada novamente. A voz dele era grossa e grave, além de ligeiramente ofegante. Seria sexy se ele não tivesse sido tão estúpido.

Balanço a cabeça, tentando afastar os pensamentos que querem voltar para a voz sedutora. Se ele não quisesse mais trabalhar como mecânico, seria um bom operador de telessexo (isso ainda existe?).

— Sissi? SISSI? — Baby praticamente grita meu nome e eu me viro para ela. — Você tá bem, lindinha?

Quando vejo, Baby está ao meu lado, sua mão em meu ombro. Estou aérea e não sei o porquê.

— Acho que sim. Sei lá. Eu tô com fome e doida pra descansar um pouco. Não vejo a hora de tocarmos mais tarde e pararmos por alguns dias.

Antes de sairmos em turnê, traçamos uma rota bem organizada (ideia da Baby, claro). Passamos um mês rodando e combinamos de parar por uma semana para dar uma descansada antes de continuar seguindo na estrada. Mika vai pegar um avião e voltar para casa e Baby vai junto. As duas têm namorados e estão morrendo de saudade deles. Mika tem enchido o saco. É Henrique pra cá, Henrique pra lá. Logo ela, que era totalmente contra

relacionamentos, agora está toda apaixonadinha. Pior é quando ela resolve fazer sexo por Skype. Ninguém no ônibus aguenta mais acordar de madrugada com ela gemendo. Sério.

Preciso de um tempo longe de tanto estrogênio. Na verdade, preciso de um tempo sozinha. Quem sabe ficar uma semana aqui, em Vale da Esperança.

— Eu também tô louca por essa pausa. Roger já está subindo pelas paredes — Baby diz, referindo-se a seu namorado, e eu não consigo evitar um sorriso.

Conversamos mais um pouco. Ela me conta sobre a dificuldade de manter um relacionamento a longa distância, mas que, apesar de tudo, ela está cada vez mais encantada com o boy. Eu fico muito feliz por ela. E por Mika também. As duas merecem encontrar homens que as façam felizes. Pelo sorriso que elas carregam, acho que os rapazes estão conseguindo.

Minha amiga está no meio de uma descrição detalhada do que ela pretende fazer assim que encontrar o namorado, quando somos interrompidas por uma voz grossa (que me causa arrepios da cabeça aos pés).

— Alguém chamou o mecânico?

Quando eu me viro, dou de cara com a personificação de “,moreno, alto, bonito e sensual”.

Putá que pariu. É esse o meu mecânico?



Ainda não acredito que dispensei as duas gostosas pra socorrer um ônibus quebrado e uma mulher com voz irritante, melosa e que, além de tudo, é mal-educada. Ameaçar reclamar pro seguro? Quem ela pensa que é? Pode reclamar do que quiser, não tem mais ninguém num raio de cinquenta quilômetros desta cidade de merda que possa prestar o socorro para a seguradora. Então... Eu devia era ter terminado a função com as gostosas e deixado a mulher insuportável esperando. Mas a lembrança do meu avô dizendo que trabalho vem em primeiro lugar me assombra.

Quando chego aonde o veículo está enguiçado, tenho vontade de rir. Não é uma mulher que está parada na estrada, e sim cinco. Cinco mulheres gostosas que eu pensei em comer na noite anterior. São as metidinhas da banda que tocaram no único bar da cidade.

— Alguém chamou o mecânico? — pergunto, rindo ironicamente, debochando da situação delas e imaginando que meus desejos serão realizados.

— E... eu... — gagueja a loirinha dos teclados quando me encara. — Nosso ônibus parou e precisamos seguir viagem. — Ela ajeita o cabelo e me devora com os olhos verdes.

— Meu nome é Eric. — Finjo ignorar o olhar dela. — Vou dar uma olhada e ver o que dá pra fazer.

— Me chamo Sissi e essas são Baby, Sue, Be e Mika — ela diz, apontando as amigas que me abanam, babando também. — Tocamos em uma banda e temos um show hoje à noite. Se puder ser rápido...

— Não prometo nada... Gosto das coisas devagar. — Encaro seus peitos empinados, exatamente do tamanho das minhas mãos, que saltam pra fora da regata branca que ela está usando. Sem sutiã. Meu pau fica duro na hora. — Sempre ficam mais bem feitas — concluo.

Abro o capô da lata velha que elas andam, porque realmente é uma lata velha e nem sei como conseguiram chegar até aqui. De cara, sei qual o problema, o que me faz ter vontade de rir, pois os planos de seguir viagem serão impossíveis — e talvez os meus, de comer as cinco, possíveis.

— Gatas, seguinte: tenho boas e más notícias, o que vocês querem

primeiro? — pergunto, limpando o suor da testa com a palma da mão e vendo a reação de todas elas. Posso jurar que as calcinhas estão molhadas enquanto me observam.

— As más... — diz a loirinha gostosa dos teclados.

— As boas — fala a vocalista gostosa dos cabelos coloridos.

— Tanto faz, tchê — diz a ruiva com sotaque nordestino.

— Conta logo — a baterista parece mais impaciente que as outras.

— Bem... a má notícia é que vocês fundiram o motor dessa lata velha. Posso retificar, mas as peças levam uns dias pra chegar na cidade.

— Quantos dias? — grita a gostosa dos cabelos coloridos. — Eu preciso pegar um avião hoje à noite.

— Com sorte, uns quatro dias. Mais uns três pra fazer os reparos. No máximo, em dez dias vocês conseguem sair daqui.

— A gente não pode ficar dez dias aqui... — a baterista, que é sexy demais mexendo os cabelos pretos e curtos, bem estilo channel, fala enquanto anda de um lado pro outro.

— O que a gente vai fazer? — pergunta a ruiva.

— E qual era a boa notícia? — questiona a loirinha com rosto de porcelana, olhos claros e peitos durinhos. A voz dela me irrita, mas o corpo dela me deixa com tesão.

— A gente pode se divertir bastante nesse tempo... — Pisco para ela e encaro as outras. — Vale da Esperança tem diversão garantida pra vocês.

Elas me ignoram completamente e ficam se olhando, sem saber o que fazer. Por um segundo, penso que estão cogitando aceitar a minha proposta de diversão. Só preciso dar um jeito de dispensar as gostosas que tive que mandar embora por causa dessa emergência, mas combinei que voltariam depois.

— Precisamos cancelar o show. Não temos como chegar a tempo e levar os equipamentos pra lá — a baterista diz.

— Mas a gente não pode perder o voo, Baby! Henrique me mataria se eu dissesse que a gente vai transar mais uma noite por Skype. — A gostosa dos cabelos coloridos parece desesperada por uma foda real.

— E a gente mataria você se acordasse mais uma noite com você gemendo... — A ruiva ri. — Eu e a Be reservamos um hotel fazenda aqui perto para passarmos a semana de folga. Podemos manter os planos e, quando o ônibus estiver pronto, voltamos pra pegá-lo.

— Você que dirige esse trambolho? — pergunto surpreso. Jurava que o

motorista estava dormindo em algum lugar.

— Todas nós dirigimos — responde a loirinha de voz irritante.

— Vocês têm carteira? — Parece completamente maluco esse bando de mulheres gostosas tendo habilitação para dirigir ônibus.

— Não é da sua conta — ela é ríspida.

— Então, ninguém vai aceitar a minha proposta de diversão? — questiono sorrindo enquanto elas discutem entre si e parecem me ignorar.

Elas conversam, sem parar de falar, tentando se entender e ver o que fazem de suas vidas. Todas ao mesmo tempo, e fico completamente perdido. Talvez, comer as cinco de uma vez não seja boa ideia. Posso comer uma por uma, ou duas de cada vez. As cinco falando desse jeito não tem homem que aguente no mundo. Presto atenção quando a tecladista volta a falar. Essa mulher me dá um tesão e, ao mesmo tempo, sua voz me irrita de uma maneira que não sei explicar.

— Eu vou ficar. Deve ter alguma pousada na cidade e estou precisando de um pouco de paz.

— Tem uma pousada, sim. Te levo lá — ofereço pensando em apresentar pra ela o meu quarto.

— Na verdade, precisamos que você leve todas nós pra cidade. Precisamos chegar à rodoviária e rápido. — A vocalista parece estar subindo pelas paredes.

— Sem problemas. Mas só cabe uma na cabine da camionete. As outras terão que ir na caçamba.

— E o ônibus? — pergunta a baterista.

— Depois meu funcionário busca com o guincho. Podem ficar tranquilas. Só deixar trancado que nada vai acontecer.

Elas correm pro ônibus pra pegar suas coisas pessoais. A baterista não sai do telefone, cancelando um show, ligando pra rodoviária e pro aeroporto. Rapidamente, estão todas na caçamba da minha camionete. Ah! Se eu pudesse levar todas pra casa... Falta só a loirinha gostosa, que fica trancando o ônibus. Ela me joga a chave, joga a mochila na caçamba e está quase subindo, mas interrompo: — Vai na frente comigo. — Seguro seu braço e vejo que toda sua pele se arrepia.

— Tudo bem...



Tem certas coisas na vida que são simplesmente erradas. Assassinato é errado. Velhinhas andando lentamente na sua frente no dia que você está com pressa é errado. Sua melhor amiga ter doze orgasmos por dia e você não ter nenhum é errado. Existir um pedaço de mau caminho desses como o mecânico é mais errado ainda.

Se você colocar “sexo” no Google, é a foto dele que aparece. Sério. O cara é tão... sexual, que é possível engravidar só de encostar no suor dele.

Diferente da maioria dos caras com quem eu fiquei na vida, esse aí não é bonitinho. É gostoso. É homem. Bem alto, ombros largos, braços mais grossos que minha coxa e um antebraço forte, cheio de veias. Eu tenho tesão em homens com antebraços bonitos e mãos grandes — e as dele têm o tamanho exato para me segurar pela bunda e...

Não! Foco! Nada de ficar com esses pensamentos pecaminosos em relação a esse mecânico que chega a ser indecente de tão tesudo que é. Quem liga se ele tem olhos cor de mel e um tanquinho perfeito para lavar minhas calcinhas encharcadas (eu acho, né?).

Só tem um grande problema: ele sabe de todas as qualidades que tem. Um homem com tanta confiança só pode ser bem equipado lá embaixo. Homens com pinto pequeno não andam como se fossem donos do mundo, nem te olham como se fossem capazes de te fazer esquecer o próprio nome.

Pelo visto, esse daí é muito, mas muito bem dotado.

O que ele tem de gostoso, tem de arrogante. Sei lá se arrogância é a palavra certa.

Não sei. Não sei. Não sei!

Não sei o que fazer com ele.

Ele olha para nós cinco como se fôssemos um buffet. Ao mesmo tempo que preciso que ele pare de nos enxergar como as próximas integrantes da suruba do Vale da Esperança, quero que ele olhe só para mim e mais ninguém.

As meninas estão desesperadas, tentando entender o como e o porquê das coisas e eu volto para o ônibus. Já que temos que esperar pelo guincho e depois pelas peças, pelo menos o ônibus vai estar seguro. Ou assim espero.

Todas elas já estão encarapitadas na caçamba do carro. Eu viro para o mecânico delícia, arremesso a chave do ônibus (já que é ele o responsável pelo veículo de agora em diante) e vou me juntar às minhas amigas.

— Vai na frente comigo. — Ele segura meu braço, impedindo que eu entre na parte de trás do carro.

O que eu deveria dizer: “Não, obrigada. Estou bem com as minhas amigas”.

O que eu digo: “Tudo bem...”.

Que ridícula que você é, Sissi. Só porque o cara é capaz de arrepiar cada pelinho do seu corpo com apenas um toque, você vira uma bocó que faz o que ele quer? Vergonha.

Ele abre a porta para mim e oferece uma mão para me ajudar a subir no carro. Oi? Quer dizer que o mecânico brutamontes tem boas maneiras?! Olho surpresa para ele, que me recompensa com uma piscadinha. Ele dá a volta e toma o lugar ao meu lado. Engata a marcha e saímos na direção da rodoviária — pelo menos, eu acho, já que não tenho a mínima ideia de onde ela seja.

O mecânico fica focado na estrada, mas volta e meia sinto seu olhar em mim.

Eu não sei o que falar. Que droga! Sério. Nunca tive muita dificuldade com homens. Na verdade, eles sempre foram bem fáceis. Se você quer sexo, basta acariciar o antebraço deles e jogar o cabelo pro lado. Se, mesmo assim, ele não entende a dica, olhe para ele, morda o lábio inferior e depois olhe para baixo, como se estivesse com vergonha. Sexo garantido ou seu dinheiro de volta.

O problema é que não sei como agir do lado desse cara. Honestamente, ele parece uma bomba-relógio de testosterona prestes a explodir. Ele tem cheiro de colônia masculina (das boas, nada daquelas baratas que se compra em farmácia) e sexo. Sim, o desgraçado cheira a sexo, o que me deixa confusa: será que ele é tão macho que tem esse aroma o tempo todo ou será que ele estava fazendo sexo há pouco tempo e nem se dignou a tomar um banho?

Não aguento mais o silêncio. Nem quero mais ficar conjecturando sobre o homem ao meu lado. Resolvo quebrar o gelo da melhor forma que sei: — Se você estivesse sozinho no meio do mato, com fome, e tivesse que escolher entre um coelho de três patas ou um pato selvagem cego para matar e depois comer, qual dos dois você escolheria?

Eu juro que o carro chega a sair da pista por um minuto. As meninas na

caçamba dão um grito quando ele, de supetão, gira o volante para voltar para a pista certa. Eu seguro no puta-que-pariu com uma mão, e coloco a outra no porta-luvas, tentando permanecer firme no lugar.

— Qual o seu problema?! — minha pergunta sai em forma de um grito.

Meus olhos estão arregalados e meu coração bate em descompasso, e não tem nada a ver com o homem gostoso ao meu lado e sim com a experiência de quase morte que acabei de ter.

Tudo bem que a estrada é praticamente deserta e não tinha outro carro vindo na nossa direção. Mesmo assim, o susto foi grande.

— Meu problema? Você me faz uma pergunta ridícula e espera que eu reaja como? Com uma gargalhada fina? Não sou esses mauricinhos que você está acostumada.

— Não... Você e os mauricinhos são completamente diferentes — falo baixinho, mais para mim mesma do que para ele. — Mas você ainda não respondeu.

Por um momento, eu o encaro. Ele está voltado para a estrada, então só tenho a visão de seu perfil. O nariz tem o dorso ligeiramente torto, indicando que, um dia, deve ter sido quebrado. A sobrancelha é grossa e tem uma falha que o deixa ainda mais sexy. Já a boca... Ah, a boca. Grossa, carnuda, feita para beijar. Sacudo minha cabeça, tentando voltar meus pensamentos para a realidade.

Ele me olha por um segundo, desta vez mantendo o carro firme na estrada, e balança a cabeça negativamente.

— O coelho — ele responde a contragosto.

— Interessante.

Mais uma vez, ele vira o rosto na minha direção, fitando meus olhos com atenção, mas logo desvia o olhar e volta sua atenção para a estrada. Novamente, o silêncio toma conta do carro.

Eu odeio silêncio. Odeio estar em um lugar que não tenha som, conversa, risada. Fico inquieta e começo a mexer minhas pernas. Mas não é o suficiente. Meus dedos começam a se mexer, tocando um teclado imaginário. Logo, uma música aparece em minha cabeça. Começo a cantar baixinho, meus dedos acompanhando minha voz.

“Making my way downtown walking fast
Faces pass and I’m home bound
Staring blankly ahead just making my way
Making a way through the crowd
And I need you And I miss you
And now I wonder If I could fall into

the sky Do you think time would pass me by?

'Cause you know I'd walk a thousand miles If I could just see you tonight"

“Sigo meu caminho para o centro da cidade andando rápido Rostos passam e eu estou presa em casa Olhando distraidamente para frente só seguindo meu caminho Desviando da multidão E eu preciso de você E eu sinto sua falta E agora eu me pergunto Se eu pudesse me enquadrar no céu Você acha que o tempo passaria despercebido?

Porque você sabe que eu andaria mil milhas Se eu pudesse te ver esta noite”

A música é antiga, mas tem uma pegada muito gostosa no piano ou no teclado. Quando percebo, o mecânico me olha como se não entendesse o que está acontecendo aqui.

— Pensei que você só tocasse o teclado — ele comenta.

— Na verdade, eu toco quase todos os instrumentos. Pelo menos, de forma básica. Mas piano é o meu preferido. Eu gosto de cantar, mas não sei se teria paciência para ficar um show inteiro cantando na frente das pessoas. — Sem falar que odeio ser o centro das atenções. Já passei por isso... Mas foi muito tempo atrás, numa terra muito distante, e o mecânico não precisa saber disso.

Silêncio.

O que tem de errado com esse cara? Por que ele não quer falar comigo?

Depois de alguns minutos, fico de saco cheio e resolvo confrontá-lo: — Você tem algum problema? — pergunto, meu tom de voz é desafiador.

— Loirinha, eu não tô com paciência pra ficar te entretendo.

— Então, por que me chamou para vir aqui com você? Podia ter me deixado ficar lá atrás com as minhas amigas.

— Pedi pra você vir aqui por dois motivos: o primeiro é que eu não sou o maldito motorista da rodada, o segundo é porque eu não podia perder a oportunidade de ver esses peitos deliciosos balançando enquanto a caminhonete passa pela estrada esburacada.



É sério que essa loirinha gostosa acha que quero conversar com ela? Quero ela de pernas abertas na minha cama. Como ela não dá nenhum sinal de que realizará o meu desejo, tô fora. Não vou ficar conversando como uma patricinha mimada, metida a roqueira que tem uma voz extremamente irritante. Pelo menos, quando fala. Porque ela acabou de cantar um trecho de A Thousand Miles que me deixou todo arrepiado. Preciso de foco. Meu único objetivo é fodê-la de todas as maneiras possíveis. É isso que eu faço de melhor com as mulheres. Nada de sentimentos, arrepios e ansiedade. Só sexo gostoso.

— É sério isso? — ela pergunta indignada. — Você trata todas as mulheres assim?

— Na verdade, eu faço sexo com as mulheres e elas não reclamam. Ao contrário, sempre voltam querendo mais. — Pisco para ela, que me encara com a boca aberta. — Se você quiser experimentar, estou à disposição. Garanto que nenhum mauricinho desses que você está acostumada te fodeu tão bem como eu posso fazer.

O silêncio impera novamente no carro. A loirinha fica agitada, a respiração ofegante, acho que ficou imaginando o tamanho do meu pau, pois não tira os olhos das minha calças.

— É falta de educação não responder um convite... — falo, rindo, enquanto ela continua encarando o meu pau.

— Oi? — Ela finalmente para de olhar meu pau e volta ao mundo, encarando meus olhos. — Você é muito abusado, sabia? Alguma mulher já caiu nessa sua cantada barata? Só se for essas mulheres do interior, por falta de opção. Eu...

— Ok, loirinha. Você que está perdendo — eu a interrompo. Muito mimimi pro meu gosto.

Ela volta a mexer as pernas inquietas, simula que toca alguma música num piano imaginário e vira o rosto para a janela. Parece que a deixei bem irritada. Foda-se. Não quer dar pra mim, tem quem queira. Assim que me livrar delas, tenho duas gostosas me esperando em casa.

Quando chegamos à rodoviária, as meninas da caçamba descem, pegam

suas coisas, agradecem a carona e se despedem da loirinha com abraços calorosos. Minha missão está cumprida. Vou entrando na caminhonete de volta quando a voz irritante me impede: — Você pode me levar até a pousada? Não sei onde é e meu teclado é pesado pra ficar carregando, perdida por aí.

Em qualquer outra situação, eu diria não. O problema é dela. Mas tem alguma coisa que me impede de dizer não a essa mulher. Não sei se os peitos durinhos e perfeitos pra minha mão, se o jeito de menina solitária e desprotegida que ela tem, se a voz irritante e melosa ou se o olhar mesmo.

— Tudo bem. Sobe aí. — Dessa vez não me dou nem o trabalho de abrir a porta para ela. — Já te aviso que a pousada da cidade não é nenhum hotel de luxo como os que você deve estar acostumada.

— Por que você acha que estou acostumada com hotéis de luxo? — ela pergunta irritada.

— Já conheci meninas como você. Não é porque sou o mecânico da cidadezinha de merda que nunca saí daqui ou estudei. Já morei na cidade grande. Fiz faculdade, viajei o mundo. Ou seja, conheço seu tipo.

— Você fez faculdade? — ela parece não acreditar. — Por que então é mecânico?

— Sou engenheiro mecânico. A oficina é negócio de família. Mas você não está interessada na minha história e nem eu em contar.

— Por que você é sempre grosseiro comigo? Claro que estou interessada. E você nem me conhece para me julgar. — Agora, ela parece menos irritada, mas ainda frustrada. Será que espera que eu a convide pra jantar? Eu não saio com mulheres. Não em encontros que não sejam na minha cama.

— Vai dizer que sua família não é rica? — pergunto, sabendo a resposta.

— É, mas...

— Então, não espere que a pousada seja um dos hotéis que está acostumada.

Encerro o assunto. Conheço bem o que uma mulher dessas faz com um cara como eu. Seduz, faz você ficar de quatro, fazendo todas as vontades, mimando, cuidando e deixando a sua vida de lado por causa da dela, para depois te dar um belo par de chifres e um pé na bunda. Comigo não. Nenhuma loirinha gostosa vai fazer isso de novo comigo.

Chegamos à porta da pousada e indico para ela que pode descer. Mal a encaro, porque quero me livrar dela logo. Muita conversa, pouca ação e

nenhum sinal de que ela vai dar pra mim. A loirinha me encara como se esperasse algo.

— Você pode me ajudar com o teclado?

Irritado, abro a porta do carro e bato com força. Por que estou descendo do meu carro pra carregar um teclado pra ela? Eric, você é muito burro mesmo. Ainda não entendeu que ela não vai dar pra você, mesmo que você se jogue no chão e sirva de tapete pra ela sujar os pés delicados?

— Obrigada — ela fala enquanto caminha, rebolando na minha frente, em direção ao balcão da pousada. Ah! Essa bunda rebolando no meu pau...

Demora uns cinco minutos até que o filho do dono da pousada, Benjamin, chegue para atendê-la. Ele vem se arrastando, como se estivesse muito cansado de não fazer nada.

— Oi! — ela diz toda simpática. — Preciso de um quarto de solteiro para passar uma semana, talvez dez dias. Tudo depende se o mecânico conseguir resolver o problema antes. — Ela me encara. Benjamin acena com a cabeça pra mim e pisca com uma risada contida. O que esse imbecil está pensando?

— Não temos quartos disponíveis. — Ele a encara e depois me olha novamente. — E essa é a única pousada da cidade. Sinto muito. — E sai se arrastando de novo.

— Ei! Espera! — ela quase grita em desespero. — Eu preciso de um lugar pra dormir. Qualquer lugar serve. — Parece que ela vai chorar de desespero.

— Sinto muito — fala Benjamin já de longe, sem nem virar para olhá-la.

A loirinha fica olhando para o chão, sem saber o que fazer. Parece derrotada. Ela me encara, humilhada.

— Posso ficar na sua casa? — Sorrio. Parece que o Universo está conspirando a meu favor.

— Pode sim. — Pisco pra ela. — Mas só tenho uma cama de casal. — Viro as costas para voltar para a caminhonete.

— Eu não vou transar com você só porque terei que ficar lá até o ônibus ficar pronto.

— Ok. Então você dorme no sofá. — Nem me viro para responder e largo o teclado que ainda estava carregando no chão. Se não quer dar pra mim, eu não serei o trouxa.

Ela pega o teclado no colo toda desajeitada, enquanto carrega a mochila

nos ombros, corre até mim e sobe na caminhonete, toda atrapalhada. Fica me encarando enquanto dirijo para casa, em silêncio.

— Loirinha, para de me encarar desse jeito. Você diz que não quer transar comigo, mas seu corpo inteiro fala outra coisa. Decida-se e depois é só me dizer.

— Meu nome é Sissi, não loirinha.

— Ok, princesa Sissi.

— Por que você precisa ser tão escroto?

— Por que você não pode simplesmente parar de mimimi e dar pra mim?

— Alguma mulher deve ter te magoado muito na vida pra você ser assim... — ela diz, olhando pro outro lado, vendo a cidade, num tom mais baixo que o normal. Freio o carro bruscamente e ela me encara aterrorizada.

— Quer dizer que, além de patricinha metida a roqueira, você também é psicóloga? Olha, vou te dar a real. O meu lance é sexo, não relacionamento. Não gosto de conversar, gosto de foder, e minha vida está ótima assim. Então, se você quiser, ok. Senão, vamos deixar essa semana menos irritante pra nós dois, pode ser?

Abro a porta do carro e vou descendo. Ela continua parada lá dentro.

— Onde você vai? — ela grita.

— Tomar um banho.

— Você mora aqui? — A loirinha parece atônita.

— Que foi? Achou que porque eu era mecânico não poderia ter uma boa casa? — Saio andando e rindo. Escuto a porta do carro bater. Nem olho para trás, porque na porta de casa estão as duas gostosas me esperando. Esta semana será divertida.



Ah, a vida... Ela é cheia de tapas na cara. Você vira para um lado e pá! Vira para o outro e pá! É tapa pra tudo quanto é lado. Desde que o ônibus nos deixou na mão, eu sinto como se estivesse em um filme pornô de BDSM de tanto tapa que eu tenho levado.

Ainda não me conformo com o mecânico. Sério. O que ele tem de gostoso, tem de estúpido. Ou seja, o cara é o mais babaca em um raio de um milhão de quilômetros. Meu santinho do pau grande, o homem parece carregar uma bazuca entre as pernas. Teve uma hora que eu não conseguia parar de olhar pra lá. Meus olhos ficaram vidrados. Se o negócio mole fazia aquela protuberância na calça, não quero nem pensar como ele ficaria duro.

O mecânico só tem um defeito: ele tem uma boca. Dela sai mais merda do que bunda de neném com diarreia.

Só quero ver o dia que ele tomar um chá de boceta.

Eu tinha uma amiga no colégio interno que costumava dizer que existe dois tipos de mulher: a que toma chá de pica e a que dá chá de boceta. Algo me diz que, se eu for pra cama (ou qualquer outra superfície) com o mecânico, eu farei parte da primeira categoria, e não sei se estou pronta para isso.

O problema é que a situação faz o ladrão e, por mais que eu saiba que é errado e vai dar merda, só de pensar que vou dormir sob o mesmo teto que ele me faz sentir coisinhas lá embaixo. Não é justo! Ele tinha que ser tão gostoso? Seria muito melhor se tivesse aquele pança bem definida e cheiro de trabalhador depois de um dia de labuta.

Mesmo assim, ele quer tomar um banho. O mecânico entra na casa e me deixa sozinha no carro. Acho que as boas maneiras ficaram esquecidas no momento que não fiquei de quatro pra ele.

Sozinha na entrada, passo um tempo tentando me acalmar e refletindo sobre o que pode acontecer durante os dias que passarei com ele. Com calma, pego meu teclado (que o ogro não me ajudou a levar pra dentro) e a minha enorme mochila de camping.

Eu me arrependo no mesmo segundo que cruzo a porta. Assim que ponho os pés dentro da casa, escuto alguns barulhos muito bem conhecidos.

São iguais aos que a Mika faz quando está “conversando” com Henrique, seu namorado safado, pelo Skype.

— Isso! Isso! — uma mulher grita e eu preciso revirar os olhos. Sério que ele mal chegou e já está com alguém na cama?

Como assim? Ele tinha deixado a entender que queria transar comigo e tem uma mulher em casa? Não estou entendendo! Será que ele é casado e pula a cerca? Babaca, desgraçado!

Sem pensar duas vezes, deixo minhas coisas no chão, ao lado da porta, e invado a casa como se marchasse rumo ao fim do mundo. Passos determinados, cara de quem quer briga e coração martelando dentro do peito. Os sons só aumentam. Gritos histéricos de prazer. Gente... eu só fiquei do lado de fora por uns três minutos e já deu tempo disso tudo?

Cruzo a sala sem notar a decoração, subo a escada que dá no segundo andar e sigo os gemidos até ficar de frente para uma porta de madeira escura. Respiro fundo e giro a maçaneta, doida para dar um chilique e ajudar a mana a saber que tipo de homem ela tem dentro de casa. Porém, a cena à minha frente é bem diferente da que eu imaginei.

O mecânico está lá, deitado na cama. Uma mulher (a que grita descompensadamente) está sentada na cara dele. Não para por aí. Outra mulher o está chupando com vigor. As duas completamente nuas.

— Se você tivesse que escolher entre zoofilia e necrofilia, qual das duas você gostaria de ter? — não resisto e solto a pergunta. As duas mulheres se assustam com a minha voz, que saiu em um tom bem mais alto do que o normal, e pulam de cima dele.

Zoofilia. Com certeza zoofilia.

Quando elas se movem, eu vejo o que parece ser o órgão reprodutor de um cavalo. Ou uma anaconda.

Santo Cristo do pênis grande, me proteja dessa monstruosidade que ele chama de pau. Enquanto as mulheres tentam se cobrir (agora elas resolvem brincar de pudicas), o garanhão italiano apenas me encara, um sorriso safado no rosto.

— Veio se juntar a nós, loirinha? — o descarado pergunta, se masturbando tranquilamente e olhando para mim.

— Não, obrigada. Contrair doenças sexualmente transmissíveis não estava nos planos de hoje. Quem sabe um outro dia? — Ele quer me intimidar com a cena e com a pose de macho alfa, mas, dessa vez, eu não serei a “loirinha”. Eu vou ser a loirona. — De repente, quando você deixar de ser um

moleque metido a fodão e começar a ser um homem de verdade que respeita a pessoa em quem enfia esse negócio que você chama de pau, eu reavalie sua proposta.

Não deixo que ele fale qualquer outra coisa. Viro as costas e vou embora. Desço a escada praticamente correndo e saio em disparada porta afora. Deixo minhas coisas para trás, apenas minha bolsa está comigo. Quando do lado de fora, olho para os dois lados. Decido ir para esquerda. Vejo que, no fim da rua, há uma área verde. Sei lá se é uma pracinha ou um parque, mas vou naquela direção.

É um parque.

Um parque pequeno e arborizado, onde crianças brincam e pessoas caminham. Nunca imaginei que um cara como aquele moraria em um lugar como este. Aqui é uma área para famílias com animais de estimação, não para homens solteiros que adoram uma suruba.

Sento-me em um banquinho branco e tento acalmar minha respiração ofegante e a raiva que me corrói. Nossa. Nunca conheci um cara tão... tão... sei lá. Nunca conheci um homem como ele. E olha que eu já esbarrei com vários tipos nesses meus vinte e um anos. A maioria deles não valia a cueca que usava, mas esse aí... Sei lá.

Não sei quanto tempo passo aqui, sentada e apreciando a vista, quando, de repente, ouço alguém se aproximar. Eu me viro para ver quem é e me deparo com um homem muito bonito. Daqueles bem arrumadinhos, calça cáqui e blusa polo, com o cabelo penteado e um relógio que grita “eu tenho dinheiro”.

— Oi — ele diz e se aproxima ainda mais.

— Oi — respondo e tiro meus olhos dele, virando-me novamente para frente.

— Nunca te vi por aqui.

— Se a sua próxima frase for “você vem sempre aqui”, juro que eu começo a chorar. Meu dia não foi nem um pouco fácil e o que eu menos quero é alguém me dando cantadas simplórias. Se for me dar uma cantada, por favor, elabore um pouco mais.

Minha paciência está chegando a zero. Passei parte da noite acordada, ouvindo minha amiga gemer, tive uma discussão por telefone com meu pai, o ônibus quebrou, a pousada estava cheia, o mecânico é um babaca. Tudo que eu não quero é mais um problema para ter que lidar.

— Eu ia te perguntar isso, mas não com o intuito de te dar uma cantada.

É porque você tá parecendo um pouco estranha aí, sozinha, vendo crianças brincarem no parque — ele diz, dando de ombros.

— Ai, meu Deus! Desculpa. Não queria passar essa ideia.

— Tudo bem — ele ri da minha cara espantada. — Se você tivesse com uma câmera fotográfica ou as mãos nas calças, aí sim seria um problema. Eu me chamo Roberto Ferraz. Sou o filho do prefeito.

— Prazer, Roberto Ferraz. Sou Sissi. — Omito meu sobrenome propositalmente.

— Um lindo nome para uma linda moça.

Nossa, quanta criatividade. Nunca tinha ouvido essa antes.

Apenas dou um sorrisinho e volto a olhar para o nada.

— Tá, desculpa. Foi uma cantada simplória. Mas é verdade.

Sem me pedir, ele senta no espaço ao meu lado e encara o nada junto comigo.

— Cantadas à parte, eu nunca te vi por aqui — ele insiste.

— Eu não sou daqui — é a única coisa que digo.

— Está de mudança?

— De passagem.

— Vai ficar por quanto tempo?

— Eu pensei que você fosse o filho do prefeito, não o detetive local.

— Peço perdão. Não queria te deixar desconfortável — ele fala, levantando as mãos em um sinal de rendição. — É que você é realmente muito bonita. Impossível não ficar curioso.

Não tenho o que responder, por isso fico calada. Poderia dizer que ele também é muito bonito, o que seria verdade, mas prefiro ficar quieta. Ele é do tipo playboyzinho rico. Na verdade, parece meu primo. Assim como eu, ele também tem cabelos loiros e olhos azuis. Só que os meus são de um tom mais escuro, às vezes dando a impressão de serem violetas. Os dele não. São de um azul claro. Nariz reto, pele clara, dentes perfeitos. Chato e previsível. Aqueles que faria um esforço nas duas primeiras vezes, mas depois ia preferir ficar por baixo porque trabalhou o dia inteiro no escritório do papai e está muito cansado.

— Você gostaria de...

— Loirinha! — O filho do prefeito não consegue concluir a frase, pois o grito do mecânico o interrompe.

Eu olho para trás, me preparando para o que está por vir.

Ele vem que nem um touro na minha direção. Calça jeans mal abotoada,

sem camisa, chinelo de dedo, completamente descabelado e... gostoso até dizer chega. Sua expressão é de raiva, e ele só falta bufar.

— Você conhece o Eric? — o homem ao meu lado pergunta, mas não consigo desviar meu olhar do bruto que continua caminhando a passos largos na minha direção.

— Ele é meu mecânico — é só o que consigo responder antes de ele chegar até nós.



QUEM ESSA LOIRINHA PENSA QUE É PRA FALAR COMIGO ASSIM? Ela me chama de moleque e sai do quarto sem esperar eu responder. Que filha da puta! Além de não querer dar pra mim, ela ainda se acha no direito de me chamar de moleque? Logo eu? Moleques são os playboyzinhos que ela está acostumada a foder.

E que pergunta foi aquela de zoofilia ou necrofilia? Essa mulher tem sérios problemas mentais. Se não era pra se juntar a nós, não deveria nem ter atrapalhado. Só quando penso em nós, sinto minhas bolas latejarem e lembro das duas gostosas que estão se vestindo.

— Que isso, meninas?! A diversão nem começou. Voltem para cá e vamos terminar com isso — digo massageando meu pau que continua duro.

— Você está louco! — a loira diz, me encarando. — Se a gente soubesse que você tinha namorada, não teríamos vindo pra cá.

— Você é muito sacana! — a morena fala enquanto coloca a blusa.

— Eu não tenho namorada, porra! Voltem pra cá e deixem de mimimi.

— E quem era ela então? — pergunta a morena.

— Uma cliente.

— Conta outra, Eric! Nenhuma cliente iria entrar assim no seu quarto... A gente sempre soube que você só servia pra sexo... mas nunca soube que você era tão babaca assim — a loira fala enquanto dá as costas para sair do quarto.

A morena a segue e eu fico segurando meu pau, que lateja desesperadamente. Se eu já estava puto com a loirinha por me chamar de moleque, agora que não gozei sou capaz de matá-la. Ainda me fez perder duas fodas garantidas. Ela me paga.

Visto a calça, enfio os chinelos no pé e saio atrás dela. Vou estrangular aquele pescocinho delicado. Essa menina vai me ouvir e vai ser agora. Saio à sua procura e não demoro a encontrá-la, sentada na praça. Adivinha quem já está ao lado dela? Roberto Ferraz. O maior filho da puta da cidade.

— Loirinha! — grito, bufando, enquanto me aproximo. — Você é louca? Que merda de pergunta foi aquela? E quem você pensa que é pra me chamar de moleque? — Ignoro completamente o babaca sentado ao lado

dela.

— Suas acompanhantes já foram embora ou você pediu um tempo para vir aqui discutir o moleque que você é? — ela fala ironicamente. De repente, parece que toda a sua doçura some.

— Depois do seu show, elas foram embora. Que ideia foi aquela? Zoofilia ou necrofilia?

— Qual você prefere? — Ela me encara.

— Sério isso? Sério que você quer realmente saber isso? Você só pode ter problemas mentais.

— Não fala assim com a Sissi, Eric. Respeita a menina — Roberto se mete e minha vontade é voar na cara dele e arrebentar esse filho da puta.

— Vamos pra casa, loirinha. Agora. — Seguro o braço dela e ignoro completamente Roberto.

— Responde. — Ela está firme e parece que não vai mover um músculo se eu não responder.

— Solta ela — Roberto se mete mais uma vez, levantando do banco.

— Se você se meter novamente, Roberto, na minha vida, eu juro que vou esquecer completamente quem você é e te dar a surra que você merece.

— Eu não preciso que ninguém me defenda. — Ela olha pra Roberto, fazendo com que ele dê um passo pra trás. Olha minha mão segurando seu braço e me encara. — Responde.

Os olhos dela parecem determinados. Um tom de violeta que nunca vi na vida surge e meu pau volta a dar sinais de vida. É sério que só o olhar dessa mulher me excita? Bufo. Vou mais uma vez ceder aos seus caprichos.

— Zoofilia, ok? Agora podemos ir pra casa?

Ela solta seu braço da minha mão, levanta e se vira pra Roberto.

— Tchau, Roberto. Foi um prazer conhecer você. — Beija sua bochecha de um jeito bem sexy e provocativo.

— Posso te ver de novo? Te levar pra jantar? — Roberto pergunta afobado.

— Não! — grito.

— Claro que pode. Estou hospedada na casa do Eric. Podemos sair hoje à noite. — Ela me encara. Já entendi sua jogada. Quer me fazer ciúmes, mas tem que ser com esse filho da puta?

— Te pego às sete, então. — Reviro os olhos pela cara de felicidade do babaca.

— Tudo bem. — Ela volta a olhar para mim. — Vamos? Preciso tomar

um banho e me arrumar pois tenho um encontro mais tarde. — E joga um beijinho pro Roberto.

Saio caminhando com passos largos. É sério que essa mulher prefere sair com um filho da puta como o Roberto do que dar pra mim?

— Qual o seu problema? — pergunto indignado, mas não quero uma resposta. — O cara é melhor do que eu só porque é mauricinho?

— Eu que pergunto qual o seu problema... — Ela para de caminhar pra me encarar. — Ele é melhor que você porque não é escroto e me convidou pra sair antes de tentar me arrastar para cama. Fora que ele não foi um total imbecil comigo desde que nos conhecemos e nem me deixou carregar todas as minhas coisas sozinha enquanto já estava na cama com outras duas mulheres. A mesma cama que, cinco minutos antes, me convidou pra frequentar. — Ela bufa. E fica ainda mais linda irritada.

— É isso que você quer, loirinha? — falo com a voz mansa e dou um passo pra frente. Ela não recua. — Que eu te convide pra sair? — Dou outro passo e ela encara meus olhos. — Que eu seja mais gentil? — Seguro seus braços e ela morde o lábio. — Que eu te ajude a carregar as suas coisas? — Aproximo meu rosto do dela, parando minha boca a milímetros da dela. — É isso?

— É... — a voz da loirinha sai como um sussurro cheio de tesão. — É isso que eu quero.

Coloco minha mão em sua nuca e puxo-a pra mais perto. Quase toco seus lábios. Enlaço sua cintura e acabo com o espaço entre os corpos. Meu pau fica mais duro que o normal na mesma hora. A loirinha fica toda arrepiada e com a respiração ofegante. Eu poderia acabar com isso agora. Ela estaria na minha cama em dois minutos. Aposto que suas calcinhas estão completamente molhadas e que ela não para de imaginar meu pau dentro dela. Ah, como eu queria realizar os meus desejos e os dela. Foderia essa tecladista a noite toda e quando ela estivesse com as pernas bambas e sem forças pra mais nada, ainda a foderia mais uma vez para nunca mais me esquecer. Mas ela me chamou de moleque e me tirou a diversão. Agora vai pagar. Aproximo minha boca de seu ouvido e sussurro: — Não sou esse tipo de cara e não estou interessado em romance.

Solto-a, me afasto, mesmo querendo devorar sua boca e seu corpo inteiro, e volto a caminhar.

— Babaca! — ela grita e começa a caminhar atrás de mim. Eu dou risada.



Ao ver Eric na casa dele, tenho a sensação de estar vendo um carrinho de bebê em uma boate lotada. É algo tão fora de contexto que chega a gritar na sua cara. Da última vez que estive aqui (tudo bem que foi há, mais ou menos, uma hora), não tive a oportunidade de examinar o local. Os sons de mulheres gemendo não permitiram que eu fizesse uma análise detalhada.

Só que, desta vez, eu consigo ver aquele homem enorme, largo, com barba, cabelos bagunçados e calça jeans surrada com manchas de graxa parado no meio de uma sala onde o sofá é cor de creme, as paredes são decoradas com pratinhos de porcelana pintados a mão e paninhos de crochê em todas as superfícies.

É algo ridiculamente delicioso. Como se um homem másculo tivesse invadido o diário de uma mocinha inglesa dos anos quarenta. Não sei por que, mas acho que minha mais nova fantasia é que ele me jogue contra parede e me beije com tanta intensidade que todos os pratinhos caiam no chão.

Sério! Não sei o que está acontecendo comigo. Parece que não faço sexo há anos! Ou então é o excesso de testosterona dele que traz à tona todos os meus instintos femininos.

Pena que ele é um babaca.

Mas eu sei, eu sinto, que o afeto tanto quanto ele me afeta. Aposto que ele está tão duro quanto eu estou molhada. Mas, se ele acha que o fato de ter na barriga mais gominhos do que uma laranja e um pinto que pode ser confundido com uma anaconda será suficiente para me intimidar, então ele vai ter uma linda surpresa.

Minha adolescência me ensinou a ser resiliente e, principalmente, a resistir os avanços de homens que só me querem pelo que tenho entre as pernas.

Está na hora do mecânico ver que eu também tenho uns truques embaixo do capô.

Chega de ser a otária que fica sonhando acordada todas as vezes que ele chega a alguns centímetros da minha boca.

Mecânico indecente, prepare-se para conhecer a princesa Sissi.

Depois de me deixar aqui, querendo mais dele, o bonitão resolve subir as escadas. O ciúme (ou inveja, sei lá) que ele sentiu ao saber que eu sairia com Roberto estava nítido em seu rosto. Se ele pensa que eu vou ser mais uma foda fácil na vida dele, está completamente enganado.

Não tenho dúvidas de que, assim que eu ceder, ele vai me foder deliciosamente bem e me ignorar no dia seguinte. É o *modus operandi* de homens como ele. Não tenho pretensão de ser a mulher que vai mudar o cafajeste. Porém, se eu vou me foder depois de ele me foder, então ele vai ter que suar, e muito, para me conquistar.

A expressão “se fazer de difícil” vai ganhar um novo significado depois disso. O dicionário vai passar a ter uma foto minha ao lado da definição.

Olho para os pratinhos de porcelana na parede, imaginando de onde eles devem ter vindo, e começo a pensar em formas de fazer o bonitão sofrer.

Ah... As possibilidades são inúmeras, mas vamos começar com o básico: homens como ele, todo másculo e piruzudo — no estilo homem das cavernas —, não resistem à boa e velha história da donzela em perigo.

O brutamontes me deixou para carregar — sozinha — todas as minhas tralhas, que tinham ficado ao lado da porta. Coloco minha mochila nas costas e pego o teclado com as duas mãos. Estou subindo as escadas quando tenho um insight do que preciso fazer.

Com cuidado, volto para o fim da escada, coloco o teclado no chão e subo mais uns degraus. Com os pés, faço uns barulhos, descendo o mais rápido que consigo, e puxo a mochila junto comigo. Aproveito e dou um grito bem agudo e bem alto. Deito-me ao lado do teclado, mochila jogada no chão, e espero para ver se meu plano deu certo.

Alguns segundos depois, Eric aparece correndo.

— Sissi! — ele grita e vem na minha direção.

Ele para ao meu lado e coloca a mão no meu ombro — Loirinha, você está bem?

Conjuro a ganhadora do Oscar em mim e faço apenas um muxoxo. Ele coloca a mão no meu rosto, afastando os cabelos da minha cara. Mantenho meus olhos fechados.

— Porra, loirinha! Fala alguma coisa! — ele ordena. Sinto vontade de rir, mas resisto.

— Hmmm... — faço mais um barulho e começo a abrir os olhos. — Eric...

— Você está bem, loirinha?

Deixo meus olhos entreabertos para dar um efeito dramático. Mesmo assim, percebo que ele tem uma expressão preocupada no rosto.

O que não esperava era que ele fosse me pegar no colo — apesar de ser contra todas as regras de primeiros socorros, relevo. O cara é mecânico, não paramédico. Quando me dou conta, estou em seus braços fortes, meu rosto aninhado contra seu peito. Sem. Camisa. Para piorar a minha situação, ele está um pouco molhado e com cheiro de homem perfeito e limpinho.

Merda!

Ele me carrega escada acima e me coloca em uma cama.

— Loirinha — ele me chama e eu finjo fazer força para reabrir os olhos.

Péssima ideia. Abrir os olhos é uma péssima ideia quando se tem um homem lindo, cheiroso e seminu na sua frente. Se a situação fosse outra, provavelmente já estaria lambendo as gotinhas de água que ainda não secaram. Mas, como não é, me contento a fazer um falso barulho de dor.

— Á...gua — peço e ele sai correndo para atender meu pedido.

Aproveito quando ele está de costas para ver se ele está pelado. Afinal, não posso perder a oportunidade de ver o que deve ser a bunda masculina mais deliciosa da face da terra. Mas a minha sorte não é tanta. Ele está com uma toalha azul marinho ao redor da cintura.

Eu me recosto nos travesseiros e tento parecer o mais frágil possível. Olho ao redor e confirmo minhas suspeitas: estou no quarto dele que, diferente do resto da casa, parece ser realmente usado por um homem. Um armário de madeira, uma cama king size, uma cômoda e uma poltrona cheia de roupas usadas.

Pouco tempo depois, Eric entra novamente no quarto e parece aliviado ao me ver sentada.

— O que aconteceu, loirinha?

— Não sei — deixo minha voz sair baixa e um pouco rouca. — Eu estava subindo as escadas, mas acho que o peso era tanto que desequilibrei e caí.

— Quase morri de susto. Puta que pariu — ele xinga e passa as mãos pelos cabelos curtos.

— Estou bem — digo e dou um gole na água fresca que ele me trouxe.

Por um momento, apenas nos encaramos. Vejo quando seus olhos descem e encontram meus peitos. Ele engole em seco e se levanta.

— Eu já volto — Eric anuncia e sai do quarto assim, sem mais nem menos.

Eu fico aqui, sem saber o que aconteceu.



Mesmo que eu seja um total cafajeste e só queira foder a loirinha de todas as formas possíveis, me aproveitar dela quando está machucada, na minha cama, com os bicos dos peitos durinhos, não é pra mim. Só que meu amiguinho não sabe disso e fica completamente duro. Não sei qual o poder sobrenatural que essa mulher tem, mas me deixa completamente fora de mim.

Saio do quarto rápido para ela não perceber meu pau duro. Procuro uma cueca e uma bermuda — eu havia recém saído do banho quando ouvi seu grito, então, só tive tempo de me enrolar na toalha —, pego a sua mochila e o teclado que estão ao pé da escada e carrego pro quarto de hóspedes. Vou até a cozinha e ajeto em uma bandeja suco de laranja, alguns pães, frutas, frios e requeijão. Provavelmente a loirinha não comeu nada o dia inteiro e isso a deve ter feito tontear, não o peso da mochila. Mas, de qualquer forma, minha consciência se sente culpada. Se eu não tivesse sido tão idiota, talvez ela não tivesse caído.

Volto pro quarto com a bandeja — e com meu amiguinho em posição de descanso —, só que, quando entro, meu pau acorda na mesma hora. A loirinha está deitada de ladinho no meio da minha cama, abraçada no meu travesseiro e com a bunda arrebitada me chamando. Coloco a bandeja na mesinha de cabeceira e deito na cama ao seu lado, bem devagar para não acordá-la. Aproximo meu corpo do seu de costas, apoio sua cabeça em meus braços e aproximo do seu ouvido: — Loirinha — falo, sussurrando —, trouxe algo para você comer. Deve ter sido uma fraqueza.

Ela vira o rosto lentamente para o meu lado e, quando seus olhos se abrem e encaram os meus, não sou mais um ser racional. Monto em cima dela e a beijo. Puta que pariu! Essa mulher, além de linda e gostosa, tem gosto de algodão doce. Sissi corresponde meus beijos, enlaçando as mãos no meu pescoço e flexionando os quadris pra cima, fazendo com que meu pau roce com força em sua boceta. A língua dela se mexe veloz em minha boca, o beijo ganha mais intensidade. Uma de minhas mãos desce até seu seio e é exatamente do jeito que eu imaginei. Apalpo com força e ela geme, puxando meus cabelos. Minha boca vai para o seu pescoço. Ela se contorce embaixo de mim. Vou deixando beijos molhados pela sua pele até chegar aos seios.

Quero chupá-los. Então, me lembro que ela acabou de desmaiar. Porra! Não posso fodê-la assim. Eu me deito sobre ela e respiro fundo, tentando me acalmar.

— O que houve? — ela questiona com a voz rouca e a respiração ainda ofegante.

— Você precisa comer alguma coisa... Acabou de passar mal. — Saio de cima dela, nem eu acredito que estou fazendo isso. Sento na cama e pego a bandeja. — Trouxe suco de laranja, pão, frios... Quer um sanduíche?

Ela sacode a cabeça. Talvez ela também não acredite que estou fazendo isso. Preparo o sanduíche enquanto a loirinha me observa. Sorrio, ela sorri de volta. O sorriso mais sexy e lindo que já vi. Essa mulher vai acabar comigo. Dou um selinho em seus lábios e entrego o sanduíche. Ela continua me encarando como se eu fosse um ser de outro planeta. Talvez eu seja. Talvez tenha sido abduzido quando a vi pela primeira vez hoje. Mas não vou voltar a ser aquele otário que eu já fui.

Sei bem como essa história termina. Ela passa uma semana aqui comigo, eu fico completamente de quatro e depois ela vai embora, parte meu coração e eu fico na fossa. Nunca mais vou cair nessa história de amor.

— Come, loirinha. Você precisa se alimentar. — Faço um carinho em seu rosto. Oi? Eu voltei a ser o babaca.

— O que você prefere: enfrentar um pato gigante ou cem patos pequenos? — Ela ainda me encara, sem dar nenhuma mordida na comida.

Tenho vontade de rir. De onde será que Sissi tira essas perguntas estranhas? Mas essa é a minha deixa pra voltar ao meu estado normal.

— Se eu puder enfrentar fodendo, prefiro os 100 patos pequenos. Sempre sou a favor da quantidade. — Pisco pra ela. — Agora, coma que não vejo a hora de você estar alimentada e ser um dos patinhos...

Ela morde o sanduíche, mastiga e fica me encarando.

— Ah, então tudo voltou ao normal, eu vejo. O que foi aquilo, um surto de cavalheirismo que, de repente, tomou conta de você? — Vejo que todo o brilho que antes aparecia em seus olhos sumiu.

— O que você pensou, loirinha? Que só porque você caiu na escada eu ia me apaixonar por você? Eu não me apaixono, o lance comigo é só físico e há uns minutos parecia que você estava bem interessada no que eu posso te dar.

— Só porque deixei você me beijar, você acha que iria me comer? — Ela ri. — Você é muito ingênuo. Além do mais, combinei de sair com o

Roberto e não vou desmarcar. Muito menos ir com a sensação de outro homem entre as minhas pernas. Eu tenho classe, diferente de você.

— Você realmente vai sair com aquele babaca? — Ela assente com a cabeça enquanto dá outra mordida no sanduíche. — Então, boa sorte. Quando terminar, desocupe a minha cama. Seu quarto é na segunda porta à direita. O otário aqui já colocou suas coisas lá. — Levanto da cama e vou em direção à porta. Parabéns, Eric! Você realmente é um idiota na mão dessa loirinha.

— Onde você vai? — ela grita sem a intenção.

— Achar alguém que esteja afim de trepar sem muito mimimi e que não prefira um babaca como o Roberto.

Saio do quarto. Preciso me controlar pra não esmurrar uma parede. Não querer dar pra mim, ok. Mas querer sair com o babaca é inaceitável. Não é só porque Roberto é um tremendo idiota, mas porque sei muito bem o que ele faz com as mulheres. Ilude, come e depois as deixa na merda. Foi assim com a minha ex. Quando soube que ela tinha me trocado por ele, óbvio que fiquei puto. Mas quando ele a abandonou, ainda mais grávida... Ah! Minha raiva por ele triplicou.

Mas se a loirinha quer cair nessa conversa de moço certinho, ok. Quem sou eu para falar alguma coisa? Apenas o babaca que foi trocado pelo playboyzinho. Eu, pelo menos, não iludo as mulheres.



Ele sai do quarto e eu fico na cama, tentando entender o que acabou de acontecer. Será que ele, de fato, foi gentil por alguns poucos minutos ou minha mente apenas imaginou aquilo tudo? Olho para o lado e vejo a prova do crime: a bandeja. Sim. Por trás daquela armadura de músculos e testosterona, há um homem bom. Bem lá no fundo.

Se eu fosse o tipo de mulher que sonha em domesticar o cafajeste, provavelmente ficaria encantada agora. Eu não estou encantada. Eu não estou encantada. Eu NÃO estou encantada, repito mentalmente. Na verdade, o mais correto é: não posso me deixar encantar. Aquele bíceps já é o suficiente para que eu ajoelhe, coloque a mão nas coxas e resolva brincar de “a virgem submissa”. Se além disso o cara resolver ser gente boa, aí que tô ferrada mesmo.

Para minha sorte, sua personalidade de burro logo antes da castração voltou, o que deixa as coisas bem mais fáceis.

Dou mais uma, ou cinco, mordidas do sanduíche e me recosto na cama. Para um brutamontes, ele tem bom gosto para colchão. Macio, porém resistente. Bom para...

— ECA! — grito e me levanto imediatamente da cama, deixando o sanduíche cair no chão. — Eca, eca, eca, mil vezes eca!

Percebo que esta é a cama pra onde ele traz suas “vítimas”. Tudo que eu não quero neste momento é uma luz negra. Eca!

Corro para fora do quarto e vou na direção de onde ele disse que seria o meu quarto. O filho da mãe tinha me enganado antes com toda essa história de só ter um quarto na casa dele e que eu teria que dormir no sofá. Desgraçado!

Entro no quarto e olho ao meu redor. Como ele disse, minhas coisas realmente estão todas aqui, ao lado do armário de madeira. Na parede, alguns pôsteres de bandas de rock e de carros. Cama de solteiro. Escrivaninha. Com certeza o quarto de um adolescente. Interessante. Mais perguntas para a minha lista infinita. Quem é esse homem? Por que nada faz sentido?

Sacudo a cabeça, tentando me lembrar o que vim fazer aqui. Ah, sim! Tomar um banho e me livrar de todos os vestígios de impurezas da cama

dele.

O banheiro da suíte é pequeno. O espaço do chuveiro só não é tão apertado porque eu sou uma pessoa pequena. Só de imaginar o mecânico aqui, dá vontade de rir. Tipo a Branca de Neve na casa dos sete anões. Uma Branca de Neve bem máscula, com um bilau bem grande e um ego maior ainda. Isso sim daria um excelente filme da Disney.

Felizmente, trouxe comigo uma nécessaire, pois não tem nada aqui que eu possa usar. Na verdade, não tem nada aqui, ponto. Sem shampoo, sem sabonete, sem creme esfoliante para os pés...

Durante os próximos minutos, me lavo com cuidado e em momento nenhum imagino que são as mãos dele (mãos grandes, fortes, de homem que trabalha) passeando pelo meu corpo. Passo shampoo duas vezes e, depois, o condicionador. Deixo por último o produtinho mágico que eu uso para dar brilho extra. Faço uma nota mental de comprar sabonete líquido e hidratante de banho. Os meus já estão quase acabando. Eu me enxugo com precisão e perco mais alguns minutos espalhando o outro hidratante pelo meu corpo. Uma camada fina, mas suficiente. Seco meu cabelo com o secador de viagem que eu tenho na bolsa e, quando tudo está do jeito que gosto, começo a aplicar um pouquinho de maquiagem. Nada exagerado, apenas uma corzinha nas bochechas, um pouco de rímel e um batonzinho de leve.

Esse ritual é comum para mim. Na verdade, acho que é uma das únicas coisas que trago comigo da minha vida antiga. Não sei quando minha mãe começou a me obrigar a fazer isso. Ela dizia que uma mulher tem que ser mais bonita por fora do que por dentro. Porque se ela não for bonita por fora, ninguém vai parar para prestar atenção no que tem dentro. É uma teoria triste, porém não sei até que ponto ela não tem razão. Infelizmente, vivemos num mundo onde as aparências, por vezes, falam mais alto do que os conteúdos. Antes, eu me cuidava para os outros. Hoje, me cuido porque gosto. É bom passar a mão na minha pele e sentir que ela é lisinha. Adoro soltar o meu cabelo e sentir o perfume dele. E se tudo isso fizer da vida do mecânico um inferno, melhor ainda.

Coloco uma calcinha de renda branca e o sutiã do conjunto. Vou para o quarto escolher o que vestir para o meu encontro. Não tenho muita vontade de sair com o Roberto, mas tudo pela causa. Eu vi o jeito que Eric ficou tenso quando confirmei que sairia com o filho do prefeito. Os dois, pelo visto, não se entendem. Sorte a minha.

Jogo todas as minhas roupas em cima da cama e começo a catar uma

que seja adequada para o jantar, que provavelmente será no melhor restaurante da cidade. Óbvio que não tenho nada. Estou em turnê. A maioria das roupas que trouxe são confortáveis ou, então, perfeitas para o palco.

Além de como me cuidar, minha mãe também me ensinou uma coisa útil: nunca viaje sem levar um vestidinho preto para casos de emergência. De acordo com ela, vestidos pretos são coringas. Servem para tudo: encontros, noitada com as amigas, funeral... Ou seja, é sempre bom ter um a mão.

Eu me inclino sobre a cama para pegar a peça e ouço a porta abrir.

— Puta que me pariu!

Não preciso me virar para saber quem está no quarto junto comigo. Próximo à porta, Eric me encara como se eu fosse um banquete. Viro-me para ele, deixando à mostra tudo que a calcinha e o sutiã não escondem.

— Da próxima vez, bata na porta antes de entrar — digo.

Minha voz sai firme, ainda bem. Por dentro, estou tremendo (nem sei se isso é possível, mas sinto as tais borboletas no estômago).

— Eu estou na minha casa, loirinha. Posso fazer o que quiser — ele brada, porém seus olhos não saem de cima de mim. Percorrem do meu pescoço até os meus pés. Se ele fosse um desenho animado, poderia ver a baba escorrendo.

— Tá gostando da vista? — pergunto, conjurando toda a coragem que tenho, pois sei que a resposta me fará ruborizar.

— Preferia que estivesse pelada e com as pernas abertas na minha cama. De preferência, gritando o meu nome enquanto te faço gozar. Mas a vida é assim mesmo, loirinha, nem tudo é do jeito que a gente quer. Me diz uma coisa: você ainda vai sair com o filhinho de papai?

Desta vez, seus olhos encontram os meus. Ele está sério, focado, tenso. E eu estou nervosa, ansiando o corpo dele no meu, porém determinada a fazê-lo sofrer um pouco mais.

— Claro que sim. Eu disse que iria. Não sou o tipo de mulher que volta atrás com os compromissos.

— Perfeito. Divirta-se — ele diz, vira as costas e sai do quarto.

O que ele veio fazer aqui, eu não sei. Provavelmente não saberei.

Sento-me na cama, afetada pelo que acabou de acontecer. Não sou tão confiante quanto tentei me mostrar. Ainda estou morrendo de vergonha por ele ter me visto apenas vestindo isso aqui. Ao mesmo tempo, não quero que ele veja minhas fraquezas porque, se ele descobrir, vai ser um massacre.

Crio coragem, coloco o vestido, calço os saltos mais altos que tenho,

prendo meu cabelo em um rabo de cavalo bem alto e argolas douradas que combinam com meu relógio Michael Kors. Visto-me como uma femme fatale, mas tudo que eu queria era poder ficar de camisola, sentada no sofá e assistindo a qualquer bobagem na Netflix.



Se essa loirinha pensa que vai me derrubar assim fácil, ela está muito enganada. Prefere sair com o filho da puta do Roberto, ok! Vou mostrar pra ela o que está perdendo, e, mais que isso, que eu posso ser exatamente o que ela quer, mas que não sou porque não quero ser feito de trouxa novamente.

Sei exatamente onde Roberto vai levá-la. Pego o telefone e ligo pro restaurante. Peço uma reserva para dois, no canto mais romântico do restaurante, com o melhor espumante da casa e decoração de velas. Depois, ligo para única mulher em quem confio nessa vida, que casualmente nunca fodi, mas que sempre me ajuda.

— Ai, ai, quando o Dom Juan de Vale da Esperança me liga, sei que é encrenca — Sofia atende o telefone rindo.

— Preciso de você e muito... — Começo a contar tudo que está acontecendo.

Obviamente, Sofia topa me ajudar. Apesar de nunca ter rolado sexo entre nós, ela sempre foi uma boa amiga e me tirou da fossa diversas vezes. Até rolam uns amassos e beijos, mas ela não gosta de pintos. Por isso, nunca fomos adiante. Mas, para o que tenho em mente, com certeza ela é a pessoa certa.

Entro no banheiro do meu quarto e tomo uma ducha. Faço a barba, ajeito meus cabelos, passo perfume em excesso. Visto uma calça jeans clara, que é bem justa no quadril e deixa o meu pau mais saliente, uma camisa social rosa claro, e dobro mangas. Confiro no espelho: o perfeito mauricinho.

Presto a atenção aos barulhos da casa e fico aguardando Sissi sair do quarto. Quando ouço a porta dela se abrindo, é hora do show. Ela não perde por esperar!

Abro a porta do meu quarto no exato momento que ela se prepara para descer as escadas. Seguro a respiração quando a vejo enfiada em um vestidinho preto, todo ajustado aos seu corpo, fazendo com que os peitos pequenos ganhem um volume extra. Na hora, meu pau dá sinal de vida e fico imaginando como seria rasgar o vestidinho e chupá-la inteirinha. Ela então se vira pra mim e percebo que fica desconcertada. Bingo!

— Vai sair também? — ela questiona enquanto vidra o olhar nas minhas

calças.

— Vou, loirinha. Tenho um encontro.

— Achei que você só queria sexo... — ela parece confusa.

— Algumas mulheres merecem algo mais. — Passo por ela na escada, dou um beijo em seu rosto, bem no canto da boca. — Divirta-se com Roberto.

Desço as escadas sem olhar para trás e saio de casa. Minha intenção é chegar ao restaurante com Sofia antes deles e vir pra casa antes também. Se ela quer jogar comigo, eu também vou.

Quando Sofia entra no carro, me analisa das cabeças aos pés e começa a rir.

— Quem é você e o que fez com o mecânico gostoso da cidade?

— Para de brincadeira, Sol. — Desde que éramos crianças, Sofia adora o sol. Por isso a chamamos assim. — Esta calça está apertando meu saco e estou ficando de mau humor. Fora que fingir que sou algo que não sou e ficar encarando o filho da puta do Roberto a noite inteira dando em cima da mulher que eu quero comer, não será fácil.

— Pelo visto, meu amor, você não quer só comer essa mulher...

— Não viaja, Sofia. Sabe como eu sou.

— Exatamente por saber como você é, e como tem se comportado nos últimos anos, que estou falando isso. Você está, no mínimo, encantado por essa mulher. Quanto antes admitir, melhor vai ser pra você.

— Não vou deixar ninguém me fazer de trouxa novamente.

— Não é porque uma mulher te sacaneou que todas irão. Talvez esteja na hora de você abandonar essa mágoa.

Se Sofia soubesse o quanto a odeio nesse momento... Odeio quando ela joga as coisas assim na minha cara e me faz ficar pensando. Mas que chance eu teria de ter algo com a loirinha? Quando o ônibus ficar pronto, ela vai embora e nunca mais lembrará de mim ou do Vale da Esperança — e eu ficarei mais uma vez sozinho e na merda. Não quero isso.

Ficamos em silêncio no carro até chegar ao restaurante. Nossa reserva está exatamente do jeito que solicitei. Sofia desempenha com perfeição o papel de apaixonada e senta-se na cadeira ao meu lado, me abraçando e fazendo cafuné em meus cabelos durante todo o tempo.

— Se eu não fosse lésbica, com certeza casaria com você. — Sofia ri e me beija com paixão. — Tenho certeza de que você seria o melhor marido do mundo! Olha essa mesa, esse espumante... Nem parece o mecânico xucro

que você gosta de fingir que é.

— Se você não fosse lésbica, eu já teria te comido. E você não pensaria mais isso sobre mim.

— Eric, quando você vai entender que você não é assim? Você vestiu essa armadura pra não se machucar, mas, uma hora, você precisa se livrar dela. Eu lembro muito bem de você antes da Fernanda, com a Fernanda e depois dela. Eu sei que o que ela fez te machucou muito e que você precisava de um tempo. Só que já chega. Tá na hora de você seguir em frente. E seguir teus sonhos também.

— Mas como eu vou sair daqui, Sol? Depois do vovô... — Sinto vontade de chorar, mas nunca faria isso em público.

— Eu sei... eu sei. Mas existem formas, você é inteligente e sabe que sempre pode contar comigo. — Sofia me abraça de forma terna. Segura meu rosto e me dá um selinho carinhoso e, nesse momento, Sissi e Roberto entram pela porta.

— Eles chegaram — sussurro na boca de Sofia.

— Hora do show — ela sussurra de volta e enfia a língua na minha boca. O engraçado é que meu corpo não dá sinal nenhum com Sofia.

A loirinha fica encarando nosso beijo de forma desconcertada e vejo quando Roberto percebe e a puxa pelo braço pra se sentarem. A mesa deles não tem nada demais. Uma mesa simples. Ele nem se deu ao trabalho de fazer a reserva como ela merecia. Fico puto com isso. Sissi senta-se de frente pra nossa mesa, numa distância em que as conversas não possam ser ouvidas, mas que dá para ver exatamente o que acontece. Roberto senta-se ao seu lado e coloca a mão em seus ombros. Isso a deixa incomodada.

Não sei por que essa mulher mexe tanto comigo. Mas talvez, só talvez, Sofia tenha razão. Eu poderia tentar. Poderia deixar a minha armadura e me envolver com ela. Poderia arranjar alguém pra gerenciar a oficina e seguir meus projetos antigos. Eu não abandonaria o negócio da família, mas também não deixaria de viver — e poderia fazer isso com Sissi.

Durante todo o jantar, percebo que ela não para de olhar para nós. Sofia desempenha o papel de namorada apaixonada com perfeição. Eu também. Sou tão cavalheiro que, na hora de ir embora, levanto primeiro, ajudo Sofia a levantar e abro a porta do restaurante para ela.

Vamos para minha casa. Sofia e eu subimos para o quarto com duas garrafas de vinho barato e me certifico de trancar a porta.

— Você quer que eu faça o tipo escandalosa ? — Ela ri. — Que te

chame de amor e fique gemendo e gritando?

— Isso! Vamos fazer bastante escândalo. Mas vamos esperá-la chegar.

Eu me sinto um idiota completo, espiando pela cortina da janela, aguardando o momento da chegada da loirinha. Quando vejo o carro de Roberto parando em frente à casa e ela descendo meio apressada, aviso Sofia: — É agora!

Sofia começa a gemer, gritar, chamar pelo meu nome. Grudo meu ouvido na porta e ouço Sissi subir as escadas. Ela bate a porta do quarto e Sofia grita mais alto ao meu sinal: — Vai Eric... Assim... não para... ai... ai... não para... mais força... mete gostoso, meu amor...

Tenho vontade de rir, mas seguro a gargalhada. Ouço o barulho da porta do quarto ao lado se abrindo. Sissi marcha em direção à minha porta e mete a mão na maçaneta sem cerimônias. Corro para a cama.

— Dá pra parar com essa barulheira? — ela grita atrás da porta trancada.



Tem gente que é babaca, como o mecânico, e tem gente que está num outro nível de babaquice, como Roberto. Minha nossa senhora dos idiotas! O cara é medalhista olímpico de babaquice. Só pode.

Na minha época de filha da elite, eu conheci muita gente arrogante, egocêntrica, superficial... Mas nenhuma chegou aos pés do homem que acabou de me deixar em casa. Ou melhor, na casa de Eric, onde estou hospedada temporariamente. Eu passei as últimas duas horas ouvindo sobre um único assunto: Roberto Ferraz, narrado por Roberto Ferraz.

Ele me contou de todos os campeonatos que ganhou, de todos os esportes que praticou, de todos os planos que tem e de tudo de maravilhoso que ele é. Claro que eu tive que me fingir de interessada. Não podia dar o braço a torcer. Se Eric não tivesse lá com a namoradinha dele, eu teria feito uma cena de novela e jogado o conteúdo da minha taça na cara do babaca, dito um “passar bem” e saído com um andar rebolante. Só que a vida não é tão fácil assim.

Entro na casa, pronta para desabar na cama e tentar esquecer que as últimas horas existiram. Só que, assim que cruzo a porta, imediatamente escuto os gemidos. Cachorro, desgraçado, filho de uma puta! Será que a única coisa que esse cara faz da vida é trepar? Sério. Que porra é essa? Crossfit do sexo? Ele não estava com duas mulheres mais cedo? Então, por que diabos estava todo de chamego com a namorada no restaurante? Juro que não entendo. Depois dizem que as mulheres são complicadas!

Fecho meus olhos e respiro fundo, tentando conter a vontade de chorar. É raiva. Estou com raiva dele. Raiva por ele não ter respeito algum com o fato de eu estar aqui. Raiva por ele ser um cafajeste. Raiva por ele estar traindo a namorada. E, principalmente, raiva por eu me sentir atraída por esse mecânico indecente.

Mas se ele acha que vai ter alguma chance de ficar comigo depois dessa palhaçada toda, ah, então ele está redondamente enganado!

Subo as escadas batendo os pés com força.

Entro no quarto e fecho a porta com raiva. Raiva! Só que, pelo visto, dividimos uma parede, e a fogueira não para de gritar que nem uma louca.

De duas, uma: ou ela está fingindo pra ele se sentir bem ou ele realmente sabe o que fazer entre as pernas de uma mulher. Tanto faz.

Esta merda tem que parar, e agora!

Saio do quarto e vou em direção ao dele. Meto a mão na maçaneta sem cerimônia. Eu já o vi com duas mulheres. Vê-lo só com uma não vai ser tanta surpresa assim. Porém, minha “sorte” não é tanta. A porta está trancada.

— Dá pra parar com essa barulheira? — solto em um grito.

As minhas palavras fazem com que o som apenas aumente. A mulher geme sem parar e espero que os ovários dela explodam com os orgasmos múltiplos que ela parece estar tendo!

Ele quer guerra? Então, terá guerra. De fininho, volto para o meu quarto, pego minha bolsa e saio. A guerra pode esperar até amanhã. Não estou nem um pouco inclinada a passar uma noite ouvindo os dois treparem no quarto ao lado.



Aparentemente, esta cidade só tem um bar. Um. Como assim? O nome desta cidadezinha é Vale da Esperança. Não há nada que traga mais esperança do que álcool. Todo bêbado é um ser esperançoso. Espera que os problemas que o levaram a beber não existam mais pela manhã; espera que o álcool o deixe menos tímido; espera que o álcool deixe uma certa pessoa mais atraente... Enfim, álcool é esperança líquida. Se este é o Vale da Esperança, logo, seria bom que tivesse mais do que um bar.

O lugar é pequeno e parece que todos aqui se conhecem. A música que toca é ruim, as pessoas falam alto e tudo que eu preciso é de uma boa dose de tequila. Na verdade, queria tomar uma tequila com as minhas amigas, mas elas não estão aqui. Ou seja, terei que beber por todas elas.

— O que vai querer, princesa? — o barman pergunta, seus olhos fixos no meu decote. Ótimo.

— Cinco shots de tequila, por favor.

— Cinco?

— Cinco — confirmo. Um pra mim, um pra Sue, um pra Baby, um pra Mika e um pra Be. Mesmo que elas não estejam aqui...

Ele faz o que eu peço e alinha os cinco copinhos no balcão à minha frente. Coloca um pratinho com algumas rodela de limão e outro com um

pouquinho de sal.

— Arriba, abajo, al centro, a dentro e que se fueda, comadre — digo nossas palavras de sempre e viro a primeira dose.

Não estou com pressa, muito menos com vontade de dar um show para os caipiras. Só quero relaxar um pouco e fazer hora até que os dois terminem com a maratona de sexo escandaloso.

Uma semana, Sissi. Você precisa aguentar isso por uma semana.

Pego meu celular de dentro da bolsa e verifico se tem alguma mensagem. Quando não se quer, oitocentas e vinte e cinco mensagens de diversos grupos aparecem. Quando se precisa de uma distração, as pessoas parecem esquecer que celulares existem. Muito bom.

Sem nada pra fazer, viro a segunda dose. Aproveito que o meu telefone está na mão, tiro uma foto dos copos ainda cheios e posto no Instagram. #saudadedasamigas #tequila #companheiradetodasashoras #tedio #bar #vidanocampo #alcoolsalvavidas #odeiohomens #mecanicofilhodaputa #querominhavidadevolta #raiva #estrogenium #turne — Tá perdida, moça? — escuto uma voz grossa à minha esquerda e desvio minha atenção das redes sociais para o homem ao meu lado.

— Não. Estou exatamente onde preciso estar. — Ele sorri com as minhas palavras e eu me delicio com seu sorriso sincero.

O homem é bonito. Nada demais, nada de menos. Mas o que mais chama atenção é o modo tranquilo com que ele se posiciona ao meu lado.

— Cuidado com todas essas tequilas — ele diz e aponta com a cabeça para a fila de copinhos ainda cheios em cima do balcão. — Reza a lenda que elas são as responsáveis por más decisões.

Eu dou uma gargalhada baixa com o comentário e concordo com um aceno.

— Dizem também que é um elixir do esquecimento, mas, no momento, ela é apenas uma companheira para um fim de noite.

— O início da noite não foi bom? — ele quer saber.

— Na verdade, o dia inteiro foi uma bosta.

— Eu me chamo Alexandre. Muito prazer.

— Sissi. O prazer é todo meu.

Acaba que eu e Alexandre nos damos muito bem. Não no sentido sexual da coisa. Apenas conversamos por um tempo. Ele é o professor da escola local e dá aula de Geografia para adolescentes. Enquanto eu bebo minhas doses de tequila, ele fica na cerveja. O papo é excelente e, pela primeira vez

desde que conheci minhas meninas, percebo que estou fazendo uma nova amizade. Não sei da parte dele, mas não tenho nenhum interesse que não seja esse.

Um pouco depois, alguns amigos dele se juntam a nós. Os dois também são professores e trabalham com Alexandre.

— Você está na pousada local? — um deles pergunta, acho que o nome desse é Pedro, mas não tenho certeza. Já passei das cinco doses de tequila, nomes são irrelevantes no momento.

— Não. Na verdade, eu e minhas amigas estávamos em turnê quando nosso ônibus quebrou hoje pela manhã. Elas voltaram para casa e eu fiquei para esperar o conserto — explico. — Tentei um quarto na pousada, mas o homem disse que estava tudo cheio. Acabou que eu fiquei na casa do mecânico, o Eric.

— Você está na casa do Eric Fontenelle?

— Não sei o sobrenome dele, mas deve ser. Alto, bonito, sarado e um tremendo de um filho da puta?

Os três homens caem na gargalhada.

— Acho melhor a gente não comentar nada — o loiro diz para Alexandre, que apenas balança a cabeça negativamente, me deixando sem entender o que eles querem dizer com isso.

— Vamos tirar uma foto — Alexandre sugere e pega o celular. — Não é todo dia que temos uma companheira tão bonita assim.

Todos nos juntamos e Alexandre tira uma selfie, que é imediatamente postada.

— Por favor, não me mate por perguntar, mas por que você está com tanta raiva dele?

— Porque ele é um babaca que vive chifrando a namorada. E, para piorar, dá em cima de mim descaradamente. O cara parece todo lambuzado de mel. Toda hora que eu vejo, tem alguma mulher em cima dele — explico, lembrando das duas com quem ele estava e, depois, da namorada do restaurante. Sei lá mais quantas ele não tem em stand-by.

Sou surpreendida por um coro de gargalhadas. Olho para os três rapazes sem entender o motivo de tanta graça. Coloco ambas as mãos na cintura e ergo uma sobrancelha.

— Do que vocês estão rindo? — pergunto.

— Da piada do ano! — Alexandre responde, gargalhando descompensadamente.

— Que piada? — quero saber. Estou ficando irritada. Não gosto de ser o foco de risada alheia.

— Que Eric tem uma namorada — Igor, um dos amigos de Alexandre, diz. — Sissi, minha querida. Eric não tem namorada. Ele tem xoxotas disponíveis.

— Claro que tem! Eu vi os dois no restaurante mais cedo — eu me defendo, omitindo o fato de que os dois estavam, como diz Bruno Mars, “fazendo amor como gorilas”. Sei o que vi antes de a palhaçada começar. Os dois estavam muito juntinhos. Impossível ela ser apenas a xoxota do momento.

— Sério? — Alexandre parece descrente do que eu digo. — Descreva a tal namorada para mim.

— Alta, linda, cabelos castanhos, olhos escuros. Sei lá, a versão do interior da Mulher Maravilha — tento esconder o desdém na minha voz e espero ter conseguido. A filha da puta tinha que ser tão bonita?

— Essa não é a namorada dele! — Alexandre exclama, colocando uma mão na cabeça. — É a Sofia, a melhor amiga do Eric. Os dois se conhecem há décadas. Além do mais, ela não está interessada nele.

— Como você sabe? — pergunto, duvidando do que ele disse. Que mulher, em sã consciência, não estaria interessada naquele mecânico? O cara é sexo ambulante.

— Bem... Vamos dizer que ela iria preferir estar com você a estar com ele. — Alexandre pisca pra mim.

Ahhhh...

Paro um momento para considerar. Ela é realmente muito bonita.

— Ei, ei, ei! Para de imaginar vocês duas juntas, senão eu vou começar a pensar nisso também! — Alexandre diz, me fazendo cair na gargalhada.

Por mais gata que essa tal Sofia seja, falta algo muito importante na anatomia dela. Algo que sei que Eric tem de sobra.

É então que me dou conta. Filho da puta! Ele estava usando a amiga para fazer ciúmes em mim. Desgraçado, cachorro, sem vergonha!

Deixa estar, jacaré. Sua lagoa ainda irá secar.

O papo muda e começamos a conversar sobre a minha banda. Eles querem saber de tudo: o que tocamos, quando começamos a tocar, quais são minhas músicas preferidas, para qual estilo damos preferência.

Estou no meio da história de como Mika conheceu seu atual namorado, o Henrique, quando sinto os pelinhos da minha nuca se eriçarem. Quando me

viro para olhar o que, ou quem, está atrás de mim, dou de cara com um certo mecânico, que não parece nem um pouco feliz em me ver.

— O que você está fazendo aqui? — eu pergunto assim que ele está perto o suficiente para me escutar.

— Até onde sei, este é um local público — Eric desafia.

— Volta pra sua namorada. Ela precisa de mais alguns orgasmos antes de conseguir dormir.

— Acho que quem tá precisando de alguns orgasmos aqui é você, loirinha. Tá muito irritada. Sexo é famoso por ser uma boa fonte para liberar o stress. Você devia tentar.

A audácia desse homem...

Dou um passo em sua direção e ele repete meus movimentos, se aproximando ainda mais de mim. Quando estou perto suficiente, coloco ambas as minhas mãos em seu peito e olho para cima.

— Você acha que alguns orgasmos me fariam bem? — pergunto com a voz baixa.

— Acho que te fariam muito bem — ele responde.

— Você acha que uma boa noite de sexo, com um pau bem grande entrando e saindo da minha bocetinha apertada, resolveria meu problema? — minhas palavras saem como um sussurro. Meus saltos me deixam quase na altura de sua boca e eu não consigo evitar de olhar para aqueles lábios carnudos. Ele engole em seco.

— Acho que seria a melhor solução possível.

Inclino para perto dele, e Eric faz o mesmo. Quanto nossas bocas estão próximas a se tocar, eu me viro de costas e me afasto, da mesma forma que ele fez comigo antes. Uso Alexandre como apoio e subo em um dos bancos. O movimento é complicado por conta do salto e do vestido justo, mas, pela graça de nossa senhora da vingança, eu consigo.

— Alguém aí está a fim de me dar alguns orgasmos esta noite? — eu grito e o bar todo olha para mim. Vejo inúmeras mãos se levantarem no ar e um coro de “eu” segue o movimento.

Antes que eu saiba o que está acontecendo, meu mundo vira, literalmente, de cabeça para baixo e eu fico cara a cara com as costas de Eric, minha barriga apoiada em seus ombros. Ele me carrega para fora do bar antes que eu consiga me dar conta.

— Me coloca no chão, seu brutamontes! — exijo, mas ele me ignora e continua andando. — Me solta!

— Só te solto quando você parar de dar show e de se oferecer para sabe-se lá quem — ele diz, sua voz grossa é quase um rosnado.

— Eu me ofereço pra quem eu quiser!

— Deixa de criancice, loirinha, que hoje eu não estou com paciência para ser babá de menina rica.

— Ahhhh! — solto um grito. Não sei se de raiva, de frustração ou de cansaço. Tudo que eu quero é a minha casa, a minha cama e o meu rinoceronte de crochê.

De repente, as coisas voltam ao normal. Ou mais ou menos. Ele me recoloca no chão, mas de forma tão brusca que me desequilibro e quase caio. Porém, suas mãos estão aqui, me mantendo firmes no lugar.

Eu me seguro em seus braços para ter melhor apoio. Quando meus olhos encontram os dele, todos os sentimentos que me afligem resolvem sair de uma forma muito inesperada, que nem eu consigo controlar. Eu me jogo em cima dele, colando nossos lábios em um beijo desesperado.



— Pode parar de gritar, Sol! Ela saiu de casa.
— Como assim? — Sol fica me olhando com cara de preocupação.
— Não sei... Vai saber o que se passa na cabeça dessa patricinha mimada. Onde será que ela foi a essa hora da noite?

— Você está preocupado onde ela foi ou com quem ela foi? Por que, vamos combinar, meu velho amigo, que Vale da Esperança não tem muitas opções de entretenimento essa hora e nem perigos para uma pobre moça sozinha na rua. — Sofia ri da minha cara.

Ficamos em silêncio e paro para refletir sobre o que ela disse. Com o que realmente estou preocupado? Sei que a cidade não oferece risco nenhum a Sissi. Mas a ideia de ela, de repente, encontrar um outro homem me consome. Por que sinto ciúmes de alguém que mal conheço? Sissi é linda, tem um rosto que parece de boneca, um nariz que está sempre arrebitado. O seu corpo é uma delícia, seus seios arrebitados, pequenos e perfeitos. A bunda redondinha. Mas não é isso. Isso eu vejo em todas as mulheres que fodo. Algo no jeito com que ela fala, sorri, me afronta e faz as perguntas mais estranhas, é que me chama mais atenção. Quem pergunta se você prefere necrofilia ou zoofilia, quando pega alguém trepando com duas mulheres? Ah, e quando ela me encara, o jeito que morde o lábio inferior ou que seus olhos brilham, ela é... ela é... algo que eu não sei dizer.

— Eric?! — Sofia sacode as mãos em frente ao meu rosto. — Você ouviu o que eu falei?

— Aham?! — Sacudo a cabeça para desviar os pensamentos da loirinha.

— Presta atenção, Eric. Você está encantado com essa menina. Há quanto tempo uma mulher não desperta isso em você?

—Você sabe... Desde a desgraçada, não me relacionei com mais ninguém.

— Então, não acha que está na hora de largar essa armadura e voltar a viver? Eu venho te falando isso tem um tempo. Mas acho que precisava aparecer alguém especial na sua vida pra que você acordasse.

— Mas ela vai embora e eu vou ficar na fossa novamente. Não quero mais isso na minha vida.

Sofia segura nos meus ombros e me força a olhar em seus olhos.

— E você vai deixar de ver se essa história poderia ter um final diferente por medo?

Fico pensando no que Sofia me fala e não é de hoje. Eu quero realmente passar o resto da minha vida aqui, em Vale da Esperança, tendo medo de seguir meus planos, de conhecer uma pessoa bacana, de ter uma família? Isso sempre foi o que eu quis, até a Fernanda me quebrar por inteiro. Depois, com a morte do meu avô, pareceu que eu realmente não tinha outra alternativa. Mas eu sei que tenho. Só preciso parar de ter medo.

— O que eu devo fazer? — pergunto a Sofia. — Como eu posso tentar alguma coisa com ela, depois de tudo que já fiz?

— Comece indo atrás dela. Traga-a pra casa e amanhã, quando acordar, seja o homem que você sempre foi. Tenho certeza de que ela vai notar a diferença.

— Mas se ela fizer perguntas?

— Responda. Conte a verdade.

— Ela vai me achar um idiota.

— E não é assim que você tem se comportado?

Sofia, às vezes, também não ajuda muito. Se ela não fosse tão minha amiga, juro que daria uns gritos com ela. Talvez ela tenha razão.

Levo Sofia para casa enquanto penso em como encontrar a loirinha. Vale da Esperança não é tão grande assim. Se eu der umas voltas pela cidade, com certeza encontro ela. Vou até a praça e nada. Dou várias voltas pela cidade, passo na pousada, no centro, na igreja e nada da loirinha. Talvez ela tenha voltado para casa. Ou pior, ido para casa do Roberto. Isso não. Se ela quisesse ter ido pra casa dele, teria saído direto do restaurante. Quando não tenho mais ideias de onde ir, recebo um direct de Alexandre no Instagram. Uma foto dele, Pedro, Inácio e a loirinha no bar da cidade. A pergunta dele é “tá liberada ou ocupada?”. Rapidamente, digito: “não toca nela FDP, to indo praí.”

Não demoro cinco minutos até entrar no bar e ver que Sissi está mais alegre que o normal, dando risadas altas. Vejo os copinhos de tequila no balcão e me pergunto se ela bebeu tudo aquilo sozinha. Pra uma pessoa do tamanho dela, coma alcoólico é pouco pra tanta tequila. Paro exatamente atrás dela, esperando que me perceba e vire-se.

— O que você está fazendo aqui? — Sissi pergunta assim que me vê.

— Até onde sei, este é um local público. — Como ela pode ser tão

irritante?

— Volta pra sua namorada. Ela precisa de mais alguns orgasmos antes de conseguir dormir. — Sua cara é de total desprezo ao cuspir a palavra namorada.

— Acho que quem tá precisando de alguns orgasmos aqui é você, loirinha. Tá muito irritada. Sexo é famoso por ser uma boa fonte para liberar o stress. Você devia tentar. — Eu deveria ter respondido de outra forma. Mas a capacidade dela de me deixar irritado é fora do comum.

Sissi levanta do banco em que está, meio cambaleando — devem ser as tequilas fazendo efeito —, e dá um passo em minha direção. Faço o mesmo. Ela coloca as mãos em meu peito e me encara.

— Você acha que alguns orgasmos me fariam bem? — sua voz é baixa e sensual.

— Acho que te fariam muito bem.

— Você acha que uma boa noite de sexo, com um pau bem grande entrando e saindo da minha bocetinha apertada, resolveria meu problema? — ela encara a minha boca enquanto fala sussurrando. Fico doido para agarrá-la pela cintura e dar a ela o que realmente precisa.

— Acho que seria a melhor solução possível. — Ajeito meu pau dentro da cueca que está completamente duro com o jeito que ela me encara.

A loirinha aproxima sua boca da minha e, quando está quase me beijando, vira de costas, se afasta, sobe novamente no banco com a ajuda de Alexandre e grita: — Alguém aí está a fim de me dar alguns orgasmos esta noite? — o bar inteiro olha para ela e alguns caras têm a audácia de responder “eu”. Alexandre, Pedro e Igor ficam em silêncio, me encarando. Sorte deles.

Antes que ela escolha algum dessas babacas para lhe dar os orgasmos que eu pretendo dar a ela, a pego do banco, coloco em minhas costas e saio porta afora do bar, a carregando nos ombros. Ela se debate e grita para soltá-la. Ignoro completamente. Ela grita de novo e me xinga.

— Só te solto quando você parar de dar show e de se oferecer para sabe-se lá quem.

— Eu me ofereço pra quem eu quiser! — Menina desafortada.

— Deixa de criancice, loirinha, que hoje eu não estou com paciência para ser babá de menina rica.

Quando ela para de gritar e se debater, a coloco no chão. Ela está tão embriagada que quase cai no chão, mas eu a amparo. Ela agarra meus braços com força, quando a encaro para ver se está bem, me sinto um completo

idiota. A vontade de cuidar dela parece uma necessidade. Assim como a de beijá-la, mas, antes que eu tome qualquer iniciativa, Sissi gruda seus lábios nos meus e enfia sua língua em minha boca de forma desesperada.

A loirinha enlaça suas mãos em meu pescoço enquanto me beija e eu vou procurando a caminhonete, para poder prensá-la contra a lataria. Quando a encontro e pressiono meu pau contra sua barriga, ela se impulsiona para cima e enlaça as pernas em meu quadril, esfregando com força sua boceta no meu pau.

— Ah, loirinha... Você vai me levar à loucura assim... — sussurro no seu ouvido e sinto quando todos os seus pelos ficam arrepiados com a minha voz.

Mordo sua orelha, beijo seu pescoço e vou descendo em direção ao seu colo. Tudo que quero é chupar seus peitos perfeitos. Minha mãos a seguram pela bunda e ela continua friccionando seu corpo contra o meu. A cada beijo que deposito em sua pele, suas costas arqueiam. Sissi joga a cabeça para trás, me dando livre acesso aos seus seios, e agradeço pelo decote do seu vestido. Puta que pariu! Ela está de vestido. Na mesma hora que me ocorre que ela está de vestido (o que significa que está com as coxas e a bunda — apesar de pressionada contra o carro — de fora), escuto bêbados saindo do bar, gritando e assobiando pela cena que veem.

Coloco a loirinha com cuidado no chão, tentando tapar o seu corpo quase à mostra com o meu e abro a porta do carro. Ela bufa, como se estivesse frustrada.

— Entra — digo.

— Não quero.

— Loirinha, por favor, entra no carro. Adoro sexo, mas não em público e nem com bêbados te olhando e imaginando como seria te foder.

— Está com ciúmes, mecânico indecente? — Ela dá uma risada. — Não imaginei que você teria sentimentos.

— Sissi, por favor — sussurro em seu ouvido. — Vamos para casa.

— Só se antes você me responder o que você prefere: lutar contra um pato gigante ou cem patos pequenos?

— Um pato gigante, loirinha.

— Interessante... Você mudou de ideia. — Ela entra no carro e se acomoda.

Enquanto dou a volta na caminhonete, lembro-me de agradecer Alexandre pela mensagem e Sofia por me fazer acordar. Na verdade, o pato

que prefiro não é gigante, mas é uma loirinha patricinha, metida, desaforada e gostosa.



Quando chegamos à porta de casa, Sissi ronca dentro do carro. Não sei como alguém do seu tamanho pode fazer tanto barulho. Tento acordá-la, mas parece que nem se o mundo inteiro explodir como uma bomba, ela vai acordar. Pego-a no colo e ela enlaça os braços no meu pescoço.

— Eric, eu quero...

— Não fala nada, loirinha. Você precisa descansar.

Subo as escadas com ela no colo e a coloco na cama. Tiro seus sapatos e, quando estou quase fechando a porta do quarto, ouço um barulho bem conhecido de noites de bebedeira. Sissi está colocando toda a tequila para fora em cima de si mesma e da cama. Corro para segurar seus cabelos, mas já não dá mais tempo.

Quando ela termina de vomitar e tenta se deitar novamente na cama toda suja, a seguro.

— Você precisa de um banho, loirinha. — Ela sacode a cabeça afirmando que sim. — Consegue ir até o banheiro? — Desta vez, a resposta com a cabeça é não.

Ajudo-a a levantar e a levo até o banheiro do quarto. Ligo o chuveiro com uma mão enquanto, com o outro braço, ela se apoia em mim. Perfeito! Agora eu também preciso de um banho. Tento fazer com que ela fique de pé e entre no chuveiro, mas Sissi parece não ter consciência de nada. Penso no que fazer. Não existe a menor possibilidade de ela tomar banho de roupa e depois dormir com o vestido molhado, mas... puta que pariu! Eu ter que tirar a sua roupa e não tirar nem uma casquinha disso... Só a ideia de tirar a roupa da loirinha deixa meu pau duro como rocha.

Não posso me aproveitar dela bêbada. Nunca me aproveitei de mulher nenhuma e nunca fiz o que elas não quisessem. Posso até ser um cretino que fode com todo mundo e não se envolve emocionalmente, mas me aproveitar de alguma, nem pensar.

Controlando os meus pensamentos sobre a loirinha ficar pelada na minha frente e pensando em quais as melhores estratégias pro xadrez, tiro o vestido vomitado de seu corpo. Sua calcinha e seu sutiã. Respiro fundo para me controlar quando seus seios ficam à mostra. São mais perfeitos do que

imaginei. Duros, empinados, pequenos e com os mamilos contraídos. Pensa no xadrez!

Coloco Sissi embaixo da água morna. Vejo que ela deixou no banheiro shampoo e condicionador. Enquanto tento alcançá-los para tirar a gosma de seus cabelos, a loirinha me puxa para dentro do box e se esfrega em mim.

— Não era isso que você queria de mim, mecânico indecente?

— É isso sim, Sissi. Mas com você sóbria! — Respiro fundo novamente. Meu Deus do céu! Parece impossível manter tanto controle assim. Deve até ser pecado o que ela está fazendo comigo ou algum teste pra ver se me salvo do inferno.

Termino de lavá-la. Não exatamente do jeito que eu gostaria, mas a deixando em condições de dormir, e a seco. Tento me secar também, mas, a cada vez que a solto, ela parece cambaleiar pros lados. Pergunto onde está a roupa dela de dormir e ela apenas balbucia “pelada”.

Carrego Sissi no colo até meu quarto e a coloco na cama. Eu a cubro com o lençol. Ela se acomoda e, em menos de cinco segundos, começa a roncar novamente. Não posso acreditar que tem uma mulher linda e gostosa na minha cama dormindo. Ainda mais sem nem fodermos.

Volto até o quarto de hóspedes, limpo a sujeira e vou tomar um banho. Quando finalmente me deito de barriga pra cima, encarando o teto, pensando em como fazer para pegar no sono com a loirinha, e toda a tentação, ao meu lado, Sissi simplesmente se vira na cama e me abraça. Enroscando suas pernas nas minhas e colocando a cabeça no meu peito. Puta que pariu! Esta noite vai ser a mais longa da minha vida!



Se tequila fizesse bem para a saúde, ela seria vendida na farmácia. Só que, se tem uma coisa que sei, é que tequila emagrece. Acho que de tanto vomitar depois do porre. Infelizmente, não sou como algumas pessoas que sofrem de APT — amnésia pós-tequila. Eu me lembro de tudo que fiz, como fiz e o porquê de ter feito. Ou seja, estou envergonhada até a alma.

Que diabos estava pensando quando resolvi me esfregar no mecânico? Sério! Sim, ele é lindo. Sim, ele é um tesão. Sim, ele tem um pinto que promete me fazer esquecer meu nome. Só que, apesar desses excelentes argumentos, não posso, nem devo, me envolver com ele. Ponto. Preciso me lembrar de ser difícil quando ele está perto.

Quando eu estou sozinha, meu plano é perfeito. Eu sou uma mulher forte e determinada, por isso, resistir às ferramentas do mecânico é fácil, e me fazer de difícil é mais fácil ainda. Afinal, eu sou difícil. Não tenho o hábito de sair por aí ficando com qualquer um. Só quando eu vejo alguém que realmente me interessa. Aí eu vou sem medo. Mas não sou daquelas que se deixa ser usada por qualquer babaca que acha que tem um pau de ouro.

Mas tem alguma coisa nesse mecânico que faz com que meu cérebro pare de funcionar da maneira certa. Merda!

Recosto-me na cama e tento pensar no que fazer a seguir. Uma coisa é certa: eu não vou transar com o mecânico. Chega de ser fraca. Chegar de ser dominada pela libido. Não importa quantas doses de tequila eu tome, sexo com Eric está fora de cogitação.

Decido tomar um banho e me deixar apresentável antes que o veja novamente. Afinal, ele ainda vai pagar caro por ter tentado (e não conseguiu, não mesmo) me deixar com ciúmes com a tal “namorada”.

Quando me levanto, noto que estou nua e outra imagem vem à mente: eu e Eric, dentro do box minúsculo, ele me lavando e eu tentando me esfregar nele. Muito bem, Sissi, mais um motivo para se sentir espetacularmente estúpida nesta bela manhã de segunda-feira.

Mas, se você está no inferno, então abraça o capeta. Segundas-feiras podem ser conhecidas como dias horrendos por ser o primeiro depois do fim de semana, mas hoje ela representa um recomeço. Isso aí.

Tomo um banho demorado, faço todo meu ritual de beleza e me visto com um shorts bem curto e uma camiseta vermelha, que combina com meu All Star. Deixo meus cabelos soltos e aplico um pouquinho de maquiagem, só para tirar o ar de zumbi.

Porém, quando desço as escadas, não encontro o mecânico em lugar nenhum.

— Eric — chamo, esperando que a resposta venha de algum canto, mas apenas o silêncio preenche a sala.

Vou até a cozinha e, para meu espanto, vejo um bilhete em cima da bancada. Ao lado dele, um copo de suco de laranja e um sanduíche de queijo e presunto.

Balanço a cabeça em negativa, mas um sorriso toma meus lábios. Para um babaca egocêntrico, ele consegue ser bem atencioso.

Loirinha,

Fui para a oficina. Se precisar de alguma coisa, estarei lá até o fim da tarde.

Por favor, tente não beber todos os destilados da casa. Não estou com vontade de te ver inconsciente mais uma vez. Prefiro você sóbria.

Até mais tarde, Mecânico Indecente.

P.s.: pelo visto, já estamos na fase de dar apelidos carinhosos. Daqui pra frente, vou te chamar de loirinha safada.

Não posso deixar de rir com a mensagem dele. Que babaca... Dou um gole no suco e uma mordida no sanduíche. Apesar da ressaca, estou morrendo de fome.

Pela primeira vez em anos, tenho um dia sem absolutamente nada para fazer. A sensação é estranha. Termino o café da manhã com calma e vou atrás do meu celular, que deve estar perdido em algum lugar da casa. Quando eu o encontro misteriosamente embaixo da cama, vejo que tenho inúmeras mensagens, tanto nas redes sociais quanto no aplicativo de mensagens.

Be: Cadê você, gracinha? Tá tudo bem?

Mika: Já chegamos em casa e a viagem foi tranquila. Conseguiu um quarto?

Mika: Sissi, responde!

Mika: Sissi, se você não me responder, vou ter que largar meu namorado gostoso e ir aí te buscar. Pense no meu mau humor.

Baby: Manda um sinal de fumaça. Preciso saber se está tudo bem com você.

Sue: Já achou alguém interessante na cidade? Como são os homens locais? Quero detalhes!

Fico emocionada com a preocupação das meninas. E rio das perguntas de Sue. Não sei o que faria sem elas na minha vida. Não as vejo há vinte e quatro horas e já estou com saudade.

Respondo cada uma delas, avisando que está tudo bem e que estou na casa do Eric. Mando meu endereço para Baby, só por precaução.

Além das mensagens dela, tem mais uma que preciso ver.

Número Desconhecido: O encontro de ontem foi maravilhoso. Mal posso esperar para te ver novamente.

Esta última deve ser do Roberto. Só pode. Sinto vontade de rir ao ver que ele quer sair de novo. Imagina só... Nem se ele fosse o último cara do planeta e a perpetuação da espécie dependesse de nós. Sério. Melhor entrar em extinção do que aturar aquele zé mané por mais uma noite.

Depois do aplicativo, checo as redes sociais. Uma foto minha de ontem à noite já teve mais de quinhentas curtidas. Claro que é a foto de quando estou em cima do banco, perguntando se alguém queria me dar orgasmos. É óbvio que tiraram uma foto. Não sei como, mas descobriram meu nome e me marcaram. Excelente.

No direct, tenho uma mensagem de Alexandre.

Adorei te conhecer. Apesar de o fim da noite ter sido, no mínimo, interessante, acredito que podemos nos tornar bons amigos. Que tal almoçarmos juntos algum dia dessa semana?

Realmente, Alexandre é um cara bem legal. Ter conhecido a ele e seus amigos foi, sem dúvida, um dos melhores momentos da noite. Eles são engraçados e têm um papo legal. Não sei se estou pronta para novas amizades, e nem quero que Alexandre confunda as coisas. Por isso, em vez de aceitar de cara, respondo a mensagem, dizendo que, assim que der, aviso e combinamos alguma coisa. Bem vago. Não é um sim e nem um não. Ele manda um coraçãozinho, que, no Instagram, quer dizer várias coisas: ok, obrigada, tudo bem, beijos...

Ligo a televisão da sala, à procura de alguma coisa para ver. Passo por todos os quinhentos canais e não encontro nada remotamente interessante.

Meu olhar se volta para o bilhete que Eric me deixou mais cedo. Ele disse que, se eu precisasse de alguma coisa, poderia ir para lá. Eu estou, de fato, precisando de alguma coisa — e essa coisa se chama “entretenimento”. Para mim, é um mistério quando as pessoas conseguem simplesmente fazer nada. Estou há meia hora aqui e já não aguento mais. Estou a ponto de explodir de tanto tédio. Se isso não é uma emergência, então não sei o que é.

Subo correndo para o quarto, enfio algumas notas dentro da carteira plástica que protege minha identidade, coloco no bolso, junto do meu celular, e saio porta afora. Não faço a mínima ideia de onde seja a oficina dele, mas Vale da Esperança é menor que um ovo de codorna. Com certeza, alguém vai me ajudar. Pergunto para a primeira senhorinha que vejo que, com um sorriso no rosto, me aponta na direção certa. Ela diz que fica a menos de dez minutos a pé. Ótimo. Bom que eu conheço um pouco da cidadezinha.

Como é segunda-feira, o comércio está aberto. Pessoas entram e saem das lojas, pessoas caminham com sacolas nas mãos, homens e mulheres conversam e cumprimentam uns aos outros. É a típica vida na cidade pequena. O que mais me encanta aqui é o fato de não ter sinais de trânsito e, para o meu total e completo espanto, os carros param para as pessoas atravessarem a rua na faixa de pedestres. Paro em todas as faixas que vejo pelo caminho, só para poder atravessar a rua e ter certeza de que ninguém irá me atropelar. É o milagre da vida no interior.

O sol está forte, mas a caminhada é agradável. O ar aqui é mais puro. Mesmo sendo um perímetro urbano, não há aquela barulheira de carros e buzinas. Eu poderia me acostumar a viver em um lugar assim.

Minha mente conjura a ideia. Eu, caminhando com meus dois filhos em direção à escola, cumprimentando a dona Fulaninha, esposa do seu Não-sei-o-que-das-quantas. O filho número um pede um picolé, enquanto o filho número dois prefere um pirulito. Como sou uma mãe exemplar, digo não aos dois e prometo que terão berinjela recheada no jantar. Eles vibram de felicidade. Quando eu penso no pai das crianças, que prometeu me encontrar para uma rapidinha no meio da tarde, a imagem do mecânico me vem à mente. Bruscamente, eu paro de andar e acabo esbarrando em alguém.

— Ei, olhe por onde anda! — a mulher diz, ralhando comigo.

Eu murmuro um “desculpa”, mas permaneço parada no mesmo lugar. Tenho que parar de pensar no mecânico como qualquer coisa que não um doador de orgasmos. Ou um nada. Acho que nada é melhor. Por mais que orgasmos sejam deliciosos, me sentir humilhada depois não compensa.

Eu sou difícil. Eu sou a mulher mais difícil do mundo. Eu sou completamente inacessível. Repetirei isso para mim mesma quantas vezes forem necessárias.

Determinada a ser difícil, passo na sorveteria e compro duas casquinhas. Uma para mim e outra para Eric, que está na oficina do outro lado da rua.

Para minha felicidade, há uma faixa de pedestre bem perto de onde estou. Não me canso de atravessar a rua. É algo libertador não ter que esperar a luz vermelha acender, e mesmo assim correr risco de ser atropelada por alguém que gosta de avançar o sinal.

A oficina é... Bem, uma oficina. Cheia de ferramentas, carros, sujeira e muitas coisas que não faço a mínima ideia para que servem.

— Eric — chamo o nome dele. À minha esquerda, escuto um bang de alguma coisa batendo na lataria.

— Puta que pariu! — ele grita e não consigo segurar o riso.

Para o meu total desespero, eu me viro e vejo Eric saindo de baixo de um carro. Ele está deitado sob um skate, ou algo do tipo. Quando se levanta, vejo que está sem camisa, suado, sujo de graxa e completamente irresistível.

Todos aqueles músculos definidos estão à mostra, ainda mais evidentes por estarem brilhando. Diferente de muitos caras com quem eu fiquei, Eric é homem. Homem mesmo. Ele tem pelo no peito — não muito, mas o suficiente para arranhar enquanto estiver em cima de mim. Ele limpa o suor da testa e eu juro que vejo tudo em câmera lenta. Minha garganta está seca, minhas mãos tremem e minha amiguinha lá embaixo está desesperada para saber como é ter um homem como ele me dando prazer.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta, me olhando de cima a baixo.

Eu demoro um pouco a responder. Meu cérebro parece ter entrado em curto circuito com a visão à minha frente.

— Loirinha?

— Oi? — Sacudo a cabeça, tentando afastar pensamentos pecaminosos.

— O que você veio fazer aqui? — Não posso deixar de notar o sorriso safado que ele tem nos lábios.

— Eu estava entediada, então resolvi passear pela cidade. Daí vi sua oficina e pensei que podia te trazer um sorvete — eu digo e estendo uma casquinha para ele.

Claro que omito o fato de que eu saí de casa com a intenção de vir aqui e, inclusive, perguntei sobre onde era.

Eric caminha na minha direção, todo aquele corpo feito para o pecado parece uma sirene que berra Siiiiissi, Siiiiissi, Siiiiissi.

Quando ele está quase pegando o sorvete, puxo minha mão para trás.

— Se você pudesse ser um super-herói por um dia, quem você escolheria: Batman ou Thor?



— Se você pudesse ser um super-herói por um dia, quem você escolheria: Batman ou Thor? — a loirinha de microshorts me pergunta.

Ela está dentro da minha oficina, estendendo uma casquinha de sorvete pra mim, depois de ter perdido qualquer noção de espaço e tempo me encarando e ter passado a noite inteira se esfregando em mim na minha cama. Minha vontade é rir da pergunta e jogá-la em cima do capô de qualquer carro aqui parado. Não sei se ela lembra exatamente das coisas que aconteceram na noite passada, mas não quero deixá-la constrangida. Tudo que eu posso dizer é que não preguei o olho a noite inteira. Também, pudera. Quem conseguiria dormir com uma mulher se esfregando daquele jeito sem tirar uma lasquinha?

— Qual dos dois você gostaria que eu fosse? — devolvo a pergunta e ela segue me encarando.

— Eu perguntei primeiro e não é uma questão de preferências e, sim, de identificação — ela fala séria, como se a vida dependesse da minha resposta.

— Vamos lá, loirinha. Primeiro que Thor não é super-herói e, sim, o Deus nórdico pagão dos trovões e das batalhas. Não sou tão convencido assim pra me achar um Deus. Então, me sobraria o Batman... Porém, não curto o cara. Se parar pra pensar, ele só vira o Batman pra buscar vingança... — A loirinha faz uma cara de incrédula e continuo: — Sabe quem eu queria ser?

— Quem? — ela parece realmente interessada na resposta.

— O seu mecânico indecente! — Pisco o olho para ela, pego a casquinha de sua mão e dou um beijo em sua bochecha, bem no canto da boca, só para provocar. — E você, dormiu bem?

Sissi me encara como se estivesse vendo um fantasma. Ou um E.T. Não sei distinguir direito que tipo de olhar é esse. Mas que parece que ela está vendo algo inacreditável, parece.

— Dormi sim. — Ela abaixa a cabeça, envergonhada. — Desculpe por ontem à noite e pelo trabalho que te dei.

— Não tem problema, não, loirinha! Eu até que gostei de ser usado de travesseiro. Teria gostado mais se tivesse aproveitado antes, mas, no estado que você estava, não tinha condições. — Sorrio e pisco novamente. Ela

continua me encarando, como se estivesse vendo seres com cinco braços e três pernas. — Então, o que achou da cidade em suas caminhadas noturnas e diurnas?

— Achei uma graça, sabe?! Sempre quis morar em um lugar assim. Pequeno, onde todos se conhecem. Fico imaginando criar meus filhos assim, em um lugar onde as pessoas respeitam os pedestres, não precisam ficar todo tempo presas em casas com grades ou edifícios com câmeras de segurança. — Sissi tem um sorriso sincero quando fala da cidade.

— Sério? — questiono, surpreso com a empolgação dela sobre Vale da Esperança.

— Claro! Tô falando super sério. Por quê? Só porque você me acha uma patricinha metida eu não posso gostar da vida no interior? — A loirinha parece ofendida com meu questionamento.

— Não é, Sissi... é que eu nunca pensei nesse lugar desse jeito. Para mim, aqui sempre foi um fardo ou um carma, não sei bem. Sempre quis ir embora e nunca mais voltar. — Agora é ela que parece surpresa.

— E por que não foi? Ou melhor, por que não ficou na cidade grande quando fez faculdade? — A loirinha dá uma lambida em sua casquinha e, involuntariamente, meu pau pensa que ele é o sorvete e se manifesta. Sim, meu pau tem pensamentos próprios.

— É complicado, meu avô me criou depois que meus pais faleceram em um acidente de carro. Ele já era viúvo na época. Eu tinha onze anos. Então, quando terminei a faculdade e... — Respiro fundo. Não quero contar sobre Fernanda e toda a merda que se passou. — Bem, depois que terminei a faculdade, ele estava começando a ficar doente e já não podia mais se cuidar sozinho. Por isso, voltei pra ficar perto dele e auxiliá-lo. A mecânica foi fundada pelo meu bisavô e ele sempre cuidou do negócio. O único herdeiro era eu. Quando ele adoeceu, passei a tomar conta de tudo e, mesmo depois que ele faleceu, fiquei aqui. — Ela parece ter feito uma grande descoberta.

— Ah! Então a casa que você mora era dos seus avós? — Balanço a cabeça em afirmação. — Agora está explicado.

— Explicado o que, loirinha?

— A decoração... o aconchego... todo aquele lugar não parece ter a ver com você...

Dou uma risada com a constatação dela. Termino meu sorvete enquanto ainda conversamos sobre minha casa, a decoração e os pratinhos de porcelana pendurados na parede que parecem tê-la encantado.

— Você nunca pensou em colocar alguém para administrar aqui e seguir seu sonho? — Sissi me faz a mesma pergunta que já me fiz inúmeras vezes. Só que de modo diferente. A pergunta mesmo é: por que eu nunca fui realmente atrás do que eu queria? E a resposta eu sei: por causa da Fernanda e de todo o trauma que tudo isso me trouxe.

— Pensei... mas nunca tive realmente uma motivação para ir adiante com essa ideia. — A loirinha ainda parece enxergar um ser de outro planeta na sua frente. — Mas me diga. Quais os planos para hoje?

— Não sei... acho que já caminhei a cidade toda. Posso ficar aqui e ajudar você. — Por um minuto, parece que ela se arrepende da oferta. — Se não for te atrapalhar, é claro.

— Claro que não atrapalha. Você pode me ajudar alcançando as ferramentas. Entende alguma coisa de ferramentas, loirinha?

Sissi ri para mim e pergunta por onde começamos. Ficamos o resto da manhã conversando sobre carreira, planos e sonhos. Ela parece não gostar muito de falar da sua família e, sempre que pergunto, ela foge do assunto. Mas o resto da manhã se torna mais agradável em sua companhia, ainda mais cada vez que saio de baixo do carro e dou de cara com suas pernas.

— Que você acha de a gente fazer uma pausa e ir almoçar? — pergunto, saindo completamente debaixo do carro e encarando-a. A cara que ela faz cada vez que me vê nesse estado é como um leão vendo um veado correndo pela savana.

— Claro! — a loirinha demora um pouco a responder. Será que ela fica nos imaginando fodendo e fica molhada com isso?

— Vou só tomar um banho rápido e vamos.

A oficina tem um pequeno apartamento aos fundos. Além do escritório, tem uma cozinha e uma suíte. O meu avô contava que, quando meu bisavô construiu aqui, ele ainda era solteiro e muito pobre, por isso fez sua casa junto com a oficina.

Tomo meu banho, coloco uma roupa limpa, desodorante e um pouco de perfume. Logo que saio em direção à oficina, ouço as risadas de Sissi. Já imagino o que esteja acontecendo.

— Mas, afinal, foram vocês que avisaram ele onde eu estava? — ela pergunta. Apresso o passo antes que seja respondida.

— Pontualidade de sempre, hein, Alexandre?!

— Se eu não levo esse cara pra almoçar todos os dias, ele fica aqui no meio da graxa e esquece que tem que comer — Alexandre fala para Sissi. —

Esse bonitão aí precisa que sempre tenha alguém cuidando dele.

Sissi ri do comentário de Alexandre e, antes que a conversa se estenda, resolvo sair caminhando. Eles vêm atrás. Mas não será fácil me livrar de todas as histórias que sei que Alexandre irá contar para ela sobre a nossa infância e adolescência. Caminhamos duas quadras até o restaurante, enquanto o assunto principal é a noite anterior e o pedido de orgasmos da loirinha. Diferente da envergonhada Sissi que pediu desculpas pelo trabalho que me deu mais cedo, essa que agora conversa com Alexandre animadamente dá risadas da cena que protagonizou. Olhando-a sorrir e tão à vontade com Alexandre, passa em minha cabeça a imagem da loirinha e eu mais velhos, sentados na varanda de casa, contando aos nossos netos adolescentes do fiasco que a vovó fez quando conheceu o vovô.

Eu só posso estar ficando louco.



Uma vez eu li em um livro que a evolução do homo sapiens só foi possível por causa da fofoca. Tá, o cara explicou de forma mais elaborada. Mas o que ele quis dizer foi exatamente isso. De todos os homo que existiram, o sapiens só sobreviveu porque foi capaz de fazer fofoca, ou melhor, transmitir informações sobre o que viu e viveu e repassou as descobertas.

Pensando assim, as velhinhas do Vale da Esperança podem ser consideradas as mais evoluídas de nossa espécie.

Assim que eu, Eric e Alexandre entramos no restaurante, a gangue do mal — formada por mais ou menos oito senhorinhas que, juntas, somam mais idade do que a cidade em si — já está lá. Imediatamente, elas param de falar e voltam suas atenções para nós. Elas observam cada movimento meu. Meus shorts causam espanto. Meu riso alto também. E o fato de eu estar acompanhada de dois belos homens deve ser um despautério.

Elas cochicham entre si, provavelmente se perguntando quem sou eu e o que eu estou fazendo com os pobres homens.

— Quem são elas?

— Quem? — Eric pergunta, olhando para os lados. Quando ele vê o grupo que nos observa, ele dá um tchauzinho e lança um sorriso simpático para as moçoilas. — São as Joaninhas.

— Hein?

— Joaninhas. Elas são o grupo de senhoras da igreja, que se autointitularam Joaninhas. São as responsáveis pela maior parte da caridade de Vale da Esperança. Todas viúvas. Todas nascidas e criadas aqui. Todas com muito tempo livre e um interesse descomunal na vida alheia — ele explica e Alexandre não consegue conter uma risada.

— Elas sabem de tudo. E o que não sabem, supõem — Alexandre diz, puxando a cadeira para que eu me sente. Escuto um rosnado baixo vindo de Eric, mas resolvo fingir que nada está acontecendo. Apenas sorrio internamente.

Eles optaram por uma mesa no fundo. O restaurante não é muito grande, mas como é o único na cidade que funciona na hora do almoço, pelo menos

quinze mesas estão espalhadas pelo salão.

— O que tem de bom aqui? — pergunto, olhando o cardápio que já estava em cima da mesa.

Alexandre e Eric me ignoram e, quando levanto a cabeça para repetir a pergunta, vejo que os dois me analisam com curiosidade. Sinto-me como se fosse um animal no zoológico.

— O quê? — questiono. Será que tem alguma coisa no meu cabelo?

— Nada... Às vezes, esqueço que você não é local — Eric diz e eu levanto uma sobrancelha, não entendendo o que ele quer dizer com esse comentário. Ele percebe minha expressão e explica: — É que todos sabem que esse cardápio é só decoração. Marcinha faz o que dá na telha.

— Marcinha?

— É a dona da Oca do Tatu.

— Oca do Tatu? Que diabos é isso?! — Meu tom de voz é mais alto do que o normal, fazendo com que todos os outros clientes se virem para mim.

Ótimo, mais um motivo para todos me olharem de forma estranha.

— É o nome do restaurante onde estamos — Alexandre explica.

— Então, vamos ver se eu entendi. A Oca do Tatu, nome que, por sinal, não faz qualquer sentido, é o único restaurante do Vale da Esperança, e Marcinha, a dona e cozinheira, cozinha o que bem entende.

— Bem-vinda à vida no interior — Eric diz, dando de ombros. — Tem certeza de que você gostaria de morar numa cidadezinha como esta?

— Responderei sua pergunta depois de ter experimentado o prato surpresa da tal Marcinha.



Posso me considerar uma pessoa sortuda. De todas as coisas que poderiam ter chegado à mesa, o prato do dia era uma deliciosa carne assada com batatas, arroz e um feijão tão maravilhoso que quase fui à cozinha pedir a receita. Fazia tempo que eu não comia uma comida caseira tão gostosa assim.

Comi dois pratos e em momento nenhum pensei em quantas calorias eu estava ingerindo.

— Fico feliz que tenha gostado — Alexandre fala, olhando para mim. Eu estou completamente esparramada na cadeira, as duas mãos em cima da minha barriga, que parece ser de uma grávida de quatro meses. Se não fosse

falta de modos, eu abria o botão dos meus shorts.

— Se essa for a comida de todos os dias, estou quase fazendo minhas malas e mudando para cá — comento.

— Realmente, Marcinha se superou hoje.

Eric também não ficou pra trás e encarou dois pratos ainda maiores que os meus. Na verdade, o almoço foi bastante agradável. Não apenas a comida, mas a conversa também.

Pelo que descobri, Alexandre e Eric são amigos desde moleques. Os dois praticamente cresceram juntos. Alexandre contou várias histórias de Eric durante o almoço. Várias de quando eles eram crianças e de como Eric só se metia em confusão na escola. Outras de quando eles eram adolescentes e de como só tinham uma coisa em mente: meninas.

— E na faculdade? Quero saber tudo! — peço em tom de brincadeira, mas, por dentro, estou realmente curiosa para saber a resposta. Pelo visto, já posso me juntar às Joaninhas.

Alexandre olha para Eric, que o encara de forma séria e nem um pouco feliz. Algo no olhar dele promete um assassinato a sangue frio caso Alexandre conte algo que não deveria.

— Nada demais — o amigo responde, fingindo indiferença e dando de ombros. — Mas me conte sobre você. De onde você vem?

Lá vêm as perguntas pessoais... Por que eles precisam saber de onde venho, qual meu sobrenome e quem são meus pais? Pessoas normais não deveriam perguntar isso.

— Isso não faz muita diferença, mas eu preciso saber uma coisa ainda mais importante — os dois me olham e, pelo visto, Eric já sabe o que está por vir. Ele balança a cabeça negativamente e esboça um sorriso. — O que você prefere: sofrer um ataque de abelhas ou de lobos?

Alexandre apenas me encara e pisca algumas vezes, como se não tivesse entendido a pergunta. Porém, Eric já se acostumou com o meu jeito. Ele nem pensa, e logo responde: — Acho que tenho mais chance de sobrevivência com um ataque de lobos. Eles não são tão diferentes assim de cachorros. E eu sou alérgico à picada de abelhas.

— Que tipo de pergunta foi essa? — Alexandre indaga, ainda sem entender muito bem.

— Bem-vindo à convivência com a loirinha safada — Eric diz. Ele cruza os braços e se recosta na cadeira, provavelmente esperando que eu reclame do apelido. Ah, pobre coitado... Se ele soubesse o quão verdadeiro é

esse apelido, ele não estaria brincando dessa forma.

— Pois é, mecânico indecente... Um problema sério. Agora, me deem licença que eu vou ao banheiro e já volto.

Eu levanto da cadeira e desfilo até o banheiro, tentando colocar mais rebolado na minha forma de andar.

Será que o fato de eu ter me vestido provocativamente não causou nenhuma “alteração” em Eric? Pensei que ele tentaria me agarrar no minuto que me visse.

Minha tentativa de sedução foi frustrada. De repente, ele só se sente atraído por vestidos curtinhos. Se eu quero fazer com que Eric sofra, então preciso me tornar mais atraente para ele.

Vou ao banheiro e faço o que preciso. Quando saio da cabine, uma mulher está me esperando o lado de fora. Ela é morena e tem um cabelo afro de causar inveja. O turbante que ela usa só contribui para o charme. Ela é linda, mas a cara de desaprovação com que me olha de cima a baixo faz com que suas feições percam um pouco da beleza.

— Posso te ajudar? — pergunto, colocando ambas as mãos na cintura. Se ela está querendo me intimidar, vai precisar de mais do que um olhar de desprezo. Ela pode não saber disso, mas eu cresci numa selva de julgamentos. Pouco me importo com o dela.

— Fique longe dele — ela diz, olhando fixamente em meus olhos.

Eu não consigo evitar e solto uma gargalhada.

— Fique longe dele — repito, tentando imitar a voz dela, o que me faz rir ainda mais.

— Você é louca, garota?

Tento parar de rir o suficiente para conseguir responder à provocação dela.

— Possivelmente, mas eu não estou rindo porque sou louca. Estou rindo da sua audácia. E do momento “série teen da Netflix”. Honestamente, nunca pensei que as pessoas realmente fizessem isso. Muito obrigada por me fazer viver isso — eu digo e desvio dela, indo em direção à porta.

— Ei. Eu tô falando sério. Se afasta do Eric, ele não é o tipo de homem que sossega com menininhas que nem você.

— Ai, gente. Sério. Estou me sentindo especial. — Dou um abraço nela, que me afasta rapidamente. — Se você não fosse tão clichê, a gente poderia ser amigas. Uma pena.

Saio de lá sem terminar de ouvir o que ela tinha a dizer. Que momento

divertido...

Volto à mesa com um sorriso de orelha a orelha. Os dois me encaram com espanto, não entendendo o motivo de tamanha alegria.

— Gente, as pessoas aqui são excelentes. Estou cada vez mais interessada na vida no interior. Vamos?

Pego a minha comanda e sigo em direção ao balcão de pagamento. Eric e Alexandre me seguem. Quando estou entregando o papel para a moça do caixa, Eric o tira de minha mão.

— É por minha conta — ele diz, um sorriso tímido em seus lábios.

— Obrigado — Alexandre fala, entregando seu papel para ele também.

— O almoço dela é por minha conta, não o seu, babaca.

Eu fico na ponta do pé e dou um beijo em sua bochecha, no cantinho da boca, da mesma forma que ele fez comigo antes.

— Quanto cavalheirismo. Obrigada — sussurro as palavras para que apenas ele escute e sigo para a saída. Rebolando, claro.

Em vez de voltar para a oficina, eu digo a ele que vou explorar um pouco mais da cidade. Eric parece desapontado com meus planos. Mal ele sabe que pretendo fazer algo legal para o jantar. Sem falar que também pretendo comprar uma roupa bem bonita e, se existir aqui, uma lingerie bem safada. Vai que...

Não! Eu sou difícil.



Quando abro a porta de casa, no fim do dia, sinto um cheiro gostoso de molho bolonhesa.

— Loirinha? — chamo por Sissi.

— Oi! Tô aqui na cozinha!

Caminho até a cozinha da minha casa e, mentalmente, rezo para que a loirinha não a tenha destruído. Apesar do cheiro delicioso, não sei exatamente se a patricinha sabe como ligar um fogão. Paro na porta e seguro a respiração. Sissi está de costas, com a bunda arrebitada, espiando alguma coisa no forno. Meu pau, na mesma hora, dá sinais de vida. Que bunda mais deliciosa! Puta que pariu!

— Oi — digo baixinho para não assustá-la.

— Oi! — A loirinha vira apenas o rosto para mim, fecha a porta do forno e se levanta, vindo em minha direção. — Espero que não se importe de eu estar usando a sua cozinha. — Ela dá um sorriso tímido. — Queria retribuir a delicadeza do almoço.

— Claro que não. O cheiro está ótimo! — digo no momento em que ela para em minha frente e me dá um beijo na bochecha, bem no canto da boca novamente. Essa loirinha vai me deixar maluco.

— Vai tomar um banho, então, e colocar uma roupa confortável. Em alguns minutos, o jantar estará servido. — Ela faz reverência, segurando as duas pontas do vestido que está usando e abaixa um pouco, sorrindo.

Sissi parece mais linda do que nunca nesse vestido florido. Parece até que é uma das meninas daqui do interior. O vestido curtinho, que chama atenção pra suas pernas, e de alcinhas, que fazem com que eu não consiga tirar os olhos dos seus seios perfeitos, dá a ela um ar de menina inocente. Só consigo imaginar que, por baixo desse vestido soltinho de boa menina, tem uma calcinha preta de renda fio dental.

— Eric! — ela me chama com um sorriso malicioso no rosto. — Vai tomar banho, mecânico indecente. O jantar está quase pronto.

— Tá bom. — Não perco a chance de, antes do banho, sentir a loirinha mais perto e me aproximo dela novamente, retribuindo o mesmo beijo de canto da boca. — Já volto.

Subo as escadas pensando em como é bom ter alguém me esperando em casa com o jantar. Não pelo jantar, porque até que eu me viro bem na cozinha, mas pela companhia. Não! Não é pela companhia. Não é bom ter alguém me esperando em casa, é bom ter Sissi aqui. Eu poderia me acostumar com isso.

Meu celular vibra dentro do bolso e imagino que seja alguma emergência. Fico puto só de pensar no cheiro bom da cozinha e ter que sair de casa pra atender algum imbecil que provavelmente não fez a manutenção do carro corretamente. Mas, quando olho a mensagem, simplesmente não acredito no que vejo: “Ela nunca vai te satisfazer como eu”. E vem do número da mulher do prefeito. Mulher essa que eu já comi algumas vezes só pelo prazer de saber que estou fodendo a mãe do Roberto.

Apenas respondo: “Ela me satisfaz mais do que você pensa e em todos os sentidos. E não estou mais disponível”. Antes que possa receber alguma resposta, bloqueio o número. Era só o que faltava alguém dessa família tentar me foder de novo.



Depois do banho, coloco apenas uma calça de moletom e desço as escadas. Lembro de levar uma camiseta para a hora do jantar. Meu avô sempre disse que era falta de educação sentar-se à mesa sem roupas. Sissi arrumou a mesa da sala para jantarmos. Não sei quando foi a última vez que fiz uma refeição ali, mas, com certeza, foi antes do meu avô falecer. Minha casa toda parece mais colorida com a presença dela. Ouso pensar que ela realmente dá vida ao local. Pela primeira vez em muito tempo, me sinto em casa, no lugar que sempre morei.

Volto para a cozinha, procurando pela loirinha. Lá está ela, de costas, lavando alguma coisa da pia e cantarolando baixinho uma música que não consigo identificar. Em cima da mesa auxiliar, vejo uma garrafa de Cabernet Sauvignon, o abridor e duas taças. Pelo visto, Sissi entende de vinhos. Fico apenas observando seus movimentos. Encosto a cabeça no batente da porta e, por alguns segundos, me permito imaginar como seria se ela resolvesse realmente ficar — e ficar comigo.

— Ah! Você já está pronto — Sissi diz assim que se vira e me pega no flagra, a observando. — Já ia invadir o banheiro e te buscar. — Ela sorri. Não sei por que, mas parece que ela está bem mais sorridente. — Quer abrir o

vinho pra gente? — A loirinha aponta para a garrafa na mesa auxiliar.

— Qual será o cardápio de hoje? — questiono, sorrindo de volta. Parece que eu também estou mais sorridente hoje.

— Lasanha. — De repente, a sua voz parece meio nervosa. — Você gosta, né?! Devia ter perguntando antes se você gostava, mas, se não gostar, posso... — Eu a interrompo.

— Óbvio que gosto. Pessoas que não gostam de lasanha nesse mundo, com toda a certeza, têm problemas. — Sirvo o vinho e estendo uma taça para ela. Eu me aproximo para brindarmos. — Então, vamos brindar a quê?

— À vida no interior? — ela sugere.

— À loirinha safada? — sugiro, piscando para ela.

— Ao mecânico indecente? — Ela dá uma risada.

— Ao destino?

— Já sei! — ela grita, eufórica. — Ao ônibus velho e quebrado.

Ambos rimos e brindamos ao ônibus quebrado que fez essa loirinha aparecer em minha vida.

Jantamos em um clima completamente descontraído. A lasanha de Sissi está uma delícia e o vinho se encarrega de nos deixar cada vez mais soltos. Conversamos sobre um pouco de tudo, nada sério. A loirinha fala bastante de sua banda, suas amigas, a turnê e todos os planos e projetos que elas têm. Pouco fala sobre sua família e percebo que foge bastante do assunto. Eu conto mais sobre meu avô, os negócios da família e evito falar sobre Fernanda e o passado. Pelo menos sobre essa parte. Parece que ambos queremos guardar alguns segredos.

Quando terminamos, recolho os pratos e arrumo a cozinha. Sissi apenas me observa, segurando sua taça e saboreando o vinho.

— Que tal vermos algo na Netflix quando eu terminar aqui? — pergunto pra ela, implorando por dentro que ela diga sim. Não quero que essa noite acabe com cada um em seu quarto.

— Acho uma boa ideia. Mas precisaremos da outra garrafa de vinho que guardei no armário. — Ela olha para o copo vazio e depois para mim. — Acho que a garrafa estava furada.

Procuro a outra garrafa no armário e vejo que não tem só mais uma e, sim, mais três. Pelo visto, a loirinha realmente gosta desse vinho ou precisa de coragem líquida para fazer algo. Tomara que ela tenha segundas intenções com tanto vinho. Abro a garrafa, sirvo a taça dela e me sirvo também. Sentamos no sofá e ligamos a televisão, procurando algo pela Netflix.

— O que você quer assistir? — pergunto para ela.

— Adoro filmes de terror e suspense. Daqueles que fazem a gente pular do sofá.

— Você realmente é surpreendente.

— Por quê?

— Achei que ia dizer comédia romântica... Combina mais com esse seu vestidinho de menina inocente e seu rosto de porcelana.

— Ah, mecânico indecente... — ela suspira e me encara. — Você ainda não me conhece. — Ela dá uma frisada no ainda que faz meu pau levantar na hora.

Escolhemos o filme e tento ignorar completamente o meu pau latejando. Sissi parece atenta ao filme, enquanto eu só consigo ficar atento a ela e suas reações. Cada gesto, cada sorriso, cada vez que ela se mexe ou balança os cabelos, faz com que eu fique mais hipnotizado por ela. O pensamento de que eu poderia me acostumar com essa rotina e Sissi dentro da minha casa não sai da minha cabeça. Nem vejo o que acontece na televisão e só acordo na hora que a loirinha dá um pulo do sofá, senta no meu colo e esconde seu rosto em meu pescoço. Puta que pariu!

Quando ela tira o rosto lentamente do meu pescoço e me encara, sua reação é outro pulo. Só que, dessa vez, ela pula pra fora do meu colo, virando o conteúdo de sua taça em cima de si mesma.

— Que merda! — ela grita e, sem pensar em nada, tira o vestido do próprio corpo na minha frente e puta que pariu! Ela está sem sutiã e com uma calcinha preta de renda minúscula, enfiada na bunda. Obrigado, Deus! É tudo que consigo pensar enquanto meu pau lateja desesperadamente e pensa em fodê-la de todas as maneiras possíveis.



Eu sabia que o vinho seria minha perdição. Por um tempo, pensei que poderia ser a tequila, mas o vinho, meu primeiro amor, acabou vencendo.

O vestido que eu acabei de comprar está completamente arruinado. Foi o vinho associado ao efeito do vinho. A quem estou querendo enganar? Eu não estou bêbada, não posso pôr a culpa no pobre... A culpa mesmo é dele. O filho da puta tinha que ser tão cheiroso? E duro... Eu estava lá, de boa, assistindo ao Silêncio dos Inocentes (filme velho, mas que eu amo). Quando eu pulei no colo dele, a primeira coisa que eu senti foi algo cutucando minha perna. Eu estava quase me derretendo quando me lembrei que eu era uma mulher difícil e pulei fora do colo dele, causando um ligeiro acidente.

O que uma pessoa normal faz quando derrama uma taça inteira de vinho no vestido novo? Tira o vestido e leva correndo para lavar.

Tento ignorar o olhar de lobo faminto que Eric me lança: vou para o banheiro, na tentativa de conseguir lavar antes que manche.

Não sou uma pessoa muito consumista. Aprendi da forma mais dura que o dinheiro não define quem você é, muito menos o seu caráter. Por isso, hoje em dia, tento comprar o mínimo de coisas possível e dou valor a tudo que tenho, porque fui eu quem trabalhei para conseguir.

Depois que nos despedimos na hora do almoço, fiz questão de comprar um vestido bonitinho para o jantar. Queria impressionar/torturar o mecânico.

Só que, agora, tudo está arruinado.

Esfrego o líquido vermelho do tecido, mas sem muito sucesso. A mancha, por mais que não seja tão nítida, ainda está lá.

— Droga, droga, droga — reclamo, ainda esfregando. Mas o desastre estava feito.

— Ahmmm, loirinha? — Eric me chama, mas não me viro para ele. Estou imersa na tarefa.

— Oi? — pergunto, ainda de costas.

— Tá tudo bem aí?

— Não, não tá bem. Eu acabei de destruir meu vestido novo — digo, um pouco manhosa, olhando para o pedaço de pano estragado em minhas mãos.

— Por aqui também não está nada bem — ele murmura e eu fico

preocupada. Será que eu sujei as roupas dele também?

Com medo que o estrago que fiz tenha sido maior do que pensei, eu me viro para ele.

Por um segundo, o mundo para. Meu coração para. Minha respiração para.

Eric me olha de uma forma que jamais pensei ser olhada. Não é desejo, nem tesão. É total e completa adoração.

Ambas as suas mãos estão apoiadas no batente da porta, seu corpo inclinado para frente. Mas seus olhos... Ah, seus olhos não saem de mim e parecem estar absorvendo cada parte do meu corpo. Cada curva, cada ângulo, cada imperfeição.

Eu estou quase nua, exposta. Muito mais do que apenas olhar, Eric me enxerga.

O ar crepita e é como se o pequeno banheiro estivesse cheio de energia. Minha. Dele. Do desejo que sentimos.

Eu respiro fundo e fecho os olhos, tentando controlar meu coração, que está descompassado. A ansiedade toma conta de mim e não sei se dou um passo para trás ou um para frente, em direção àquilo que quero, mas sei que não posso ter. Por isso, fico parada. Respiração irregular e as malditas borboletas no estômago.

Algo está prestes a acontecer. Algo que não sei se serei capaz de controlar. Muito menos superar quando tudo for por água abaixo.

— Sissi... — ele diz meu nome e dá um passo para frente.

Seu olhar deixa meu corpo e se concentra no meu rosto.

Ele dá mais um passo à frente e eu consigo sentir o calor do seu corpo. Eu o encaro e vejo quando ele puxa o ar, como se tomasse coragem para o que vem a seguir.

Quando Eric está a menos de um metro de distância, eu dou um pequeno passo na direção dele, deixando claro que, seja lá o que aconteça a seguir, eu também quero. Ele entende meu gesto silencioso e cola seu corpo ao meu. Uma de suas mãos vai para a minha nuca, enquanto a outra me puxa pela cintura.

No momento em que sua boca encosta na minha, eu perco toda a noção do que está ao meu redor. O resto do mundo não importa, contanto que eu esteja aqui, nos braços perfeitos deste homem que, com apenas sua presença, me faz esquecer que o bom senso existe e deve ser usado.

Sua língua dança com a minha. Ele me beija com tanta intensidade que

sei que meus lábios ficarão inchados. Seu gosto é delicioso, seu cheiro inebriante e suas mãos deixam claro que eu não tenho permissão para sair daqui. Que, neste momento, eu sou dele. Quando eu mordo seu lábio inferior, parece que um gatilho é ativado e Eric perde o controle. Ele faz aquele barulho que só homens conseguem, uma mistura de rosnado e grunhido, e me empurra para a parede mais próxima.

O beijo ganha força. Despejamos nele toda a frustração das últimas quarenta e oito horas. Todo o desejo reprimido ganha forma em um beijo, que continua escalando.

Eric desce seus lábios para o meu pescoço. Deixo minha cabeça cair para um lado, dando-lhe mais acesso. Ele aproveita a oportunidade e desce mais, lambendo minha clavícula. Ambas as suas mãos vão para baixo da minha bunda e ele me ergue, me imprensando ainda mais contra a parede. Sem pensar duas vezes, passo minhas pernas em torno da sua cintura.

Assim como ele, eu me entrego ao momento e deixo alguns gemidos escaparem. Principalmente quando sinto o quão excitado ele está. Eu também estou. Acho que nunca um beijo fez com que eu sentisse tanto tesão. Se todos os beijos fossem assim, as pessoas não fariam mais nada da vida.

— Ah, loirinha... Um dia você me enlouquece — ele diz no momento em que eu seguro seus cabelos com firmeza.

Sua boca encontra um dos meus mamilos e ele usa a língua para brincar com o bico rijo. Não resisto e começo a me esfregar contra ele. Preciso aliviar a dor que estou sentindo.

— Eric... — sussurro seu nome em uma súplica.

— Porra, você é perfeita — ele fala, alternando palavras e lambidas. — Isso, loirinha, se esfrega em mim. Mostra que você me quer da mesma maneira que eu te quero.

Puxo sua boca para minha e faço o que ele pede. Acho que nunca beijei alguém com tanta paixão. Estou completamente entregue a ele. Suas mãos passeiam pelo meu corpo enquanto exploro sua boca.

Ele volta a me segurar pela bunda e, desta vez, me move para cima e para baixo, esfregando-me contra sua ereção. Eu solto gemidos incoerentes e ele intensifica os movimentos.

— Não para, por favor, não para — imploro contra seus lábios, sentindo a aproximação do que promete ser o orgasmo mais épico da minha vida.

— Isso, loirinha. Goza, vai... — ele diz e volta a me beijar.

Estou completamente entregue, pronta para o que sei que vai acontecer.

De repente, a porta do banheiro é escancarada e escuto um grito feminino.

— Ai, meu Deus! Desculpa, desculpa! — alguém diz e sai correndo, batendo a porta.

— Porra! — Eric grita, encostando a cabeça no meu ombro.

Eu me assusto e começo a descer de seu colo.

— Quem é essa?

A primeira coisa que me vem à mente é que tem uma mulher com a chave da casa dele. A segunda coisa que penso é que ele provavelmente tinha marcado alguma coisa com ela e acabou se esquecendo. A terceira é que eu sou a maior idiota do universo.

— Não, loirinha, vem cá — ele pede, assim que me afasto e cruzo os braços, tentando me cobrir.

— Vai lá ver quem é, Eric. — Minha voz é murcha, sem vida. Toda a energia que tinha foi depositada no beijo, e, agora, tudo que me resta é viver com o arrependimento de não ter continuado com o plano de ser difícil e tentar resistir a essa tentação ambulante que se chama mecânico indecente.

— Não é o que você tá pensando, Sissi — ele diz.

— Você não sabe o que estou pensando.

— Sei, sim. Você está achando que eu sou um...

— Chega — não deixo que ele continue —, eu não quero saber. Por favor, me dê licença. Eu vou tomar um banho e dormir. Vá ver sua convidada.

O desdém na minha voz é nítido. Eu me viro de costas para entrar no box e fugir dessa loucura. Talvez um banho seja o que eu preciso para afastar a tentação.

— Ei, para com isso! — ele quase grita e me puxa pelo braço, fazendo com que eu me vire para ele novamente. — É isso mesmo que você vai fazer? Vai fingir que nada aconteceu?

— Claro que não! Eu não vou fingir que não aconteceu. Apenas vou aprender com meus erros e não deixar que isso aconteça novamente — eu digo e meus olhos não desviam dos dele.

Eric fica calado, apenas me encarando. Seus olhos, que há alguns minutos estavam quentes de tesão, agora estão frios.

— Ótimo. Se é isso que você quer, é isso que você terá.

Ele solta meu braço, vira as costas e sai do banheiro, batendo a porta com muito mais força do que necessário. Eu fico sozinha novamente.

O que foi que aconteceu?

Sem saber o que fazer e precisando pôr minha mente em ordem, eu ligo o chuveiro e deixo a água morna me acalmar.

Preciso recapitular os últimos dias.

Meu ônibus quebrou, minhas amigas foram embora e eu fiquei sozinha numa cidade do interior. Estou na casa do homem mais gostoso que já vi na vida, fui a um encontro com o mais babaca e fiz um possível novo amigo.

Nesse meio tempo, já vi Eric na cama com duas mulheres e em um falso encontro com a versão nacional da Mulher Maravilha. Nós nos beijamos, mas estava tão bêbada que não foi possível chegar aonde eu queria. Ainda bem, porque estou à beira do precipício. Por isso, decidi que seria uma mulher difícil — não só para torturá-lo, mas para tentar evitar que merdas catastróficas acontecessem.

Estou tão confusa... Desde que eu o conheci, ainda não consegui decidir de que forma agir e parece que a cada momento eu mudo de ideia.

Na verdade, tudo que eu não quero é sofrer nas mãos de um galinha assumido. Porque me entregar a ele é muito fácil (vide o que aconteceu há alguns minutos). O problema é conseguir fazer isso sem me envolver, pois algo nele me faz perder o controle, faz com que eu... Ahhh!

Não sei, não sei, não sei.

Que merda! Nunca fiquei assim antes.

Eu tenho que me decidir: resistir ou me entregar.



Maldita hora que eu fui dar ouvidos a Sol ou deixar essa patricinha de nariz empinado e cheia de si me enfeitiçar. Se eu tivesse mantido a minha postura de “apenas sexo”, agora não estaria com tanta raiva. Raiva minha, raiva da loirinha que não me escutou. Raiva da Sol que não devia ter entrado aqui em casa assim. Entro no meu quarto, coloco uma calça jeans, camiseta e sapatos e começo a descer as escadas.

— Sol?! — grito enquanto desço e penso nas formas de matá-la lentamente.

— Eric! Desculpa. Eu não sabia que as coisas tinham evoluído. Eu pensei em vir aqui e conversar com ela... — Interrompo Sofia com um gesto.

— E você pensou em conversar com ela dentro de um banheiro? Abrindo a porta sem bater? — Bufo.

— Estava tudo tão silencioso que pensei que a loirinha poderia ter passado mal. Igual você falou que ela passou no primeiro dia. Então... — Interrompo-a novamente.

— Tá bom, Sol. Agora já era. Ela me odeia, acha que marquei com outra pessoa e esqueci, ou que me comportei diferente porque só queria comê-la. Ou sei lá o que se passa na cabeça daquela menina mimada. Também, a minha ideia te dar ouvidos... Eu sabia que isso iria acontecer. Mesmo que não fosse agora, ia acontecer a hora que ela fosse embora e me deixasse pra trás. Melhor agora, então. — Pego as chaves da caminhonete e vou indo em direção à rua.

— Aonde você vai, Eric? — Sol me encara com os olhos arregalados.

— Vou arranjar alguém pra foder e aliviar toda a minha frustração e raiva.

— Eric, deixa de ser covarde! Volta aqui e vai resolver as coisas. Você acha que continuar fugindo vai resolver algo? — ela grita como se fosse uma mãe dando lição de moral no filho. — Desde a Fernanda, é a primeira vez que te vejo realmente a fim de alguém. Você não pode deixar isso assim...

— Chega, Sol! — eu a interrompo pela terceira vez. — Estou cansado de te ouvir. Eu sempre soube que isso era uma péssima ideia. E nunca mais vou deixar uma mulher me destruir. — Saio de casa e bato a porta com força,

descontando nela toda a raiva que me consome. Raiva da loirinha, da Sol, de mim, da vida, da Fernanda. Raiva de tudo.

*

Quando entro no bar, Alexandre arregala os olhos. Perfeito! Mais um para encher meu saco. Eu pensei que minha noite seria diferente. Um pouco mais... prazerosa. Pelo visto, a loirinha está determinada a me enlouquecer.

Não sei por que Alexandre está aqui em vez de estar em casa. Afinal, ele dá aula amanhã cedo. Mas não tô a fim de descobrir. Não agora. Não com tudo que está na minha cabeça no momento.

— Ué?! Não achei que te veria por aqui hoje... Não sozinho.

— Pois é... Acontece — digo pra ele, sem querer dar muito assunto.

— Cadê a Sissi?

— Deve estar na minha casa. Ou não. De repente, ela saiu pra procurar orgasmos na rua. Vai saber. — Tento não transparecer a minha raiva, mas parece impossível.

— Qual é, Eric?! Tá na cara que você está a fim dela. E não só de transar com ela. O que aconteceu? — Alexandre me estende um copo de vodca com energético, que bebo de um só gole.

— Ela não está a fim. Além disso, depois ela vai embora e eu fico como? — Suspiro. — Não vou deixar outra mulher me fazer de otário na vida.

— Você não vai me dizer o que aconteceu? — Ele completa o copo, estende novamente para mim e, de novo, bebo em um só gole.

— Não.

— Ok. E está fazendo o que aqui? Veio afogar as mágoas? — Ele ri me estendendo o terceiro copo.

— Não. Vim catar uma mulher pra foder.



Cinco ou seis copos de vodca com energético depois, um fenômeno acontece comigo. Apesar de ter uma morena cheirosa e gostosa nos braços, se esfregando em mim e me beijando como se eu fosse a coisa mais saborosa do mundo, meu pau continua dormindo. Eu sei que todos dizem isso, mas ISSO nunca me aconteceu antes — e não é efeito da vodca. Tenho certeza. Quanto mais a morena se esfrega em mim, mais lembro da loirinha com as pernas entrelaçadas em minha cintura, quase gozando só de roçar a boceta no meu

pau. O gosto dela, o jeito como se entregou ao momento... Por que não consigo me concentrar na morena que tenta desabotoar minhas calças dentro desse banheiro onde já comi muita gente?

— Não — digo e afasto suas mãos do meu pau. — Não vai rolar. Bebi demais. Não tô no clima. Vamos deixar pra uma próxima. — Ajeito a camiseta.

— Ué?! — Ela me encara. — Você não é o cara que come toda a cidade e não se apega?

— Não... Quer dizer, sou... Só hoje não estou a fim.

— Nunca ouvi ninguém comentar que você negou fogo... Vai ser a primeira vez.

Ótimo! Agora, além de brocha, vou ficar com a fama na cidade. Essa loirinha está destruindo a minha vida e minha reputação. Maldita hora que fui atender ao seu pedido de socorro.

Ela me dá as costas e sai do banheiro bufando. Volto para o bar e Alexandre me observa. Peço a ele mais uma dose.

— Você não acha que já bebeu demais? — Ele me olha com cara de reprovação. Perfeito. Meus dois melhores amigos tiraram o dia pra me sacanear. — O que houve dentro do banheiro? A morena parece ter saído meio frustrada...

— Cara, não enche meu saco. Me deixa apenas beber, que foder, pelo visto, eu nunca mais vou.

— Como assim? — A cara de Alexandre é de total espanto.

— Não quero mais falar sobre isso. Quero só encher a cara e esquecer que tem uma loirinha gostosa, mimada, patricinha, de voz irritante e nariz empinado, com seios lindos, perguntas idiotas e totalmente perfeita na minha casa. Aliás, posso ficar no seu apê até ela ir embora? Não vou aguentar ficar dando de cara com ela a toda hora.

— Cara! Você está completamente apaixonado pela Sissi. — Alexandre dá uma gargalhada na minha cara. — Quem diria, Eric, o mecânico safado, apaixonado novamente. — Ele enche o copo e me alcança e depois levanta o seu para um brinde. — À nova paixão do mecânico safado! Ou melhor, do mecânico indecente, como a Sissi te chama.

Fico encarando Alexandre por alguns segundos, tentando processar o que ele acabou de dizer. Não estou apaixonado de jeito nenhum.

— Não estou apaixonado.

— Está sim.

— Não estou, porra! — Bato com o copo na mesa. — Eu nunca mais vou ser otário nessa vida.

— Eric, quanto antes você admitir que a Sissi mexeu com você de um jeito diferente e que está apaixonado por ela, mais fácil serão as coisas e vocês poderão se acertar. E, cara, é obvio que ela sente algo por você.

— Você acha? — Eu me sinto um completo idiota. Será que ela realmente sente algo por mim?

— Claro que sim. Repete comigo: “eu estou apaixonado pela Sissi”.

Será possível? Nós nos conhecemos ontem pela manhã! Mas, por mais impossível que possa parecer, algo em mim diz que as palavras do meu amigo não são falsas. Por mais louco que possa parecer, eu acho que ele pode estar certo. Não sei se é o tesão reprimido ou a quantidade de vodca que bebi, mas a afirmação faz sentido. Antes de colocar as palavras para fora, repito-as em minha cabeça. Só de pensar na loirinha, algo em mim ganha vida. A morena não fez nada por mim, mas a mera lembrança daqueles peitinhos empinados já me deixa pronto para o que ela quiser. Puta que pariu...

— Eu estou apaixonado pela Sissi — falo em voz alta e mal tenho tempo de processar o que acabei de dizer quando ouço aquela voz irritante.

— O quê? — Quando me viro para ver de onde vem a voz, Sissi está parada atrás de mim, ao lado de Sofia e com cara de espanto e medo.

Putá que pariu! Me fodi!



— Eu estou apaixonado pela Sissi. — É o que eu escuto assim que chego ao bar.

Quando Eric diz essas palavras, meu cérebro para de funcionar.

— O quê? — pergunto, ainda sem acreditar no que ouvi. Ele estava de costas para mim, mas quando se vira, vejo o pânico em seus olhos.

— Sissi, eu... — Eric começa a falar, mas não termina. É como se ele fosse incapaz de dizer as palavras agora que está olhando para mim.

— Diz. Olha nos meus olhos e repete o que eu acabei de ouvir. — Porque só pode ser uma brincadeira de mau gosto.

Desde que fomos interrompidos no banheiro, não consigo parar de pensar nele e em como eu devo agir. Eric é a contradição em pessoa. Ora ele é o cara que só pensa em sexo e te vê como uma xoxota ambulante, ora ele é gente boa, solícito e uma excelente companhia. E, claro, em todas as horas, ele é uma delícia, com olhos sedutores e uma boca que te convida para o pecado.

Na maioria das vezes, é impossível resistir. Foi isso o que aconteceu na casa dele antes de sermos interrompidos. O desejo falou mais alto que meu bom senso e eu acabei me perdendo na maravilha que é esse mecânico.

Só que, felizmente, fomos interrompidos e eu recuperei a razão. Foi um erro. É claro que foi um erro. Um erro muito gostoso, que fez com que eu me sentisse a mulher mais desejada do mundo. Um erro que, de tão certo, nem parecia um erro.

Confusão me definia naquele momento. Para a minha surpresa, quem conseguiu me ajudar a pôr minha mente em ordem foi a Sol. Definitivamente, a última pessoa que pensei ser capaz de evocar qualquer sentimento em mim que não ciúmes.

Quando Alexandre me disse que ela era lésbica, fiquei um pouco descrente. Pareceu conveniente demais. Só que, ao conhecê-la, tudo ficou bem claro.

Sol, na verdade, é uma pessoa incrível. Não por causa de seus olhos castanhos ou seu corpo fenomenal, capaz de seduzir qualquer homem (e algumas mulheres, preciso confessar). Assim que saí do banheiro, ela

começou a se desculpar, dizendo que não fazia ideia de que eu e Eric estávamos naquela situação. Algo no modo como ela falava fez com que eu acreditasse na veracidade de suas palavras.

De repente, estava lá, abrindo meu coração, falando sobre todas as minhas dúvidas e como ele estava fazendo com que eu perdesse o controle. Ela simplesmente me ouviu. Nunca tinha me sentido tão sozinha na vida. Todas as minhas amigas estavam longe, cuidando das próprias vidas, enquanto eu estou sozinha numa cidade do interior e com sentimentos novos começando a nascer e sem ninguém para me explicar a melhor forma de agir.

Sofia — ou Sol, como ela me pediu para chamá-la — apareceu como um anjo. Na hora do turbilhão emocional, ela conseguiu me acalmar e me apontar para a direção certa. Ela me disse que não se sentia bem em falar do passado de Eric, que era ele quem precisava me contar, mas que, no fundo, ele era um homem doce e que merecia ser amado.

As palavras dela fizeram com que eu refletisse sobre algumas coisas. Principalmente sobre a palavra que começa com A.

Saí da casa, determinada a me encontrar com ele e dizer que a gente deveria conversar. Sei lá, tentar resolver essa situação de uma vez por todas. Sol concordou comigo. Ela acha que eu devo dar uma chance real a Eric. Sem reservas, sem medo. Simplesmente deixar acontecer.

Com todas as reservas e morrendo de medo, achei que poderia seguir seu conselho. Até chegar aqui e escutar, da boca de Eric, que ele está apaixonado por mim.

Neste momento, tudo que eu quero — na verdade, preciso — é entender o que está acontecendo. Por isso, eu exijo que ele repita aquelas palavras. Meus olhos não desviam dos dele. Meu coração na mão.

— Eu estou apaixonado por você — ele diz, finalmente. Por um momento, não consigo sequer respirar. É como se todo o ar tivesse sido sugado do ambiente.

Eric... apaixonado... por mim.

— Não, você não está — afirmo com convicção. Cruzo meus braços na frente do meu corpo, buscando algum tipo de proteção.

— Como é? — ele questiona, ofendido.

Não tenho como lidar com isso agora. Não aqui, no meio desse bando de gente que não conheço. Todos os olhos estão em nós. Alexandre, Sol, o cara atrás do balcão, as duas mulheres que bebem seus drinks ao lado. Se tem uma coisa que eu odeio é estar sob os holofotes. Por isso sou a tecladista, não a

vocalista.

Viro de costas e vou em direção à saída, sem olhar para trás e torcendo para que Eric me siga para que possamos conversar em algum lugar menos público.

Quando estou a uma quadra do bar, eu escuto sua voz: — Você vai simplesmente fugir? — ele pergunta, fazendo com que eu pare de andar.

— De você? Não. Não estou fugindo de você. Só não quero brincar de discutir a relação na frente dos outros. Sei lá, acho que não estou mais na oitava série.

— Ha ha ha — ele finge uma risada, mas humor é a última coisa que vejo em seus olhos. — Eu não te entendo, loirinha. Por mais que eu tente, não consigo. Uma hora você me quer, na outra você não quer. Uma hora você me beija como se sua vida dependesse disso, noutra você me xinga e repudia o modo como eu levo minha vida. Aí você sai com outro cara, mas depois só falta se esfregar em mim. Sabe o que acontece, Sissi? Acho que o seu objetivo na vida é me enlouquecer. Só pode. E o pior? Mesmo assim eu me apaixono por você. Falo isso na sua cara e você foge. Porra! O que você quer de mim, loirinha? Porque eu, honestamente, cansei de tentar entender.

As palavras dele me atingem em cheio. São como um soco no meio do peito. Elas são a mais pura verdade e, mesmo tendo ciência disso, eu não sei responder sua pergunta. Por isso, eu não a respondo.

Dou alguns passos em sua direção. Estou cansada de me sentir confusa, de não saber o que fazer e como agir. A cada momento, eu mudo de ideia. Essa não sou eu. Mas ele está bêbado... E eu estou... carente?

Quando estou perto o suficiente para tocá-lo, coloco ambas as minhas mãos em seu peito e fico na ponta dos pés, aproximando meus lábios dos dele.

— Eu não sei o que eu quero, Eric. Mas eu cansei de não saber. A decisão é sua. Faça o que quiser comigo.



“Faça o que quiser comigo”. É tudo que meu cérebro processa do que a loirinha acabou de dizer. Ajo por instinto, aproximo meu corpo do dela, emolduro seu rosto nas minhas mãos e a observo fechar os olhos. Seu rosto de boneca de porcelana, seu nariz arrebitado... Como é possível ela ser tão perfeita? Algo no que ela acabou de falar me emociona. Tenho vontade de chorar. Ou será que estou apenas bêbado?

Sissi acabou de dizer que é para fazer o que eu quiser com ela — e eu quero fodê-la de todas as maneiras possíveis. Por que, então, estou apenas admirando seu rosto e pensando em como ela é perfeita? Aproximo meus lábios dos dela. Delicadamente. Ela pede espaço com a língua para encontrar a minha. É isso que eu quero fazer com ela. O beijo ganha força, urgência. A loirinha geme em minha boca, minhas mãos descem do seu rosto, pela lateral do seu corpo até encontrar sua bunda. Ah! Essa bunda que rebola enquanto caminha e me deixa louco. Agarro a sua cintura para impulsioná-la a montar em mim. Sissi entende o recado e, em segundos, está com as pernas enroladas em minha cintura esfregando a boceta no meu pau, exatamente como estávamos no banheiro antes de sermos interrompidos.

— Ah, loirinha safada... Eu quero te foder de todas as maneiras possíveis até você implorar pra eu parar... — sussurro em seu ouvido. Ela geme e esfrega com mais força a boceta em mim.

— Você pode fazer o que quiser comigo, mecânico indecente... — Sissi sussurra. — Mas, agora, me faça gozar...

Ela agarra meus cabelos, joga a cabeça para trás e direciona meu rosto para seu colo. Não consigo mais pensar. Quero apenas chupar os peitinhos arrebitados dela e atender ao seu desejo.

Não. Não é isso que eu quero. Quero mais. Quero conhecer Sissi, quero... De repente, o mundo começa a girar. Sinto que a vodca quer sair do meu estômago. Eu não quero só foder com ela. Quero mais. Quero... Será que eu realmente estou apaixonado por ela?

— Não! — digo e a coloco no chão, interrompendo os movimentos intensos que ela estava fazendo, se esfregando e buscando alívio.

— Não o quê? Você é louco? Quando digo que você pode fazer o que

quiser comigo, me dispensa? — Sissi despeja toda a raiva e frustração em mim.

— Loirinha... — Eu a puxo para um abraço e a aconchego em meu peito. — Estamos no meio da rua... — Ela me interrompe.

— Então, vamos para casa — fala, tentando sair do meu abraço.

— Calma, deixa eu terminar. — Aperto-a mais ainda entre meus braços. Sinto uma sensação estranha com esse gesto. É como se meus braços tivessem sido feitos apenas para abraçá-la. — Eu já bebi demais. Você só me disse que era pra fazer o que quisesse porque está confusa. E eu também estou.

— Então, você não tem certeza do que está sentido? — Ela me encara. Não sei como responder. Eu tenho certeza?

— Só vamos para casa e amanhã conversamos. Não estou em condições de ter uma conversa dessas agora. Acho que nem você está pensando direito... — Encosto meus lábios nos dela. — Por favor.

— Mas e a caminhonete?

— Eu pego amanhã.

Entrelaço meus dedos aos dela e saímos caminhando até minha casa em silêncio. A mão de Sissi dentro da minha ocupa totalmente o espaço. Parece tão perfeito. Tão certo. Mas o que realmente aconteceria entre nós? É obvio que sinto algo que não é só tesão por ela. Talvez apaixonado tenha sido precipitado, mas encantado? Disposto a tentar um relacionamento que não seja apenas sexo? Mas por quanto tempo? Pelos dias que ela ficará aqui? E depois? E por que minha casa agora parece tão distante? Preciso da minha cama com urgência ou vou acabar apagando no meio da rua.



Quando acordo com o sol batendo em meu rosto, o gosto de ferrugem na boca, a cabeça latejando e Sissi enroscada em meu peito, só consigo pensar que eu odeio vodca. Sinceramente, não lembro de como chegamos aqui. A última coisa que tenho em mente é a loirinha e eu nos esfregando no meio da rua. Mas tenho certeza que nada aconteceu, porque estou vestido ainda com as calças de ontem. Seria muito azar comer a loirinha e não lembrar.

Tento levantar da cama, mas Sissi se mexe e me agarra com mais força. Delicadamente, tiro suas mãos do meu peito, acomodo sua cabeça no travesseiro e levanto, fazendo o menos possível de movimentos e barulho.

— Eric... — ela balbucia sonolenta —, volta aqui...

— Já volto... — Dou um beijo em seu rosto.

Desço as escadas, tentando entender o que aconteceu ontem. Sissi e eu jantando, vendo filme, bebendo vinho. Sissi pelada na minha frente. A gente se agarrando no banheiro. Sol interrompendo. Eu indo pro bar. Não conseguindo ficar duro com a morena. Alexandre me fazendo confessar. Sissi ouvindo que eu estava apaixonado por ela. Puta que pariu! Eu disse que estava apaixonado pela loirinha. Ela saindo do bar. Eu correndo atrás. A gente se agarrando no meio da rua. E... merda! Eu parei com o agarramento porque queria mais do que só fodê-la. Preciso de um café.

Vou até a cozinha e preparo café. Para dois. Tomo uma xícara em um gole só. Sem açúcar, pra acordar de vez e pensar no que estou fazendo. O que eu quero afinal? Como essa história poderia acabar bem? Encho a xícara de café novamente e coloco na bandeja, junto com uma para a loirinha. Pego alguns pães, frios, frutas da geladeira e coloco junto com as xícaras. Subo as escadas. O que eu preciso é conversar com Sissi.

A loirinha está se espreguiçando em minha cama quando entro no quarto.

— Fome? — pergunto, sorrindo.

— Sim... um pouco. Você está melhor?

— Minha cabeça dói. Juro que nunca mais beberei vodca daquele jeito... mas vou sobreviver.

— Fiquei assustada ontem. De repente, você travou e não conseguia mais falar. Veio até em casa quase que de rastro... e você é um pouco grande pra eu carregar. Eu te ajudei a subir as escadas. Quando você viu a cama, se atirou e basicamente apagou. Tirei seus sapatos e, quando estava saindo, você puxou meu braço e me colocou pra dormir aqui. — Ela ri. — O jeito que você me agarrou parecia até que eu poderia fugir.

— Desculpa... Eu não costumo beber tanto e muito menos vodca. Minha praia é mais cerveja. — Ofereço uma xícara de café para ela, que a pega, agradecendo. — Acho que a gente precisa conversar.

— Eu sei, Eric. Você não está apaixonado por mim. Só falou isso porque estava... — Interrompo-a.

— Bêbado? — Ela acena com a cabeça. — Não, loirinha. Eu não falei isso porque estava bêbado. Eu realmente sinto algo diferente por você. Na verdade, desde que te vi se apresentando no bar, você me encantou. E, apesar de ser muito birrenta, mimada e metida, eu realmente sinto algo diferente. Só

não sei se... — Ela me interrompe.

— Não sabe se é paixão ou muito tesão. — Sissi parece frustrada com o que acaba de dizer.

— Para de tentar adivinhar o que eu quero dizer, porra! — Perco a paciência. Por que ela simplesmente não pode me ouvir? — Eu estou, sim, apaixonado por você. Não sei bem como, mas estou. Eu só não sei como isso pode dar certo. Porque, no momento que eu terminar o ônibus, você vai embora e nunca mais vai lembrar que eu existo. E não quero me quebrar de novo.

Pela primeira vez, parece que Sissi realmente olha para mim. Não para meu corpo, para quem sou de verdade: um cara fodido, que vive numa cidade de merda e que não se envolve emocionalmente porque é covarde.

— Eu não acredito.

— Não acredita em quê? — pergunto, surpreso com a resposta que ela me dá. Quer dizer que eu me declaro e tudo que ela responde é isso?

— Eu não acredito que você realmente esteja apaixonado por mim. Acho que está apenas jogando pra me levar pra cama.

— Você já está na minha cama, loirinha. Se fosse isso, por que eu estaria aqui, vestido, e você aí, tapada ainda? — Pisco para ela. O quão difícil pode ser convencer alguém do que se sente?

— Porque você estava bêbado ontem...

— O que eu preciso fazer para você acreditar em mim? — Sissi me encara por alguns minutos. Parece que sua cabeça está arquitetando o plano perfeito. Ou uma das suas perguntas idiotas. Não sei bem. Ela pega uma maçã da bandeja, dá uma mordida e continua me encarando enquanto mastiga.

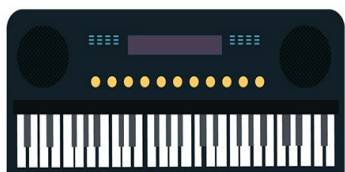
O silêncio impera no quarto. Só dá pra ouvir o barulho da maçã sendo deglutida dentro da boca da loirinha e, de alguma forma, isso me deixa cheio de tesão. Então, percebo que estou completamente em suas mãos e que ela vai fazer o que quiser comigo.

— Já sei! — ela diz como se tivesse descoberto a luz. — Vamos ter um relacionamento monogâmico pelo tempo que eu estiver aqui. Mas com uma condição... — Ela faz uma pausa e me encara com ar de mistério.

— Qual? — pergunto, já que ela espera por isso.

— Sem sexo!

Putaquepariu! Me fodi! Em dobro!



22

Não sei o que dá em mim. Ter passado a noite ao lado de Eric — dessa vez, consciente — e sentir o calor do seu corpo contra o meu deve ter fritado alguns dos meus neurônios.

Não sei o que é pior: não acreditar no que ele diz ou sugerir um relacionamento monogâmico e assexual. Eu devo estar ficando maluca. Quando eu o coloquei na cama e ele não me deixou sair do seu lado, me puxando para deitar em seus braços, algum botão dentro de mim foi acionado. Agora, o resultado da minha ideia brilhante: preciso esperar para ver.

Se Eric está tão determinado em provar que tem sentimentos por mim, nada mais justo do que fazer com que ele prove o que está falando. Um homem como ele, que pensa com a cabeça de baixo, nunca iria se apaixonar por uma garota como eu. Não que eu seja qualquer coisa menos que fantástica, ou que ele seja tão espetacular assim. Minha dúvida é mais uma questão de compatibilidade. Por mais que eu tenha certeza de que, quando o assunto é química, nós temos de sobra, amar alguém é muito mais intenso que isso. É um sentimento puro, de necessidade, de sentir saudade quando a pessoa não está por perto, de querer compartilhar o bom e o ruim... Este, com certeza, é um sentimento que ainda não conheço. Mesmo que ele diga que está apaixonado por mim (o que eu honestamente não acredito), eu não estou apaixonada por ele.

Relacionamento monogâmico e sem sexo, aqui vamos nós.



Às vezes esquecemos que as melhores coisas da vida podem ser as mais simples. É dia de semana, ou seja, Eric tem que trabalhar e não pode ficar comigo brincando de casinha o dia inteiro. Mas isso não quer dizer que não podemos fazer coisas juntos.

Quando ele estava saindo para a oficina, eu perguntei a ele se eu poderia

ir junto. Fui surpreendida por um raro sorriso de orelha a orelha e um beijo delicioso que me deixou de pernas bambas.

Porém, ele não disse nada. Apenas virou as costas e saiu de casa. Meu coração ficou batendo em descompasso e, instantaneamente, me arrependi de ter sugerido que não fizéssemos sexo.

Desgraçado.

Depois que acabo de tomar banho e me arrumar, meu celular toca: Mika.

— Pensei que não fosse ouvir a sua voz por, pelo menos, mais cinco dias — falo com um sorriso nos lábios. Do jeito que ela estava desesperada por um tempo real com seu namorado, honestamente imaginei que ela não ligaria.

— Ei, para com isso! Por mais que eu precise de tempo de qualidade com o Rique, eu não consigo deixar minhas amigas de lado. Você sabe disso — ela diz, fingindo estar ofendida.

— Eu sei, Mika. Agora, me conta, mas não em detalhes, como está sendo a sua semana — eu quero saber. Na verdade, quero ocupar minha mente com qualquer coisa que não seja o mecânico e o equipamento que ele carrega entre as pernas.

Merda! Só de pensar, já começo a sentir coisinhas lá embaixo.

— Ma-ra-vi-lho-so! Vou confessar uma coisa: nunca pensei que namorar seria bom. De verdade. E não sei se é algo comum, mas o sexo só parece melhorar com o tempo. Henrique é um gênio na cama. Ontem mesmo, ele resolveu tentar uma nova posição e me pediu para colocar a per...

— Ei, ei, ei! — interrompo. — Eu disse sem detalhes! Não quero saber do seu namorado lindo, gostoso e romântico. Não é justo com o resto da população feminina.

Mika apenas ri e, depois, concorda com o que eu disse. Nós conversamos por mais um tempo. Ela fala que sua cadelinha, Nutela, destruiu metade do apartamento de Henrique e que ele, cada vez mais, prefere os gatos.

— E você... Como estão as coisas por aí? — ela pergunta.

— Confusas — é a minha resposta.

— Ué... O que houve?

Aproveito a oportunidade para desabafar um pouco. De todas as meninas da banda, eu sou a mais fechada. Converso, brinco, estou sempre com elas, mas não sou do tipo que pede por conselhos e nem que abre o coração com facilidade. Não quero, nem posso, falar muito sobre mim.

— O que você tem a dizer sobre isso?

— Uau. Simplesmente uau — ela diz, espantada com a história que eu narrei detalhadamente.

— Pois é... Tudo foi tão rápido e tão estranho...

— E tão intenso — ela completa. — Desculpa falar, Sissi, mas você sempre foi muito fria, distante. Essa é a primeira vez que eu te vejo assim.

— Assim como?

— Envolvida, confusa — ela oferece. — Essa Sissi é nova para mim. Você nunca teve problema com homens. Eles sempre foram muito simples para você.

— Eles nunca foram muito importantes para mim — confesso. — Nunca tive um namorado sério depois de... — deixo as palavras morrerem. Não quero falar sobre isso.

— Depois de? — Mika insiste.

— Não importa. O que importa é que eu não sei lidar com Eric.

— Claro que sabe, e, pelo pouco que me disse, o coitado está comendo na palma da sua mão.

— Ei, falando assim parece que sou uma vadia manipuladora — reclamo.

— Não, Sissi. Mas você é linda, elegante, delicada e muito charmosa. Homem nenhum consegue resistir aos seus charmes, princesa. Eric não é diferente. Lembre-se, ele é apenas um homem — ela diz, mas sua afirmação não poderia estar mais longe da verdade. Ele não é apenas um homem. Eric é O homem. Tudo nele exala masculinidade, e eu não estou sabendo lidar com tanta testosterona. Além disso, algo acontece comigo quando ele está perto demais.

Termino a ligação me sentindo mais confusa do que nunca. Mas, se tem uma coisa que Dory me ensinou é, na hora das dificuldades, continue a nadar. É isso que vou fazer.



Perto da hora do almoço, resolvo fazer uma surpresa para o meu namorado. Ah, que vontade de rir. Até parece que Eric é meu namorado... Passo numa lanchonete e compro dois hambúrgueres, batata frita e

refrigerante. Tento carregar tudo sem fazer desastre e, por incrível que pareça, consigo.

Quando estou na porta da oficina, sou saudada por um homem que nunca vi na vida.

— Oi, moça, posso te ajudar? — ele pergunta, me olhando de cima a baixo.

— Eu estou procurando pelo Eric — digo, olhando por cima do ombro dele para ver se encontro o mecânico em algum lugar. Aparentemente, ele não está por aqui.

— É claro que você está. Afinal, o mundo não é justo — ele resmunga, me fazendo rir. — Uma mulher linda como você não me traria almoço.

Ele dá de ombros e, pela primeira vez, reparo no cara à minha frente.

Ele não deve ser muito mais alto do que eu, mal chegando a um metro e sessenta e cinco. Cabelos escuros, olhos muito azuis e óculos. Nem de longe, se compara a Eric. Mas seu rosto é doce e gentil e eu não consigo evitar de sentir pena dele.

— Vamos fazer o seguinte — digo, conseguindo a atenção dele —, se você me disser seu nome, de repente te trago alguma coisa amanhã.

O sorriso que ele me dá ilumina o ambiente, e consigo ver o quão jovem ele é. Ele deve ter dezoito anos, mas seu porte e tamanho fazem com que ele não pareça ter mais do que quinze.

— Duca, prazer. — Ele estende a mão, mas, como eu estou carregando muitas coisas, não consigo apertá-la e apenas dou de ombros. — Ah, desculpa. Deixa que eu te ajudo com isso.

— Obrigada. Duca... Que tipo de nome é esse?

— É mistura de Dunga com Carlos, que é o nome dele de verdade — Eric é quem responde, saindo do escritório que fica aos fundos da oficina. — Duca, por favor, tire esses seus olhos gulosos da minha namorada. — Namorada... Uau. Não pensei que ele fosse levar nosso acordo a sério.

Duca fica vermelho com o comentário de Eric e sussurra um “desculpa” para mim. Como se estivesse morrendo de medo do chefe, ele vai, quase correndo, para o outro lado da oficina e se ocupa com alguma coisa.

Eric chega ainda mais perto de mim e pega as coisas da minha mão.

— Isso é pra mim, loirinha? — ele quer saber.

— Isso é pra gente, mecânico.

Ele me dá uma piscadinha e vai em direção ao escritório. Eu o sigo.

Eric coloca tudo em cima da mesa e pede licença para ir se lavar. Eu

aproveito o tempo para fuxicar, claro. Olho todas as fotos desbotadas que estão presas em um quadro de camurça. Eric é a cara do avô. Os dois parecem irmãos gêmeos e, pelo pouco que sei, sempre se deram muito bem. Tem fotos dos dois em vários momentos diferentes, mas o que me chama mais atenção é a formatura de Eric na escola. Ele devia ter por volta de dezoito anos, um sorriso despreocupado no rosto e o braço direito passado em torno dos ombros de um senhor de cabelos grisalhos. Os dois parecem muito felizes.

— A curiosidade matou o gato... — Eu me assusto com a voz de Eric e acabo dando um grito. — Calma, loirinha.

Ele se aproxima de mim, chegando perto o suficiente para que eu sinta seu cheiro.

— Resolveu me fazer uma surpresa no trabalho?

— Achei interessante trazer algo para você almoçar. Espero que não tenha feito planos — eu digo, apoiando ambas as minhas mãos em seu peito e ficando na ponta do pé.

— Os únicos planos que eu tenho envolvem devorar você e essa sua boca deliciosa.

Hambúrgueres esquecidos. Eric me toma em um beijo tão delicioso que tudo que quero é ficar aqui para sempre.



— Eric... — Sissi balbucia em minha boca enquanto nos beijamos em cima da mesa do escritório. Enquanto devoro sua boca, minha mão passeia pelos seus seios, cintura e costas. As dela me seguram pelo cabelo. Seu corpo inteiro se esfrega no meu.

— Eu sei, loirinha... nada de sexo — respondo frustrado, mas, ao mesmo tempo, designado a provar que realmente sinto algo por ela.

— Não é isso... — Ela afasta os lábios dos meus e sinto falta da sua boca no mesmo instante. Sissi me encara. — Acho que essa foi a ideia mais idiota que eu já tive. — Ela volta a me beijar como se me desse permissão para ir adiante.

— Não... — Interrompo o beijo e me afasto dela. — Nós fizemos um acordo e vou cumprir. — Tento pensar em qualquer coisa que não seja o corpo perfeito da minha namorada. Namorada... É estranho pensar assim. — Onde foram parar os hambúrgueres? — Sissi ri enquanto tento me ajeitar e disfarçar o estado que estou.

Mal começamos a comer quando Alexandre entra no escritório: — Ué?! Não vamos almoçar hoje? — Ele encara meu hambúrguer e depois olha pra loirinha sentada em cima da mesa. — Só por que tem uma nova amiga não se lembra nem de dispensar os antigos?

— Namorada — digo, entre uma mordida e outra.

— O quê? — Alexandre me olha surpreso e depois pra Sissi, que dá de ombros.

— Sissi não é uma nova amiga. — Limpo o canto da boca porque tenho certeza que está cheio de maionese. — É minha namorada, e trouxe o almoço pra nós hoje.

— Namorada? Desde quando? — Alexandre pergunta, atônito.

— Vocês almoçam sempre juntos? Desculpa, não sabia, senão teria trazido um hambúrguer pra você também — Sissi fala envergonhada.

— Minha namorada desde hoje pela manhã — respondo à pergunta de Alexandre e me viro para Sissi. — Nós almoçamos sempre juntos porque eu não tinha companhia melhor. Agora, tenho você. — Pisco para ela.

— Ok! Senti que estou sobrando — Alexandre fala, já dando as costas

para nós.

— Não quero atrapalhar as tradições. — A loirinha interrompe a saída dele. — Pega o meu. Isso é muito grande e só dei uma mordida. Pode deixar que divido com Eric. — Ela estende o hambúrguer para Alexandre, que o pega rapidamente.

Sissi se acomoda no meu colo e dá uma mordida no meu sanduíche. Alexandre se senta na mesa — só tenho uma cadeira no escritório e estou ocupando-a — e começa a contar das últimas falcatruas do prefeito. Percebo que a loirinha fica desconfortável com o assunto, mas Alexandre continua: — E aquele senador Bittencourt, filho de uma puta do caralho, ainda falou, na maior cara de pau, que está certo cortar a verba dos livros das crianças. Imagina? Como vamos dar aulas sem livros? Mas é claro que ele ia apoiar isso. Já roubou tanto na maracutaia dos livros didáticos quando era governador que, agora que não pode roubar, não quer que ninguém roube. — Alexandre parece estar com toda a raiva do Universo dentro dele.

— Cara, falar de política na hora do almoço dá indigestão — falo, rindo para ele. — E, depois, acho que a loirinha aqui não curte muito esse assunto.

— Não é isso... — Sissi me encara. — É que eu não tenho o que falar sobre isso.

Seu desconforto é totalmente nítido e não entendo o porquê. Mesmo assim, mudo de assunto para deixar o clima mais leve. Começo a contar da paixão de Alexandre por uma ex-professora nossa e que acabou fazendo com que ele se tornasse professor também.

Sissi compartilha algumas das histórias de quando fazia aulas de música e confessa que era caidinha por seu professor de violino quando tinha, mais ou menos, doze anos.

Depois que terminamos de comer, Alexandre se despede e convida Sissi para conhecer a escola. Ela aceita e sinto uma pontada de ciúmes de saber que a loirinha passará a tarde com ele e vários adolescentes cheios de hormônios à sua volta. Pelo menos, desta vez, ela não está usando microshorts, e sim uma calça jeans e uma blusa de unicórnio bem justinha, que deixa claro que ela tem um lindo par de peitos. A filha da mãe é linda de qualquer jeito.

— Cuida bem dela e nada de ficar babando em cima da minha namorada. — Encaro Alexandre. — Nem deixa aqueles adolescentes ficarem imaginando coisas com ela. — Abraço Sissi. — Te pego às cinco e meia na escola, tá? Quero te levar pra conhecer um lugar. — Dou um selinho em seus

lábios.

— Tá bem. Vou te esperar lá. Só nunca imaginei que você fizesse o tipo ciumento. — Ela sorri e me beija, não um selinho, mas um beijo daqueles de melar as cuecas. Puta que pariu! Essa loirinha vai me enlouquecer.



Às cinco e meia da tarde, pontualmente, estou estacionado na frente da escola, não com a minha caminhonete de sempre, mas com o Mustang 64 conversível bordô que era do meu avô.

— Uau! — Sissi se aproxima do carro. — Que carro lindo!

— Era do meu avô. Tento mantê-lo sempre em dia.

— É perfeito! E está super bem cuidado. — Ela sorri e me dá um beijo quando entra no carro. — Se eu soubesse que ia ser levada para passear num carro conversível, teria comprado um chapéu daqueles de filme — ela brinca. — E, afinal, aonde vamos?

— Você vai ver. — Sorrio para ela.

O percurso é rápido, apenas quinze minutos. Durante o caminho, ela conta como foi o dia na escola e diz que ficou encantada com o departamento de música que, apesar do pouco investimento, é bem variado. A professora local, de acordo com a loirinha, é bem talentosa e motivada. Pelo visto, ela ficou bastante empolgada com o que viu. Pouco tempo depois, chegamos ao topo da colina, na hora exata em que o sol começa a se pôr. Retiro do porta-malas uma toalha de mesa e a cesta que preparei com vinho e petiscos. Como sei que a loirinha gosta de vinho, trouxe logo duas garrafas para garantir.

— Que lugar lindo, Eric! — Ela me ajuda a estender a toalha no chão. — Você vem sempre aqui?

— Vinha sempre com meu avô. Você é a primeira pessoa além dele com quem venho aqui. — Sento na toalha e a puxo para o meio das minhas pernas, encaixando-a de costas para mim para que possamos apreciar a vista. Beijo sua bochecha. — É o pôr do sol mais incrível que eu já vi.

Abro a primeira garrafa de vinho e sirvo as taças. Alcanço uma para a loirinha, que se vira para me olhar.

— Hummm... Pôr do sol, vinho, toalha de piquenique. Quando você quer, até que é bem romântico, hein, mecânico indecente?! — Ela beija minha bochecha.

— Eu sou um cara legal, loirinha safada. — Devolvo o beijo. — Agora,

olhe para frente, senão você vai perder o momento mais lindo de todos.

Ficamos ali, abraçados, enquanto o sol vai se escondendo entre os morros à frente. Quando ele encontra o rio que fica ao fundo do vale, entre os dois morros, vejo uma lágrima escorrer dos olhos de Sissi.

— Ei! — Enxugo a lágrima de seu rosto. — Tudo bem?

— Tudo. — Ela se vira para mim e se senta no meu colo. — Eu nunca vi algo tão lindo em toda a minha vida. Obrigada!

Sissi encosta a cabeça no meu ombro e se aninha nos meus braços. Sinto uma vontade grande de protegê-la do que quer que seja que a tenha deixado triste e, ao mesmo tempo, penso em como será quando ela for embora. Na dor que eu sentirei se ela partir e nunca mais voltar. De repente, me lembro da reação dela quando Alexandre começou a falar dos políticos.

— Por que você ficou tão incomodada mais cedo com o papo do Alexandre sobre política?

— Não é nada. Só não curto o assunto — ela desconversa. — Me conte mais sobre seu avô.

Então, começo a contar sobre minha infância e adolescência, as histórias e ensinamentos do meu avô. Depois, começamos a contar coisas engraçadas de nossas vidas. A loirinha se empolga e conta sobre suas amigas da banda e várias histórias engraçadas de shows. A noite chega e, quando nos damos conta, já tínhamos terminado a segunda garrafa de vinho.

— Acho que precisamos ir para casa. Acabou o vinho.

— Tem mais na sua casa? — Nunca pensei que uma coisinha tão pequeninha poderia beber tanto.

— Não tem. Mas podemos comprar no mercado, se nos apressarmos.

Sissi levanta rápido e sai correndo.

— O último a chegar no carro é mulher do padre! — Ri da sua própria piada.



Quando chegamos em casa, depois de eu ser a mulher do padre e ser zoadado todo o trajeto de volta por isso e passarmos no mercado, que estava quase fechando, para garantir que o vinho não acabará nunca mais na minha casa, a loirinha enlouquece ao ver a mesa de sinuca na minha garagem.

— Você joga?

— Eu não joga, dou aulas nesse troço aí. Pergunta pro Alexandre. Ele

sempre perde.

— Duvido que ganhe de mim — ela me desafia.

— Ah, loirinha safada... Você vai se arrepender de me desafiar.

Ela coloca ambas as mãos na cintura e me encara, como se pensasse em alguma coisa.

— Cada vez que um perder, tira uma peça de roupa, combinado?

— Ok. Mas não reclame quando você estiver nua.

— Você é que não pode reclamar. — Sissi pisca o olho e sai rebolando na minha frente para escolher o seu taco. — E precisamos de mais vinho.

Só de vê-la rebolando desse jeito e tão segura de si, fico em posição de sentido na hora. Parece que essa será uma noite longa, com uma loirinha safada nua me provocando e eu sem poder fazer nada, porque concordei com uma regra estúpida de nada de sexo nesse namoro. Puta que pariu! Eu devo estar apaixonado mesmo pela Sissi pra concordar com isso.



Novo plano: ser fácil, bem fácil, a mais fácil do mundo.

Eu devo ser muito burra para propor um relacionamento sem sexo com um homem que excita até o meu dedinho mindinho.

Felizmente, algumas garrafas de vinho fazem com que eu enxergue minha estupidez com clareza e, assim espero, a tempo de fazer com que ele desista de ter um relacionamento sem sexo.

Quem é o idiota que quer um relacionamento sem sexo? Sexo é bom, é saudável, faz bem pra pele. Sexo com um homem como Eric deve ser uma experiência quase extracorpórea.

É hoje que esse mecânico vai dar uma rebimbocada na minha parafuseta ou eu não me chamo Isabel Bittencourt.

A ideia de strip-sinuca deve ter sido uma das melhores que eu já tive na vida. Afinal, eu sou a maior pereba da história da sinuca. Ou seja, logo, logo ficarei pelada na frente dele. Experiências passadas mostram que ele não é tão imune assim aos meus charmes femininos — e por charmes femininos, quero dizer meus peitos de fora. Como Mika disse, ele é apenas um homem.

Pego um taco e finjo analisar tudo. Passo giz na ponta (já vi outras pessoas fazendo isso, mas não tenho ideia do porquê) e depois assopro o excesso, meus olhos fixos nos dele.

— Posso começar? — pergunto, já me inclinando sobre a mesa e me xingando internamente por não ter escolhido uma roupa mais sensual antes de sair de casa. Cadê o decote quando eu mais preciso dele?

— Fique à vontade.

Eu bato com o taco na bola branca, espalhando as demais pela mesa. Acho que, pela primeira vez na vida, dou uma tacada decente. Inclusive, a bola vermelha entra na caçapa. Eu faço uma cara de eu sei que eu mando muito bem na sinuca, mas, por dentro, estou dando pulinhos e me sentindo a rainha da porra toda.

— Uma peça para cada partida ou uma peça para cada bola encaçapada? — ele pergunta. É errado ficar excitada só de pensar nas formas que ele pode encaçapar? — Sissi?

— Oi? Sim... Isso. Cada vez que você enfiar alguma coisa na caçapa, eu

tiro uma peça. O mesmo vale para você. Então, mecânico, pode começar a tirar.

Ele dá um sorriso de lado, daqueles bem safados, e remove o sapato. Pelo meu talento na sinuca, provavelmente é a única peça que ele vai tirar. Para piorar, ele ainda está de meia. Não sou dessas que tem fetiche por pés, mas os dele devem ser sexy que nem todas as outras partes desse corpo delicioso.

Como eu consegui encaçapar, é a minha vez novamente. Finjo estar decidindo qual a melhor bola e me empino toda em cima da mesa.

— Loirinha... — ele diz meu nome num tom baixo e acusatório. — Eu sei o que você está fazendo.

Eu não respondo nada, apenas olho para ele e dou uma piscadinha. Depois, volto minha concentração para as bolas (não exatamente as que eu queria, mas...) e, sem espanto, erro o buraco.

Ele apenas balança a cabeça negativamente e volta sua atenção para a mesa.

— Prepare-se para perder uma peça — ele diz e eu me seguro para não dizer que, se ele quiser, não precisa nem perder tempo com isso.

Ele mira e, sem muita dificuldade, acerta a bola azul na caçapa da ponta esquerda.

Eric apoia o taco no chão e ergue uma sobrancelha, pedindo silenciosamente para que eu remova algo. Eu poderia fazer que nem ele e retirar o sapato, mas opto por algo um pouco mais revelador. Com meus olhos fixos nos dele, eu me livro da minha camiseta. Unicórnios, por mais maravilhosos que sejam, não são criaturas muito sensuais. Com certeza, é mais fácil seduzir meu namorado sem uma blusa que praticamente grita tenho sete anos. Ou a mesma mentalidade.

Blusa jogada para o lado. Olá, sutiã pink e de renda. A sobrancelha de Eric volta para o mesmo lugar e ele apenas me encara. Sinto-me empoderada quando ele engole em seco e vejo seu pomo-de-adão subir e descer. Pelo volume que começa a exibir na calça, sei que estou no caminho certo.

A brincadeira continua. Claro, ele é infinitamente melhor do que eu na sinuca e, em algumas tacadas, estou apenas de calcinha. Ele, para meu desespero, tirou apenas o sapato.

Quando eu tiro a calça, rebolando sensualmente e tentando não dar uma de desastrada e acabar me estabacando, os olhos de Eric quase saem da órbita. É muito bom ver o homem que você deseja te olhando como se você

fosse a criatura mais perfeita do universo — e é assim que ele me olha, com atenção, como se quisesse decorar meu corpo.

— Loirinha, eu não sei se te dou uns tapas na bunda por ser tão safada e ter me enganado ou se eu me delicio com cada pedacinho do seu corpo.

Por dentro, eu grito opção dois! Opção dois!, mas por fora eu apenas faço alguma coisa para que ele saia da indecisão e perca o controle.

Subo as duas mãos pelo meu corpo, acariciando minha pele macia e mostrando para ele o que está perdendo.

— É uma pena que você esteja tão obstinado a continuar em um relacionamento sem sexo — digo, minha voz baixa, apenas um sussurro.

Minhas mãos continuam seu percurso, até chegarem aos meus seios. Eu os aperto de leve, buscando um dos mamilos. Quando aperto o bico, deixo minha cabeça cair para trás, expondo meu pescoço, e solto um gemido baixo.

— Eu queria tanto que fosse você, Eric...

Escuto quando ele emite um som com a garganta, como se as palavras estivessem ali, mas não pudessem sair.

— Eu preciso tanto de você, Eric... Desejo tanto você — digo as palavras com meus olhos presos nos dele, implorando com o olhar para que ele venha me livrar do desespero que é estar tão perto dele e não poder tocá-lo.

— Foda-se — ele solta e vem na minha direção com pressa e fome.

Sem muita delicadeza, ele toma minha boca em um beijo faminto. Não é um beijo de amor. É um beijo de tesão. Nossas línguas se movem com rapidez, nossos dentes se encontram algumas vezes e ele morde meu lábio inferior como se estivesse desesperado. Suas mãos passeiam pelo meu corpo. Nada é delicado. Tudo é com força, com necessidade. É como se ele estivesse, finalmente, se permitindo. Ele puxa meu cabelo para trás, expondo meu pescoço. Ele lambe, beija, mordisca...

— Você, um dia, me enlouquece, loirinha... Agora mostra que você é tão safada quanto eu sou indecente — ele pede, e sua outra mão vai para dentro da minha calcinha e eu não consigo segurar o gemido que sai quando sinto seu dedo passear por minha umidade. — Ah, loirinha... Você está tão molhada... Isso tudo é pra mim? — ele pergunta e eu não tenho como responder com coerência. Neste momento, meu corpo só consegue sentir o prazer que ele está determinado a me dar.

Ele assalta meu pescoço com a boca enquanto brinca com meu clitóris, fazendo com que eu rebole contra sua mão, doida para gozar.

Eric percebe minha necessidade e intensifica os movimentos. Sua boca desce do meu pescoço para um dos meus seios, abocanhando o mamilo com vontade. Seus dedos mágicos, trabalhando em sincronia com sua língua incansável, me levam ao orgasmo mais rápido do que eu pensei ser capaz. Eu chamo seu nome, me agarrando aos seus braços para conseguir me manter de pé. Minha bunda está apoiada na mesa de sinuca, o que também me ajuda a não cair.

Eric se afasta e me encara. Ele leva os dedos à boca e chupa o líquido que os envolve. Quando fecha os olhos para sentir melhor o meu sabor, eu juro que quase pulo em cima dele de tanto tesão que sinto. É incrível como que, com o homem certo, mulheres são capazes de querer continuar transando, mesmo logo depois de gozar deliciosamente.

— Eu quero que você me leve para sua cama e me mostre o que é sentir prazer — peço, me aproximando dele e apoiando as mãos em seu peito — a noite toda.

Eric me puxa pela nuca para mais um beijo e faz o que eu peço. Ele me toma em seus braços e me carrega para dentro da casa. Eu não presto atenção em mais nada. Meu foco é todo voltado para o beijo, o cheiro dele e a promessa do que vem a seguir.

Quando me dou conta, estou deitada em sua cama e ele está sobre mim. Eu puxo sua camiseta, desesperada para sentir o calor do corpo dele contra o meu.

Ele me ajuda, terminando de remover as demais peças. Sua boca só deixa a minha quando é extremamente necessário. Logo, ele está completamente nu, mas eu ainda estou com a calcinha no lugar.

Eric desce pelo meu corpo, deixando beijos molhados pelo caminho. Eu seguro o lençol e tento manter meu controle. A boca dele é a minha perdição. Seu corpo forte me excita, seu cheiro me alucina, os calos que ele tem nos dedos são ásperos contra minha pele fina, deixando claro que ele é um homem de verdade, daqueles que não têm medo de trabalho. E eu adoro. Adoro o fato de ele querer conhecer meu corpo e me dar prazer. Eric não tem pressa, ele tem fome. Fome por mim.

Quando sinto o calor de seu hálito contra minha entrada, ergo o corpo com a expectativa. Com a ajuda dos dentes, ele remove minha calcinha, me deixando nua à sua frente.

— Nunca vi nada tão perfeito na minha vida — ele fala para si mesmo, esfregando o rosto, como se não acreditasse no que está vendo. e esse gesto

me faz enlouquecer. Jamais me senti tão linda na vida, tão mulher.

— Por favor, Eric... — eu peço, mas sem saber ao certo o que quero. Apenas tenho a certeza de que ele precisa me dar prazer. O olhar dele me excita. Preciso gozar mais uma vez. Preciso dele.

Eric não me desaponta e me dá um sorriso de lado. Sei que ele tem planos para nós, e não sei se fico com medo ou ainda mais excitada.

Ele segura cada uma das minhas pernas e as afasta, fazendo com que eu fique completamente exposta para ele.

— Linda pra caralho — é a única coisa que diz antes que eu sinta o calor de sua língua lambendo a evidência da minha excitação.

Ele parece estar se deliciando comigo. Eu não consigo evitar e me esfrego contra sua boca. Ele me chupa com mais intensidade, segurando minhas pernas com firmeza em volta de seu rosto.

Nossa... Nunca foi assim, com tanta vontade, com tanto desejo.

— Eric... eu preciso...

— Fala, Sissi, fala o que você quer que eu te dou. — Seus olhos encontram os meus e é como se eu tivesse levado um soco no peito. Tem tanto sentimento ali que eu não consigo nem começar a entender.

— Preciso de você dentro de mim — eu digo. Se for preciso, implorarei por isso.

Ele simplesmente me obedece. Solta as minhas pernas e sobe por meu corpo, espalhando mais alguns beijos.

Eric se ajoelha entre minhas pernas e se estica para pegar uma camisinha na mesa de cabeceira. Logo, ele está pronto para o que eu quero. Ele se inclina sobre mim e beija minha boca.

— Tem certeza? — Ele parece em dúvida, mas eu não.

— Agora, Eric. Por favor, agora.

Com uma das mãos, ele alinha sua ereção contra a minha entrada e começa a me penetrar. Eu estou encharcada, mas, mesmo assim, sinto a pressão. Ele é grande, muito grande. Eric se mexe, se empurrando com gentileza para dentro de mim, ao mesmo tempo que sussurra em meu ouvido o quanto me deseja. Ele diz que sou linda, que sou uma delícia e que sou dele.

Sexo nunca foi tão intenso como neste momento. Eric se mexe dentro de mim, me preenchendo de uma maneira que nunca pensei ser capaz. Sem dificuldades, ele encontra aquele ponto que nenhum outro sequer tentou achar.

Eu grito de prazer. Minhas mãos apertam seus braços e unhas arranham suas costas. Nós nos mexemos em sincronia, loucos pelo clímax. Eric não para. Ele é incansável... Quando eu acho que não vou aguentar mais, ele levanta uma das minhas pernas.

— Ai, meu Deus! Isso — é tudo o que consigo dizer e peço que ele não pare. Eu estou quase lá, e ele sabe.

— Isso, loirinha, vem pra mim. Preciso te sentir apertando meu pau. Me faz gozar.

As palavras dele são a minha ruína. Ou melhor, o meu paraíso. Eu gozo como nunca gozei antes. Meu corpo inteiro estremece e eu sinto o prazer se estender do meu pé ao meu último fio de cabelo. Acho que fico rouca de tanto gritar. Pouco importa, porque ele vem logo atrás de mim, chamando meu nome enquanto me beija com devoção.

Melhor. Sexo. Da. Minha. Vida.



É a primeira vez que me arrependo de fazer sexo na vida. Tenho certeza de que, quando Sissi acordar, ela vai me dizer que só me seduziu pra me testar e que não quer mais nada comigo. Eu sou um idiota mesmo. Como fui cair naquele golpe de strip-sinuca? Era óbvio que a loirinha estava cheia de más intenções. Eu devia ter resistido à tentação. Porra! Mas eu não sou de ferro. Desde que a vi pela primeira vez, tocando com a sua banda no bar, fiquei pensando em como seria fodê-la. E depois, com as coisas ficando ainda mais intensas, essa vontade só aumentou. O problema é que, agora, tudo é diferente. Sissi me deu uma única chance de provar pra ela que eu realmente quero algo mais do que sexo. E o que eu faço? Estrago tudo, avançando em cima dela como se fosse a última mulher da face da terra — e, para mim, ela é realmente a última mulher — e fazendo a única coisa que eu sei fazer: sexo.

Ah, se arrependimento matasse... Essa hora eu já estaria enterrado a sete palmos da terra. Sabe o que é pior? Foi o melhor sexo da minha vida. Nunca me senti assim antes. Como se todas as mulheres que fodi fossem apenas uma degustação do que realmente é bom. A loirinha é mais que safada e se entrega de uma forma que nunca ninguém se entregou a mim. Apesar de pequena e apertada, o encaixe foi perfeito e a sensação de vê-la gozando, sendo minha, eu não consigo nem explicar.

— Bom dia, mecânico. — Ela me tira dos meus pensamentos enquanto se espreguiça e me acaricia o peito. — Dormiu bem? — Seu sorriso é o mais lindo do mundo.

— Sissi, eu... — Ela me interrompe com um beijo e monta em cima de mim.

— Você? — Ela me encara e depois começa a morder minha orelha e beijar meu pescoço.

— Loirinha, para... Por favor — suplico. Não quero estragar tudo mais uma vez.

— Por quê? Não gostou da noite de ontem? — Sua expressão é de medo.

— Sissi... — falo, enquanto a tiro de cima de mim e a deito ao meu lado. Viro meu corpo para que fiquemos deitados de lado, nos olhando. — Eu

amei a noite de ontem. Nunca me senti tão completo. O problema é que eu fiz uma promessa e quebrei. Não quero que isso volte a acontecer. Não até você perceber que eu realmente quero mais do que sexo.

— Eric, eu... — Eu a interrompo.

— Não, Sissi, por favor... não fala nada. Só me dá mais uma chance... — digo e levanto da cama para não cair em tentação novamente.

— Aonde você vai?

— Fazer o nosso café.

Saio do quarto. Se a loirinha me olhar mais uma vez do jeito que me olha, não respondo por mim — e não quero pôr tudo a perder.

Estou passando o café, completamente focado, quando ouço a loirinha me chamar: — Eric? — Ela se encosta no batente da porta da cozinha, apenas de calcinha. Puta que pariu. — Acho que a gente precisa conversar...

— Então, coloca uma roupa, Sissi. Por favor. — Desvio meu olhar do corpo dela. Não sou tão forte assim. — Senão, não vou conseguir conversar com você.

— Eric... — A loirinha vem se aproximando devagar. — Olha pra mim.

Não olho. Tento me concentrar na tarefa que estou fazendo, mas a sinto chegando cada vez mais perto de mim. Quando Sissi toca o meu braço para que me vire e fale com ela, todo o meu corpo reage, meus pelos se arrepiam, a boca seca e eu preciso controlar o impulso de não pular em cima dela.

Ela me vira para que a encare e procura por meus olhos.

— O que está acontecendo?

— Só estou tentando manter a minha palavra de um relacionamento sem sexo. Mas você não está ajudando em nada só de calcinha na minha cozinha. — Solto o ar que estava prendendo sem nem saber por quê.

— Foi a ideia mais estúpida que eu já tive na vida — ela fala, rindo. — Você acha que eu não queria que rolasse tanto quanto você?

— Eu não sei, loirinha. Não consigo entender você e nem o que se passa na sua cabeça.

— Mecânico — Sissi coloca as mãos em meu rosto e fica na ponta dos pés —, eu adorei a noite de ontem e quero repetir muitas vezes enquanto estiver aqui. — Ela me beija com carinho. Nada de urgência ou de tesão puro. Apenas um beijo carinhoso, que vai ganhando intensidade conforme ela cola o corpo no meu.

— Sissi — sussurro no seu ouvido —, você vai me enlouquecer assim.

— Essa é minha intenção. — Ela apoia os braços em meus ombros e, em

um impulso, está enlaçada em minha cintura. — Você não quer?

Não consigo responder. Apenas faço o que sei fazer: pressiono-a contra a parede e coloco sua calcinha pro lado. Tento me livrar da calça de moletom e da cueca que estou vestindo. Se é isso que ela quer, é isso que ela terá.

Entre beijos e mordidas na orelha, Sissi me suplica para que a foda ali mesmo. Quando consigo me livrar das roupas, o telefone toca.

— Puta que pariu! — digo, encostando a testa na dela. — Eu preciso atender.

— Não...

— Me dá só um minuto. — Beijo sua bochecha e coloco-a no chão.

Enquanto estou indo em direção ao telefone, me dou conta de que, mais uma vez, ia cair na conversa da loirinha e faltar com a promessa. Por sorte, ele tocou. Parece que alguém lá em cima finalmente anda me ajudando.

— Alô — digo, pensando em agradecer a interrupção.

— Seu Eric? — fala o homem do outro lado.

— Sim, sou eu.

— Aqui é da revenda de peças mecânicas de Paraíso. As peças que o senhor encomendou chegaram, só que o menino que faz as entregas pra região está doente. Acho que só volta na semana que vem. Se o senhor quiser vir buscar, elas estão na loja já.

Agradeço a informação e desligo o telefone. As peças são as que pedi para o ônibus da banda. Eu me dou conta que, se eu for lá buscar, o ônibus ficará pronto mais rápido e a loirinha vai embora para sempre. Se eu esperar a entrega, ela ficará mais tempo comigo e, quem sabe, não saia nunca mais da minha vida. Mas, se ela descobrir que enrolei o conserto só para que ela ficasse, também pode ficar furiosa e ir embora pra sempre. Desde quando a minha vida virou pensar que Sissi vai embora a qualquer instante?

Volto para a cozinha. Sissi está parada, encostada na pia, ainda só de calcinha, com uma xícara de café na mão. Ela me estende a outra.

— Algum problema?

— Não... — Penso se falo a verdade ou não. O que será melhor? — Na verdade — eu me aproximo de Sissi —, tenho uma notícia boa e uma ruim para você.

— Como assim? — ela arregala os olhos. — Qual a má notícia?

— Você irá embora antes do que imaginava.

— Está me mandando embora, mecânico?

— Não. Claro que não, loirinha. É que as peças pro seu ônibus

chegaram e tenho que ir buscá-las na cidade ao lado. Ou seja, o ônibus ficará pronto antes do que a gente tinha pensando e você poderá se livrar de mim.

— E quem disse que eu quero me livrar de você? — Ela solta a xícara na pia e se aproxima. — Não quero me livrar de você até repetirmos várias e várias vezes a noite de ontem... — Sissi me abraça, cola seu corpo no meu e me beija. Afasto-a delicadamente, interrompendo o beijo.

— Agora não. Preciso ir buscar as peças. Quer ir comigo?



Eric arrependido é a coisa mais fofa do mundo. Nunca pensei que esse fosse um adjetivo que usaria para descrevê-lo, mas não consigo encontrar outro mais perfeito para o momento. Ele estava todo inseguro, sem saber o que dizer. Uma gracinha!

Eu só não entendo o motivo dele. Pensei que, ontem, nós estávamos na mesma vibe. Sem dúvidas, aquele foi o melhor sexo da minha vida. Foi intenso, gostoso e com sentimento. Pelo que ele disse, a coisa não foi muito diferente para ele.

Quando algo tão fenomenal assim acontece, por que se arrepender? Não entendo, honestamente. Só faltaram os fogos de artifício.

Porém, tenho um problema à frente.

Eric está determinado a provar sua palavra e, para isso, jura que precisamos manter as coisas do jeito que combinamos, ou seja, sem sexo. Até parece... Ele até conseguiu resistir bem hoje, mas as coisas não ficarão fáceis para ele.

Eu estou tomando banho e me arrumando para ir com ele buscar as peças para o ônibus. Enquanto isso, ele está resolvendo algumas coisas na oficina, mas ficou de passar aqui para me buscar.

Depois de ter recebido a ligação do tal fornecedor (ou sei lá qual o nome que se dá para quem encomenda peças de carro), Eric ficou bastante estranho. Ele veio com esse papo de que eu poderia me livrar dele. Como se eu quisesse qualquer coisa que não envolvesse estar com ele.

É muito estranho como, assim, do nada, sua vida pode mudar. Há uma semana, tudo que eu queria era ter um quarto só para mim para não ter que ouvir a Mika transando por Skype. Sei lá, parece que isso foi há tanto tempo... De uma forma que eu não entendo, Eric parece que se encaixa perfeitamente em minha vida.

Tudo bem que eu estou, temporariamente, de férias. Esta não é minha casa de verdade, nem esta é a cidade onde eu moro. Além disso, não estou tocando em bares e festas quase todas as noites. Mesmo assim, algo dentro de mim diz que... Ah, quer saber? Não posso ficar aqui, desperdiçando a água do planeta enquanto tento racionalizar o que deve apenas ser vivido.

Sentimentos não precisam ser explicados, principalmente quando são compartilhados entre duas pessoas. Ele sente, eu sinto. Pouco importa se tem um nome ou uma definição.

Eu nunca fui de pensar muito no futuro, não vai ser agora que isso vai mudar. Preciso apenas deixar que as coisas aconteçam de forma natural. Mas, ao mesmo tempo, não posso permitir que Eric nos impeça de viver algo que tem o potencial de ser épico. Ele quer impor barreiras, e eu quero derrubá-las.

Saio do banho pronta para a guerra. Não sei por quanto tempo estarei aqui, mas, enquanto eu estiver, quero aproveitar cada momento com ele. De preferência, sem roupa.

Termino de me arrumar e espero que ele chegue para me buscar. Para a minha alegria, não preciso esperar muito. Eric está dirigindo a picafe em vez do carro blá blá blá 69 blá blá. Não entendo de carros. A única coisa que lembro era que tinha um número no meio.

— Para onde nós vamos? — eu pergunto assim que entro no carro e me acomodo no banco da frente.

— O cara mora em Paraíso, uma cidade vizinha — Eric me responde.
Silêncio.

Os cinco minutos seguintes se passam conosco em total e absoluto silêncio. O único barulho que escutamos é o do motor. Nem o rádio ele ligou.

Dá pra sentir a tensão a metros de distância. O que eu não entendo é o porquê de ele estar agindo assim.

— Se você tivesse que escolher entre voltar no tempo e espiar o futuro, qual deles você escolheria?

Minha pergunta o pega desprevenido, mas, desta vez, ele não perde o controle da direção, apenas balança a cabeça negativamente.

— Loirinha, você é, sem dúvidas, a coisa mais adoravelmente inesperada que já me aconteceu.

As palavras dele são doces e combinam com o pequeno sorriso que esboça seus lábios. Os olhos se mantêm na estrada, mas o clima tenso parece ter dissipado.

— Você ainda não me respondeu — comento.

— Eu não sei responder. Tem algumas coisas do meu passado que eu adoraria mudar, mas, ao mesmo tempo, sei que, se eu mudasse qualquer coisa do meu passado, o meu presente acabaria sendo diferente. E eu não mudaria nada do presente que estou vivendo — ele diz e entrelaça nossos dedos.

Eu fico sem saber o que dizer. Por isso, me rendo ao silêncio e encosto

minha cabeça em seu ombro, não sem antes depositar um beijo em seu braço.

O resto do percurso é feito sem conversa. Só que, agora, é um silêncio confortável, que mostra que estamos bem com a companhia do outro.

Eric estaciona na frente da loja. Eu fico no carro enquanto ele entra. Ele me prometeu que não demoraria muito e eu espero que seja verdade.

Enquanto espero, pego meu celular para ver se tenho alguma mensagem. Péssima ideia.

Pai: Isabel, nós precisamos conversar.

Há anos, não falo com ele. Para ser mais exata, há três anos, dois meses, uma semana, quatro dias e seis horas. Não consigo contar os minutos. Mas o dia em que eu saí da casa dele está guardado na memória como um marco. Foi o dia que eu escolhi meus princípios em vez da minha família. Foi o dia que eu perdi tudo e ganhei o mundo.

Não entendo o porquê de ele estar entrando em contato agora, muito menos sobre o que ele quer falar comigo.

Nós não temos assuntos em comum. Nem sei como ele conseguiu esse número.

Resolvo ignorar a mensagem. Não tenho nada para falar com ele.

— Sissi? — Eric chama e viro meu rosto para ele. — Você está bem? — ele me pergunta e eu apenas faço que sim com a cabeça. — A peça já está na caçamba. Podemos voltar pra oficina agora.

— Você tem que voltar neste exato momento ou pode ficar um pouco mais comigo? — questiono, olhando para ele de forma manhosa.

— Poder, eu não posso. Tenho um ônibus para acabar de consertar. Mas, se a dona dele não se importar, eu prefiro passar a tarde com a minha namorada.

— Eu tenho certeza que ela não se importaria. Inclusive, acho que ela diria que uma tarde com a namorada é algo bastante recomendável.

Ele apenas dá um sorriso e me presenteia com um selinho. Peço a Eric que me mostre um pouco mais da região. Ele me mostra esta cidadezinha, que consegue ser ainda menor do que Vale da Esperança. O único ponto turístico é uma árvore, que dizem ter mais de trezentos anos. Se é verdade ou não, pouco importa. Eric me leva até a tal árvore que, reza a lenda, é mágica: ela realiza os desejos de quem a visita.

Eu sei que é brincadeira, mas não posso passar a oportunidade. Vai

que...

Encosto minha mão no tronco, fecho os olhos e peço silenciosamente para que Eric nunca saia da minha vida.



Fico observando Sissi fechar os olhos e encostar as duas mãos com a as palmas abertas na árvore mágica de Paraíso. Eu queria ser adivinho nesse momento pra ler seus pensamentos e descobrir o que ela pede. Se eu acreditasse nisso e pudesse ter um desejo a ser realizado, com certeza pediria para que ela nunca mais saísse da minha vida.

Mas eu preciso encarar os fatos. Em três ou quatro dias, no máximo, a loirinha vai embora com seu ônibus velho e nunca mais vai lembrar de Vale da Esperança, quanto mais de mim. A única chance que talvez eu tenha é realmente mostrar pra ela que não é só sexo. Só que parece que a Sissi não está disposta a isso. Pelo menos, não foi o que pareceu hoje de manhã.

Vai entender... Há menos de cinco dias, tudo que eu queria era fodê-la de todas as formas possíveis até cansar, e ela queria me conhecer. Agora, eu quero conhecê-la e ela, me foder. Literalmente.

— Eric?! — a voz de Sissi faz com que eu abandone meus pensamentos.
— Você não vai fazer seu pedido? — Ela caminha até mim e me dá a mão.

— Não acredito na lenda, loirinha.

— Eu também não sei se acredito, mas e se for verdade? Não custa a gente tentar. — Ela vai me puxando pra mais perto da árvore. — Vem. Coloca as mãos aqui. — Sissi pega minhas mãos e encosta no troco, se posicionando em minha frente, fazendo com que nossos corpos se encaixem. Coloca as mãos em cima das minhas. — Agora, feche os olhos e faça seu pedido — a loirinha ordena.

— Eu quero que a Sissi nunca mais saia da minha vida. — Quando termino de pensar, me dou conta que falei em voz alta. Abro os olhos e a loirinha está virada de frente pra mim, seus olhos ficam buscando os meus.

— Eric... eu... — Silêncio sua boca com um selinho.

— Não precisa falar nada — digo para ela e lhe dou um outro beijo. Desta vez, com mais intensidade.

Sissi enlaça os braços no meu pescoço e se desmancha na minha boca. Sinto sua pele se arrepiar, quando a seguro pela cintura e puxo seu corpo contra o meu. Ela se entrega ao beijo de tal forma que meu pau reage na hora. É apenas um beijo, mas cheio de promessas e vontades que eu preciso

estancar. Afasto os nossos corpos e finalizo o beijo. A loirinha fica me olhando com cara de frustrada.

— Por quê? — ela pergunta.

— Por que, o quê?

— Por que você não quer que eu saia da sua vida? — ela continua me encarando.

— Eu não tenho todas as respostas pras suas perguntas — digo. Não sei exatamente como responder a isso. — Eu só não quero. Você foi a melhor coisa que me aconteceu na vida e não sei como fazer você ficar.

— Eric, eu não... — interrompo Sissi. Não quero levar um fora agora.

— Você não precisa me dizer nada, loirinha. — Seguro sua mão. — Vamos.

Não quero saber os motivos que ela tem pra ir embora. Muito menos saber que eu não sou nada mais que uma aventura para ela. Sei que vou ficar quebrado em mil pedaços, mas, ainda assim, vou tentar conquistá-la.

Entramos no carro, ligo o rádio e entrelaço nossos dedos. Vamos voltando para casa, eu com a peça que vai fazê-la se afastar de mim, ela cheia de pontos de interrogações expressos no rosto. Ficamos em silêncio. Cada um perdido nos seus pensamentos, medos ou sei lá o quê. Eu me questiono como poderia dar certo. Sissi morando em outra cidade, cheia de shows. Eu sempre inseguro que alguém mais interessante que eu apareça ou que, em um momento de carência, ela se deixe levar. Seria impossível — a não ser que eu fizesse o que sempre quis.

— Eu espiaria o futuro — digo, fazendo com que ela me olhe — para saber o que fazer pra você ficar.

A loirinha apenas aperta minha mão com força e deixa escapar um sorriso de seus lábios que, de alguma forma, me dá esperança. Eu começo a pensar que poderia, sim, dar certo e que está na hora de eu criar coragem e correr atrás dos meus sonhos.



Entro em casa e já passa das oito da noite. Quando voltamos de Paraíso, deixei Sissi aqui e fui para a oficina. Duas chamadas de emergência acabaram fazendo com que eu me atrasasse pra voltar pra casa.

— Loirinha? — grito. A cozinha está apagada e a parte de cima da casa também. Nem sinal dela.

Subo as escadas, entro no quarto de hóspedes e nada. Abro a porta do meu quarto e também está vazio. Em cima da cama, um bilhete:

Meu mecânico indecente,

Sol passou aqui e, como você estava demorando e seu estoque de bebidas acabou, fomos pro bar. Te espero lá.

Beijos,

Da sua loirinha safada

Dou risada do jeito que ela me chama e como assina. Entro pro chuveiro e tomo um banho rápido, só pra tirar o suor e o cheiro de graxa do dia. Coloco a primeira roupa que vejo na frente. Não quero impressionar a loirinha bem vestido. Quero abraçá-la. Não sei por que, mas chegar em casa e não encontrá-la me dá um vazio tão grande que a única necessidade que sinto neste momento é de tê-la em meus braços. Até a fome mostra que estava antes de chegar parece que desapareceu.

Corro até o bar. Não vou de carro e nem caminhando. Literalmente, corro até a porta. Quando chego, tento recompor a minha respiração. Também não preciso dar tanta bandeira assim que estou totalmente de quatro por ela. Além do quê, ela já sabe disso, então fazer o papel do idiota que saiu correndo de casa pra ver a namorada é desnecessário.

Entro no bar e nem Sissi, nem Sol notam a minha presença. As duas estão sentadas numa das poucas mesas, uma ao lado da outra, de costas para porta. Eu me aproximo devagar. A meia luz do ambiente também não ajuda muito, mas, quanto mais próximo chego da mesa, percebo que a loirinha parece estar chorando no ombro de Sol. Que merda! Acelero os passos.

— Ele nunca vai me deixar em paz, Sol! — Sissi soluça. — E eu não sei como contar pro Eric a verdade. — Ela limpa o rosto das lágrimas. — Ele nunca vai entender ou me perdoar. Eu não queria magoá-lo.

Putaquepariu! É isso! Sissi já tem alguém em sua vida. Viro de costas e saio apressado do bar procurando por ar. Putaquepariu! Eu sou realmente um idiota. Por que eu fui achar que uma mulher perfeita como Sissi estaria solteira e disposta a ter algo com um mecânico de merda do interior?

Acelero meus passos para encontrar a porta e trombo em Alexandre.

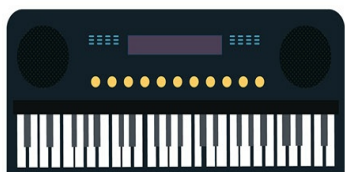
— Hey, cara! Devagar.

— Não enche. — Empurro Alexandre da minha frente.

— Eric! — Ouço Sissi me chamar.

— Eric! — Sol grita.

Não olho para trás. Encontro a porta e saio correndo. Para o mais longe possível. Eu sou um completo idiota.



28

Às vezes, eu queria ser criança de novo. Não porque minha infância foi lá grandes coisas, mas porque ser adulto dá muito trabalho. São responsabilidades, obrigações, contas... Além disso, temos sempre que pensar no outro. Criança é um bicho egoísta. Sempre quer o que quer e, muitas vezes, não mede esforços para conseguir. Manipula, chora, briga... No fim, tudo dá certo.

Quando eu vejo Eric sair correndo do bar, tudo que eu desejo é poder ser criança novamente. Não quero lidar com os problemas da vida. Eu quero o Eric e pronto. Se eu fosse criança, ele seria meu do jeito que eu quero, porque eu quero e como eu quero. Tá, se eu fosse criança, ele seria um pedófilo e estaria, de preferência, na cadeia.

O problema de ser criança é ter que conviver com os pais. Pelo menos, esse foi o meu maior problema na época. É muito difícil ser a filha de uma socialite e um político. Quando eu era pequena, meu pai apenas defendia esses caras, afinal, ele vinha de uma família de advogados. Os Bittencourt eram sempre os mais requisitados pela elite da política. Meu avô sempre se gabou disso.

O grande problema foi quando meu pai resolveu sair do escritório e tentar voos mais altos. Pior ainda foi que ele conseguiu. Deputado, Governador e, hoje, Senador, cumprindo o primeiro ano do seu mandato.

Tudo que eu não quero nessa vida é que Eric saiba sobre a minha família. Nem as meninas sabem.

— Você vai atrás dele? — Sol pergunta, mas eu não respondo.

Eu estou entre a cruz e a espada. Se eu for, terei que explicar para ele quem eu sou, de onde eu venho e, principalmente, quem é meu pai. Se eu ficar, corro o risco de perder o cara que, em tão pouco tempo, mudou a minha vida.

Algo em mim diz que eu preciso estar com ele. Que é... certo. Sei lá. Quando ele fez o pedido dele em voz alta, eu quase morri. Minha vontade foi de me ajoelhar na frente dele e pagar o melhor boquete da história dos boquetes. Como um cara consegue ser tão romântico, intenso e gostoso ao mesmo tempo?

O filho da mãe me tira do eixo e me deixa sem saber como agir.

Nunca pensei que fosse ser uma mulher confusa, indecisa.

— Sissi? — Sol insiste e eu finalmente olho para ela.

— Não sei.

— Mas eu pensei que você gostasse dele, pensei que estivesse...

Eu não deixo que ela continue e a interrompo: — O que eu sinto por ele não é “gostar” — faço o sinal das aspas com os dedos —, é muito mais que isso. Não tenho como nomear uma coisa que não entendo, Sol, mas eu quero esse homem na minha vida — confesso em um desabafo. Meus olhos estão cheios de lágrimas e eu não sei o que fazer com a dúvida que me consome por dentro.

— Eu, honestamente, não te entendo, loirinha — ela diz, usando o apelido que Eric sempre usa. A não ser quando as coisas ficam sérias. É quando ele me chama de Sissi, e meu nome em seus lábios é algo afrodisíaco.

— Não tem o que entender, Sol. Eu só não sei se estou pronta para me abrir para ele. O meu passado não é romântico e cheio de histórias bonitinhas com o vovô. Meu passado é feio, é sujo, é podre. Eu não quero compartilhar com ninguém, muito menos arriscar de ele nunca mais querer olhar para mim.

Sol, de supetão, me puxa pelo ombro e me vira de frente para ela, seus olhos se fixam nos meus e seu semblante não é nada compreensivo. Na verdade, ela parece estar irada.

— Sabe qual o seu problema? Que você ainda é uma patricinha mimada. Eu não sei exatamente pelo que você passou, mas sei de uma coisa: você não é mulher suficiente para um cara como o Eric.

— Como é que é?! — Afasto-me dela, dando um passo para trás.

— Isso mesmo que você ouviu. Você é uma filhinha de papai que acha que tudo e todos devem agir da forma que lhe convém. O Eric pode dizer que está apaixonado por você, mas você não pode dizer de volta para ele? O Eric pode querer tentar algo a mais com você, mas você não pode fazer o mesmo por ele? O Eric deve mudar, mas você tem que continuar assim, do jeitinho que é? Sabe o que mais, garota? Cresça primeiro e depois tenta brincar como gente grande.

Ela despeja as palavras na minha cara, vira as costas e vai embora. Antes que ela desapareça, se vira para mim mais uma vez e grita: — Ele está no lago.

Sol não me espera responder e continua caminhando.

Eu me sento no meio da calçada, pouco me importando se estou no meio do caminho. Abraço meus joelhos e tento desaparecer. Não tenho ideia do que dizer, do que pensar.

Não sei se fico sentada por cinco ou cinquenta minutos, tentando digerir as palavras duras e cruéis de Sol, quando sinto uma mão no meu ombro e viro a cabeça para ver a quem pertence.

Alexandre.

Ele olha para mim com um sorriso triste no rosto e eu não consigo encará-lo. Estou com vergonha. Uma lágrima finalmente rola por meu rosto e eu encosto minha cabeça no joelho. Não quero que ninguém me veja assim.

— Vem, Sissi. Vamos sair do meio da rua.

Ele me puxa para cima, e eu me deixo ir. Alexandre me leva até seu carro e me coloca no banco do passageiro. Quando me dou conta, ele já está acomodado no do motorista.

Passamos um tempo em silêncio, dentro do carro parado.

— Sol tem razão... — é a única coisa que digo.

— Sissi, eu não te conheço há tanto tempo assim para poder te julgar. E nem ela, diga-se de passagem. Mas o que eu posso ver dessa história toda é que tanto você quanto ele estão confusos. Nenhum dos dois esperava encontrar alguém por quem valesse a pena mudar.

— Não é só isso, Alexandre. A questão não é mudar, apenas. — Eu me viro para ele e me permito fitá-lo nos olhos. — Mudar é fácil. Nós nascemos para mudar, e mudamos o tempo todo. Desde que nascemos, tudo que fazemos é mudar. O problema é... é... — eu gaguejo, sem saber exatamente quais palavras usar para que ele entenda meu dilema.

— Você não precisa me explicar, Sissi. Não sou eu quem você quer ao seu lado. É Eric.

Sua mão encontra a minha. Ficamos assim, de mãos dadas. Ele passando sua energia para mim e eu tentando criar coragem para fazer aquilo que eu prometi só fazer caso encontrasse o homem. Não o homem mais gostoso ou que me excitasse mais, e sim o homem que me fizesse desejar compartilhar tudo.

O problema é: será que Eric é esse homem?

— Cacete! Eu o conheço há dias, Alexandre. Dias! Não meses, não anos, não há tempo suficiente para saber se ele é...

— Só que você vai embora, mais cedo ou mais tarde. Se você não decidir se ele vale a pena agora, então não vai ter mais a chance. É você que

escolhe, princesa. Mas, se a minha opinião vale para alguma coisa, eu te digo que, de todos os caras do mundo, você escolheu o melhor deles.

Alexandre me olha com ternura e eu balanço a cabeça, tentando conter um pequeno sorriso que cisma em escapar todas as vezes que ele está perto.

— Eu sempre quis ter um irmão mais velho.

— Posso me candidatar ao cargo? — ele pergunta, emoldurando meu rosto com as duas mãos.

— Nunca nem cogitei qualquer outro candidato — eu digo e ele dá um beijo em minha testa. Depois, me puxa para um abraço.

— Vai lá, garota. Vai atrás do seu felizes para sempre.

As palavras dele fazem com que eu saia dessa névoa de tristeza e dúvidas e me afaste dele.

— Você sabe onde ele está?



Alexandre, obviamente, sabe onde Eric está e me leva até ele. Sol estava certa: ele está no lago, no mesmo lugar que ele me trouxe.

Consigo ver a silhueta dele, sentado no chão, olhando para a água, provavelmente me xingando. Não sei exatamente o que ele ouviu, nem o que ele entendeu de tudo. Mas uma coisa é fato: o modo como ele saiu de lá, a expressão em seu rosto... Tudo denunciava o quão magoado e cheio de raiva ele estava.

— Deseje-me sorte — peço, olhando para Alexandre.

— Você não precisa de sorte. Porque aquele ali — ele aponta para Eric com a cabeça — está de quatro por você. Você precisa é de coragem para admitir que sente a mesma coisa.

— Você nunca mais vai sair da minha vida. — Minhas palavras arrancam um sorriso enorme de Alexandre. Eu beijo seu rosto e saio do carro.

Sim. Coragem. Eu preciso ter coragem para admitir que quero estar com ele, que o que quer que seja isso entre a gente não tem prazo de validade. Não sei como vou contar a ele sobre o meu passado, mas eu preciso que ele entenda que ele é muito mais do que apenas o meu mecânico indecente.

Vejo o momento em que ele percebe que estou a suas costas. Ele enrijece e para de respirar. Eu também. Não quero invadir o espaço dele, mas

também não quero que ele me afaste. Em vez de me aproximar, decido despejar tudo de uma só vez, antes que eu perca a coragem.

— Eu também estou apaixonada por você e o desejo que fiz naquela árvore mágica foi exatamente o mesmo que o seu. Eu não quero que você saia da minha vida. Eu sei que sou toda confusa e mudo de ideia mais rápido do que mudo de calcinha, mas você me confunde! Eu sei que não sou um mulherão forte, determinado e blá blá blá, muito menos madura... Eu não sou madura. Mas se você me der uma chance, eu posso tentar. Eu posso ser menos egoísta e...

No meio do meu discurso, Eric se levanta, mas não faz menção de se aproximar.

— Do que você está falando, loirinha?

— Eu não sei exatamente o que você ouviu e o que te fez sair correndo, mas a Sol deixou claro que eu não sou mulher suficiente para estar com você, e, honestamente, eu concordo com ela. Mas eu posso tentar...

Ele dá alguns passos em minha direção, mesmo assim não chega perto o suficiente para que eu possa tocá-lo. Eu quero tanto tocá-lo...

— Eu saí de lá porque ouvi você falando do outro homem. Eu não estou nem um pouco a fim de me candidatar à vaga de otário do ano, desculpe.

— Oi? — As palavras dele não fazem o menor sentido.

— Vai se fazer de desentendida agora? — ele pergunta de forma acusatória. Eric cruza os braços na frente do corpo, deixando aqueles braços fortes em evidência.

Isso não é justo.

— Eu não tenho ninguém. O único homem na minha vida é você. E o Alexandre. — Ele arregala os olhos e dá dois passos para trás. Seus braços se descruzam e vejo quando ele aperta as mãos em punhos. — Não! Não é isso. É que a gente acabou de ter um momento e...

— Porra! Com o meu melhor amigo, Sissi?

— Não! — Ai, meu Deus. Ele está entendendo tudo errado. Será que ele, honestamente, acha que eu ficaria com seu melhor amigo? — Claro que não, Eric. Eu disse que queria que ele fosse meu irmão... Só isso. Eu... Eu nunca tive ninguém. Eu cresci sozinha numa mansão. Minha mãe contratava uma babá nova a cada mês e eu nunca tive irmãos ou primos ou qualquer pessoa para ficar do meu lado.

As lágrimas começam a escorrer. É como se a torneira tivesse acabado de abrir. É agora ou nunca: — Aquela hora que você chegou no bar eu não

estava falando de um homem. Eu estava falando do meu pai. — Eric me encara, uma sobrelha erguida. — Eu não sei o que causou uma reação tão extrema em você, mas, quando vi, você estava correndo para fora do bar. Eu não sei o que você ouviu, mas, naquele momento, eu estava com medo de que você descobrisse quem são meus pais.

Eric dá alguns passos para frente e se posiciona bem diante de mim.

— Então, você não tem outro homem na sua vida? — ele pergunta, e a vulnerabilidade em sua voz é evidente.

Pela primeira vez, sinto que ele, de fato, tem sentimentos por mim — sentimentos que vão além de desejo.

— Só você... se você ainda me quiser — sussurro a última parte, olhando para cima. Seus olhos estão nos meus, questionando, demandando minha resposta.

— Tudo que eu quero é você, loirinha.

— Isabel.

— Quê?

— Meu nome é Isabel — explico.

— Combina com você. É nome de princesa.

Eric me puxa para um beijo. No momento em que seus lábios encontram os meus, eu solto um suspiro de alívio.

Não quero nem imaginar ter que viver sem isso. Sem ele. Sem seus braços ao meu redor. Sem seu cheiro na minha pele.

Mas minha razão fala mais alto. Eu sei que temos muito que conversar. Por isso, eu me afasto. Ele traz seu rosto junto, e eu dou uma risada.

— A gente precisa conversar — eu afirmo.

Eric encosta sua testa na minha e beija a ponta do meu nariz.

— Não. Você tem que repetir aquilo que você disse — ele diz.

— O que foi que eu disse? — Eu falei tanta coisa que nem sei mais o que ele quer que eu repita.

— Ah, não foi nada demais... Só aquela coisa irrelevante de você estar apaixonada por mim também.

Ambas as suas mãos estão na minha cintura e ele me aperta, fazendo com que eu solte um gemido baixo.

Fico na ponta dos pés e encosto minha boca na sua.

— Eu estou apaixonada por você — sussurro contra seus lábios, meus olhos presos nos seus.

Eric solta um rosnado e me beija com força, e eu esqueço o que preciso

dizer, esqueço sobre meu pai. Esqueço sobre o mundo. Tudo que me importa é que estamos juntos.



“Eu estou apaixonada por você” é tudo que consigo ouvir e absorver do que Sissi acaba de me dizer. Ou melhor, Isabel. Do que Isabel acaba de me dizer. Puxo-a pela cintura para que qualquer distância entre nós desapareça e me perco em sua boca. Seu gosto, seu cheiro, a intensidade com que me beija fazem com que todo meu corpo reaja a sua presença. Fodam-se promessas de nada de sexo, ela também está apaixonada por mim e tudo que mais quero é estar dentro da loirinha nesse minuto.

Nunca senti uma conexão assim com alguém. Sissi me faz sentir, ser e querer coisas que eu nem sabia que eram possíveis. Ela enlaça os braços em meu pescoço e vai me flexionando para baixo. Sem desgrudar de seus lábios, lentamente vou cedendo ao seu pedido silencioso e me deixo cair sobre ela na beira do lago. A noite está linda e, pela primeira vez, sou capaz de perceber quanta beleza existe em uma noite estrelada de lua cheia. Tenho a sensação que cada astro que nos observa no céu sorri. Agora, além de um idiota apaixonado, eu também virei um cara romântico. Esse é o efeito princesa Sissi em minha vida.

As mãos da loirinha descem pelos meus braços, acariciando e me apertando. Não sou capaz ainda de abandonar sua boca: ela também está apaixonada por mim e eu quero beijá-la para sempre. Quando ela desliza as mãos pelas minhas costas e puxa minha camiseta, me fazendo entender que quer sentir minha pele contra a sua, separo nossos lábios apenas para que a camiseta saia do meu corpo e volto a devorá-los. Não consigo me cansar de sua boca. Sei que Sissi quer mais do que beijos pelo jeito que se esfrega e pressiona a cintura contra a minha. Mas não tenho pressa. Quero aproveitar cada segundo possível sentindo seu gosto.

Novamente, é ela quem toma uma iniciativa, fazendo menção de tirar a própria camiseta. Separo nossos lábios sobre protestos dessa vez. Puxo sua camiseta de baixo para cima, depositando beijos em cada parte macia, branca e deliciosa do corpo da loirinha que vai sendo descoberto. Quando chego na altura de seus peitos durinhos, pequenos e empinados, que tanto me alucinam, perco o controle. Enquanto ela dá um jeito de se livrar, com pressa, da camiseta e do sutiã, com uma mão, eu massajeio um seio enquanto com a

boca sugo, beijo, lambo e mordo o outro.

Sissi arqueia o corpo embaixo de mim, geme e solta um grito abafado, mordendo meu ombro quando mordo o bico de seu peito rosado. Suas mãos procuram os botões da minha calça e as minhas, o de seus shorts. Sem mais enrolação, tiramos um a roupa do outro. Ela não perde tempo e tira minha calça e cueca de uma vez. Eu tiro seus shorts lentamente, beijando todo caminho até seus pés e lambendo no caminho de volta. Quando encaro a calcinha branca e minúscula, agradeço quem inventou a renda. Puta que pariu! Tiro sua calcinha, fazendo o mesmo trajeto de beijos.

— Eric... — ela sussurra com a voz rouca e manhosa. — Por favor... eu preciso que você me faça gozar...

Todas as vezes que Sissi fala meu nome, tenho a sensação de que vou enlouquecer. O jeito como fala Eric parece ser afrodisíaco. Obedeço a sua súplica, afastando suas pernas. Aproximo a cabeça de sua boceta e sinto a umidade e o calor que ela emana.

— Ah, Isabel... — Vejo que ela se arrepia toda ao ouvir seu próprio nome. — Seu desejo é uma ordem.

Lentamente, passo a língua em seu clitóris. Sissi se arqueia e geme alto. Repito o movimento, alternando entre sugadas e leves mordiscadas enquanto ela grita cada vez mais alto. Sissi rebola em minha língua e segura minha cabeça com força, pressionando mais contra ela. Quando percebo que ela está quase lá, enfio meus dedos em sua boceta, metendo com força, saindo de dentro dela, massageando seu clitóris e voltando pra dentro.

— Vai, princesa! Goza pra mim... Quero você gozando na minha mão... — sussurro contra sua boceta.

Sissi não consegue responder. Apenas rebola com mais intensidade em minha mão e, quando meto com mais força os dedos e lambo sua parte mais sensível, ela explode em espasmos por todo o corpo e me puxa pelos cabelos para cima.

— Isso foi... — Sua respiração ofegante não a deixa completar a frase.

Beijo sua boca com fúria, enquanto ela tenta se recuperar e acalmar a respiração. Não aguento mais. Estou a ponto de explodir. Com as mãos, Isabel encaixa meu pau em sua entrada. Só o toque dela é capaz de me fazer gozar.

— Agora, me come, mecânico indecente... — a voz melosa me deixa louco.

Sem pensar em mais nada, escorrego pra dentro dela com facilidade. A

loirinha está tão excitada que não apresenta resistência nenhuma, mesmo sendo pequena para meu tamanho. Espero que ela se sinta confortável com o espaço que ocupo, então, começo a socar forte e rápido dentro dela. Cada vez que entro todo, Sissi tem espasmos e geme. Seu gemido me deixa mais enlouquecido, se é que isso é possível. Não quero gozar. Não quero nunca mais sair de dentro dela. Mas não aguento mais e, quando sinto sua boceta apertar meu pau com força, se contraindo e indicando que mais um orgasmo se aproxima, é minha vez de suplicar: — Goza comigo, loirinha safada... — sussurro em seu ouvido e volto a beijar sua boca.

Sissi obedece, e eu explodo em mil fragmentos dentro dela, sentindo enquanto ela também se desmancha em mim. Pela primeira vez, descubro que realmente duas pessoas são capazes de gozar ao mesmo tempo sem desgrudar as bocas.

Caio para o lado e puxo Isabel para meus braços. As respirações ofegantes, os corações acelerados, a intensidade de tudo que senti à flor da pele. Sexo nunca foi assim. Descubro que acabei de fazer amor. Realmente, eu sou um babaca romântico, completamente enfeitiçado por essa loirinha.

— Isso foi... — ela procura palavras enquanto faz um carinho em meu peito. Interrompo sua fala com um beijo em sua testa.

— Foi — é tudo que consigo dizer.

Ficamos ali, com a sensação de êxtase, olhando as estrelas, a lua e ouvindo os grilos na beira do lago. Abraçados. Sinto que meus braços nunca mais precisarão de outra mulher, assim como a minha boca e meu corpo.



Quem diria que Eric, aquele homem das cavernas e arrogante, para quem mulher era sinônimo de orifício do prazer, poderia se tornar um namorado super romântico? Eu, com certeza, nunca tinha cogitado essa possibilidade. Até o momento em que fizemos amor à luz das estrelas. É tão lindo que chega a ser cafona. Mas confesso que eu amei cada minuto — não apenas pelos vários orgasmos.

Eric sabe como dar prazer a uma mulher. Não quero pensar em como ele aprendeu a fazer tudo que faz, mas preciso confessar que o homem não desaponta! Muito pelo contrário. Dedos, língua, pau... Não importa, ele sabe usar.

— Quando você fica muito calada, tenho até medo do que deve estar acontecendo dentro dessa sua cabeça — Eric diz, me fazendo rir. Eu me aninho ainda mais em seus braços, minha cabeça apoiada em seu ombro e minha perna passada sobre as suas.

Estamos deitados em sua cama, finalmente cansados. Quando saímos do lago, viemos direto para cá, onde continuamos explorando e decorando o corpo um do outro.

— Eu estou pensando na sua capacidade de me fazer gozar — confesso.

— Excelentes pensamentos. — Ele ri e beija minha cabeça. — Mas, confesso: acho que você me esgotou por hoje, loirinha.

— Contanto que você durma satisfeito... Meu trabalho por hoje já está completo — brinco e dou uma mordida leve em seu peito. A mão dele, que está na minha cintura, me aperta.

— Eu nunca estive tão satisfeito na minha vida. — A confissão dele faz com que eu abra um sorriso enorme.

Neste momento, me sinto uma imperatriz do sexo, capaz de satisfazer um homem como este, todo delicioso e piruzudo. Coloco minha coroa imaginária e monto sobre ele.

Eric me olha de forma divertida, erguendo uma sobrancelha.

— Se você quiser mais uma rodada, eu até topo, mas você vai ter que fazer todo o trabalho. — Eu solto uma gargalhada com seu comentário.

— Não vou conseguir andar amanhã se a gente fizer mais sexo.

— Então, por que está aí? — ele pergunta, e suas duas mãos vão para a lateral do meu corpo, subindo e descendo em um carinho gostoso que me faz querer ficar assim para sempre.

— Porque eu quero olhar para você. Quero ter ver assim, satisfeito, feliz, meu... — a última palavra sai em um sussurro, mas causa o estrago pretendido.

Eric me puxa, invertendo nossas posições e ficando por cima de mim. Ele prende meus dois braços, segurando meus punhos, e se encaixa entre minhas pernas. Seu rosto está a centímetros do meu, e posso sentir sua respiração.

— Diz que eu sou seu, loirinha, diz.

— Você é meu... — sussurro as palavras, tentando me levantar para poder beijá-lo, mas Eric tem outras ideias. Ele afasta seu rosto do meu, impedindo nosso contato.

— Mais alto — ele pede.

— Você é meu — meu tom agora é enfático. Meus olhos presos nos dele.

— E você é minha... Toda minha. Minha loirinha safada.

Ele me beija com vontade, devorando minha boca e me possuindo mais uma vez. Sinto quando sua ereção começa a me cutucar e não consigo conter o gemido.

Eric desce seus beijos por meu pescoço, sussurrando que sou sua, que ele precisa de mim, do meu corpo, dos meus beijos.

Ele desce, desce, desce... Até chegar onde eu mais preciso dele. Eric me lambe, chupa e mordisca meu clitóris, me levando à loucura pela sei lá qual vez na mesma noite.

— Você realmente sabe como me enlouquecer, loirinha — ele diz e me dá uma mordida na parte interna da coxa.

— Ai! Isso dói — reclamo, passando a mão no local onde está a marca dos seus dentes.

— Se quiser, eu beijo até não doer mais — ele sugere, mexendo as sobrancelhas de uma forma tão engraçada, que acabo caindo na risada.

— Acho que, se eu gozar mais uma vez, vou entrar em coma.

— Quer testar a teoria?

— Não. Prefiro ficar aqui, nos seus braços. — Eu o puxo para cima de mim e, apesar da diferença de tamanho, o peso dele não me incomoda. Pelo contrário.

— Eu vou te esmagar, loirinha.

— Não tem problema. Prefiro ser esmagada do que estar sem você.

Ele para de falar e me olha. A intensidade é tanta que me sinto acanhada. Eric deixa os dedos percorrerem minha bochecha. É uma carícia suave e eu fecho os olhos para sentir melhor.

— Você é perfeita, Isabel — ele diz, fazendo com que eu abra os olhos novamente e o encare.

— Então, faça o que for preciso para que eu nunca vá embora — rebato, minha voz é baixa, mas ele entende o que eu digo.

Não estou falando de um ir embora no sentido geográfico da coisa. Eu quero estar aqui, nos braços dele, independentemente de onde estejamos. Seja em Vale da Esperança ou em qualquer outro lugar do mundo. Pouco importa. Contanto que eu esteja com ele, as chances são grandes de eu estar feliz.

— Eu nunca vou te deixar ir embora, Sissi. Nunca — ele promete e me puxa para mais perto.

Nós ficamos deitados, aproveitando a companhia um do outro. Pela primeira vez na minha vida, eu me sinto desejada. Não de uma forma sexual, mas de uma forma sentimental. Ele me quer com ele. Eu não sou um troféu ou uma princesinha a ser exibida.

— Se você tivesse que escolher uma comida para comer pelo resto da vida, qual seria? — pergunto e escuto sua gargalhada rouca.

— Você, loirinha. Eu quero comer você pelo resto da minha vida.

É... Estou em casa.



Eu sei que deveria ter acordado cedo e ido trabalhar. Sei que tenho um ônibus — que eu não quero consertar nunca mais — pra terminar e mais alguns carros pra resolver. Sei que vovô me condenaria por tirar um dia de folga com tanto movimento na oficina. Mas quer saber? Foda-se.

Vovô sempre foi um romântico incurável e fazia questão de me contar todas as vezes que ele surpreendeu a vovó ou fez coisas para deixar bem claro que ela era a mulher da sua vida. Então, acho que ele me perdoaria, pois estou seguindo seus passos. Nunca imaginei que, um dia, eu diria que achei a mulher da minha vida. Mas essa é a verdade. A loirinha safada é a mulher da minha vida, com toda a certeza. Aquele patricinha mimada, toda arrumadinha, de voz irritante, pequena, loira, com os peitos empinados e as perguntas mais esquisitas do mundo nos momentos mais importunos é a mulher da minha vida.

Ontem, quando Isabel pediu para que eu faça o que for preciso pra ela nunca sair da minha vida, eu tive mais que certeza: tudo que eu quero é mimar, cuidar e protegê-la. Claro que isso com muitas fodas, porque... ô, mulherzinha insaciável. Juro que se ela tentasse mais uma rodada, eu precisaria parar no hospital pra tomar soro na veia.

Mas sabe o que é o melhor na companhia dela? É a capacidade de me fazer rir. Acho que nunca havia me divertido tanto com uma pessoa, como me divirto com a Sissi. O jeito dela, as perguntas esquisitas, a capacidade de sempre ter uma boa resposta. Até quando está braba ou confusa, ela é capaz de me fazer rir. Vovô dizia que os amores verdadeiros são assim. Acho que agora faz todo o sentido pra mim: nada parece mais fazer sentido se não for ao lado dela.

Desde que acordamos, estamos agarrados. Primeiro na cama, depois na hora do café. Vimos besteiras na televisão, fizemos o almoço juntos e agora estamos mais uma vez assistindo qualquer coisa na televisão só para não precisarmos sair um de perto do outro. Esse foi o melhor dia da minha vida. Nada demais ou de emocionante. Só a presença dela, seu corpo colado no meu, saber que ela está aqui é que faz isso. Não consigo imaginar como será quando ela não estiver.

— Por que você está tão quieto? — Sissi pergunta enquanto acaricia meu peito, enroscada em mim no sofá. — Está se sentindo culpado por não ir trabalhar? Se for isso, pode ir, Eric. Eu fico aqui de boa ou posso ir com você.

— Não estou sentido a mínima culpa, loirinha. Não tem carro estragado que me tire desse sofá e de você hoje. — Beijo sua testa.

— Então no que estava pensando?

— No meu avô... em você... em como você se tornou tão importante pra mim. — Sissi levanta a cabeça pra me encarar. Nossos olhos se encontram. — Eu não sei como faremos isso dar certo, mas sei que não consigo imaginar nada mais na minha vida sem você.

— A gente vai dar um jeito. Eu te visito, tu me visita e vemos como as coisas vão se ajeitando. Eu também não quero que você saia da minha vida e, pela primeira vez, me sinto em casa. — Ela me abraça forte.

— Você ontem ia me contar algo sobre sua família e acabamos... — dou uma risada — ...fazendo amor sob a luz das estrelas. — Ela também ri. — O que era? O que te incomoda tanto, Isabel? — Cada vez que digo o nome da Sissi, sinto como se ela fosse mais minha.

Sissi se ajeita no sofá. Vejo que fica tensa de repente e parece procurar as palavras certas para me dizer seja lá o que for que ela acha tão importante e que a incomoda tanto.

— Eric, eu... — O telefone toca. Sei que é algo da oficina, mas não posso deixar de atender.

— Só um minuto, loirinha. Deve ser o Duca e, mesmo que esteja de folga, algumas coisas eu preciso resolver. — Beijo sua testa e corro para atender.

Atendo o telefone e, como prevejo, é Duca. Mas o que ele me fala não me deixa tão feliz quanto deveria. Fico meio puto por ter contratado um ajudante tão eficiente. Se fosse qualquer outro, não teria terminado nenhum serviço e passaria o dia olhando putaria na internet. Mas Duca é a eficiência em pessoa, apesar de sua aparência estranha e azar com as mulheres. Deve ser por isso que é tão eficiente e não olha putaria. Já desisti dessa vida. Desligo o telefone e aviso Sissi: — A folga acabou. Precisamos ir na oficina conferir um serviço.

— Precisamos? — Sissi arqueia a sobrancelha. — Eu também? — Aceno com a cabeça afirmando que sim. — Ahhhh... — ela faz uma carinha de birra. — Estava tão bom aqui... nessa preguiça... — Dou risada.

— Prometo que depois voltamos para o sofá. — Dou as mãos para ela se levantar e a puxo para um abraço. — E faço pipoca pra gente ver algum filme.

— Sim! Pipocas! — Ela me dá um selinho. — Vou só tomar um banho e vamos então.

Sissi sobe correndo as escadas pra se vestir e eu fico observando a cena. Ela é tão perfeita que, às vezes, não parece ser real. Subo também, coloco uma roupa e volto para o sofá para esperá-la.



Uma coisa que nunca conseguirei entender é porque as mulheres demoram tanto pra se vestir. Nós só vamos até a oficina. No máximo, poderemos passar no mercado na volta pra comprar algo para comer ou beber. Mesmo assim, estou há quase 40 minutos sentado no sofá esperando-a descer. Isso é inacreditável. Faço uma anotação mental de nunca propor um programa em cima da hora pra loirinha, caso contrário, com certeza perderemos a hora.

Quando ela, finalmente, desce as escadas, vestida com um shorts muito curto e uma camiseta muito justa, minha vontade é mandá-la subir de novo e trocar de roupa. Não que eu não ache que ela não esteja linda e gostosa assim. Só não quero que os outros caras achem também. Não quero ninguém babando em cima do corpo dela.

— Demorei?

— Claro que não. — Minto com uma risada.

— Você está mentindo, Eric! — Ela ri também.

— É que quarenta minutos não era exatamente o tempo que eu imaginava esperar pra gente ir apenas na oficina. — Dou uma gargalhada. — Vamos lá, loirinha, antes que o Duca desista de nos esperar.

Quando chegamos à oficina, Duca começa a dar todas as explicações técnicas do que fez para consertar o ônibus da banda. Sissi demora a entender que ele está falando do veículo delas.

— O nosso ônibus está pronto? — A loirinha olha para mim e depois para o Duca. — Você o terminou?

— Sim. — Duca afirma. — Só falta testar. Como eu não tenho habilitação, não quis arriscar.

Sissi abraça Duca e agradece, e vejo como ele fica sem jeito. Depois, ela se abraça em mim. Vejo que está feliz pelo ônibus e isso me incomoda, pois sei que irá embora.

— Posso testar? — ela pergunta como uma criança que acabou de ganhar um brinquedo novo.

— Você dirige isso? — Duca olha incrédulo.

— Claro!

— Mas você tem carteira pra dirigir esse ônibus? — Ainda não acredito que algo tão delicado como Sissi consiga conduzir um ônibus velho desses.

— Mais ou menos — ela responde com uma risada — Mas sei dirigi-lo.

Duca joga as chaves para Sissi, que me puxa para subir com ela. Damos uma volta na quadra e me surpreendo com a habilidade dela.

— Você sempre me surpreende, loirinha.



Eu estou feliz. Completamente feliz. Sabe aquela felicidade que preenche cada pedacinho da sua alma? É isso mesmo. É assim que eu me sinto hoje. Não consigo lembrar a última vez que estive tão em paz com o mundo.

Saber que meu ônibus foi consertado só me faz ficar ainda mais feliz. É claro que deixar Eric não vai ser fácil, mas ele sabe que não será para sempre.

Estamos apaixonados e nada vai fazer com que a gente se separe. Se a Mika e o Henrique (também conhecidos como o casal chiclete) conseguiram ficar algumas semanas separados, eu e Eric também conseguiremos.

Mal posso acreditar: vou voltar para a turnê com as minhas melhores amigas, fiz um novo irmão de vida e conheci o homem dos meus sonhos. Tudo está perfeito, a não ser a cara emburrada do meu namorado.

Eric é o tipo de homem que, de longe, assusta. Bem alto, todo musculoso, vestido com roupas meio desleixadas, um andar bruto e um olhar rígido. Menos para mim. Ele sempre me olha com ternura, como se eu fosse preciosa para ele. Estes últimos dias ao seu lado foram incríveis. Se qualquer um me dissesse que eu me apaixonaria tão enlouquecidamente em tão pouco tempo, eu provavelmente cairia na gargalhada. Pouco tempo atrás, eu estava completamente confusa, sem saber o que fazer ou como agir. Agora, tenho certeza de que tudo vai ficar bem. Afinal, Eric também está apaixonado por mim.

— Dá pra tirar essa expressão de cachorro abandonado do rosto — eu peço enquanto coloco a mesa. Eric está mexendo alguma coisa na panela. Ou ele está deprimido, ou a comida é deprimente. Mas a depressão é garantida na cozinha.

— Desculpa, loirinha, mas eu não estou exatamente pulando de alegrias por saber que a minha namorada vai embora — ele diz, sem me encarar por um segundo sequer.

Quem diria que aquele homem bruto se tornaria esse docinho de coco por dentro?

— Eric, olha para mim. — Tento deixar meu tom o mais suave possível. Coloco os pratos em cima da mesa da cozinha, assim como os copos. Porém,

não arrumo nada. Neste momento, eu só preciso que ele me escute, porque não vou conseguir ir embora se as coisas ficarem assim.

Ele desliga o fogo e tampa a panela. Ainda de costas para mim, vejo que ele respira fundo antes de se virar. Quando nossos olhos se encontram, vejo nos dele algo que nunca pensei que veria: vulnerabilidade. Eric não está chorando, não está irritado. Assim como eu, ele está com medo do que essa separação pode significar para nós.

— As meninas me mandaram mensagem. Elas estarão aqui em dois dias — eu explico.

Assim que Duca veio com a notícia de que o ônibus da turnê estava pronto, eu liguei para as meninas. Elas ficaram super animadas por poderem voltar para a turnê e prometeram que, em dois dias, nós retornaríamos às atividades.

— Que bom — ele diz, mas seu tom não combina com suas palavras. Se ele tivesse dito “oitocentas pessoas morreram”, provavelmente teria mais emoção do que esse “que bom”.

— Para com isso! — eu elevo a voz. Se ele quer ficar assim, todo borocoxô, tudo bem. Mas eu vou deixar claro que, para mim, eu sair daqui em turnê não significa o fim do nosso relacionamento.

— O que que você quer que eu faça, Sissi? Pule de alegria porque minha namorada vai estar por aí, toda linda e gostosa, tocando seu teclado? Com vários homens babando em cima de você, na estrada, de um lado para o outro, nessa lata velha que vocês chamam de ônibus, por sei lá quanto tempo? E o pior: longe de mim?

— Em primeiro lugar, deixa esse machismo de lado. Não é porque eu sou mulher que vou ficar em casa o dia todo, cuidando das nossas crianças imaginárias. — Ele tenta me interromper, mas eu levanto a mão, fazendo sinal para que ele não fale nada. — Em segundo lugar, você me conheceu assim, é assim que serei até decidir que não quero mais. Em terceiro, nunca pensei que você, o senhor sexo casual, seria tão ciumento. — Esta última parte sai com um sorrisinho.

— Claro que eu sou ciumento! Não quero nenhum macho se fazendo de engraçadinho pra cima de você. Não posso correr o risco de você perceber que eu não sou sua melhor opção.

Eu não resisto e solto uma gargalhada, me aproximando dele e colocando ambas as mãos em seu peito. Fico na ponta do pé para tentar diminuir a distância entre nós. Eric percebe minha dificuldade e coloca as

mãos na minha cintura, me mantendo no lugar.

— Olha só — eu digo, meus olhos fixos nos dele —, eu nunca tive problemas para conquistar os caras. Sempre que eu quis um, ele estava lá, disponível. — Escuto um rosnado e Eric fecha os olhos. Eu coloco uma das minhas mãos em seu rosto e ele volta a me olhar. — Não importava se o homem era casado, trinta anos mais velho, melhor amigo do meu pai ou um professor. Eles olhavam para mim e, simplesmente, achavam que podiam me ter, me tocar, e quem deveria me proteger estava muito ocupado com outras coisas. Eu nunca fui estuprada nem nada disso, mas já fui muito assediada nesta vida. Pode ter certeza de que sei me cuidar e, principalmente, sei dizer não. Se qualquer homem me quiser, é isso que eles vão escutar: um belo não. Eu tenho você, Eric, que foi capaz de me fazer feliz em tão pouco tempo. Não quero outro. Só você.

Minhas palavras acendem algo nele, que me levanta pela bunda e ataca minha boca com um beijo desesperado.

Eu envolvo sua cintura com as minhas pernas e passo meu braço por seu pescoço, me permitindo ser beijada e me entregando completamente ao momento.

— Diz pra mim que nada vai mudar. Que, quando sua turnê acabar, vamos continuar juntos e que vamos dar um jeito.

— Eu não tenho dúvidas, mecânico. Você é meu e não vou abrir mão — confesso e ele me beija novamente.

Suas mãos percorrem meu corpo, que está encostado na parede, prensado pelo corpo delicioso do meu namorado desesperado.

— Você está disposta a tentar um relacionamento à distância comigo, loirinha? — ele quer saber, mas sua pergunta é feita enquanto mordisca meu pescoço e aperta um dos meus mamilos já erizados.

— Eu estou disposta a tentar qualquer coisa com você, Eric.

— Cuidado com as suas palavras, loirinha.

Ele me carrega para o quarto; sua boca, nem por um segundo, deixa a minha pele. Eric me beija, me lambe e me suga. Nosso jantar foi esquecido. Pelo visto, o banquete será outro.

Quando sinto minhas costas baterem no colchão, puxo Eric para cima de mim. Preciso sentir o peso dele, o calor de sua pele contra a minha. Com pressa, eu removo sua camiseta e ele remove a minha.

— Ah, loirinha, você vai ser a minha desgraça — ele diz e, antes que eu possa retrucar, segura meus dois peitos e enfia a cara no meio deles. — Sou

loucos por esses peitinhos empinados.

Pelo jeito que Eric dá atenção a eles, suas palavras devem ser verdade. Ele lambe cada um, enquanto massageia o outro. Ao mesmo tempo, ele se movimenta em cima de mim, num vai e vem delicioso, deixando claro o quanto está excitado.

Eu ainda estou usando os shorts. Ele, a bermuda. Pouco importa. O prazer é tão grande que me deixa à beira de um orgasmo.

— Eric... — chamo seu nome, implorando que ele faça alguma coisa para aplacar a dor que sinto entre as minhas pernas.

Quando uma das suas mãos vai para dentro da minha calcinha, ao encontro da minha umidade, eu solto um gemido alto, abrindo ainda mais as pernas para dar melhor acesso.

Impaciente, ele se afasta de forma rápida e arranca meus shorts fora. Junto com ele vai a minha calcinha. Nua à frente dele, Eric faz jus ao seu apelido. Ele ajoelha e apoia seu peso nos calcanhares, coloca uma perna minha de cada lado do seu corpo e, olhando para mim fixamente, começa a me tocar. Com dois dedos, ele afasta meus lábios e com outro, encontra meu clitóris com facilidade, brincando com ele.

— Olha pra mim, Isabel. Quero ver sua cara de prazer enquanto eu te faço gozar. Quero ouvir você gemer e se contorcer de prazer. — Ele é explícito, sujo e muito, mas muito excitante. Os olhos dele, focados nos meus, gritam desejo e tesão.

Ele intensifica o movimento, aumentando a velocidade e, conseqüentemente, o volume dos meus sons de prazer.

Meu corpo começa a tremer. É intenso, é carnal demais. É Eric provando que manda no meu corpo e que sabe exatamente o que fazer para me levar ao ápice do prazer.

— Diz que você é minha, Isabel, e que nada nem ninguém vai afastar a gente — ele pede e eu obedeço. Repito as palavras dele, tentando aplacar sua dúvida e, ao mesmo tempo, louca para gozar.

Satisfeito com o que escutou, ele abandona o que estava fazendo, tira a bermuda e entra em mim sem dificuldades. É rápido e com força. Suas estocadas são precisas e alcançam o lugarzinho mágico dentro de mim.

O orgasmo me atinge com tudo e eu não consigo conter o grito. Chamo seu nome, chamo deus, chamo qualquer entidade que possa me segurar nessa queda. Meu corpo convulsiona ao redor do dele, e Eric mete com mais força, chamando meu nome.

— Porra, loirinha, que gostoso. Caralho, vou gozar muito — ele diz, insistente. Apesar de eu ter acabado de gozar, já sinto novamente aquela sensação.

— Eric, não para, eu vou gozar de novo. Não para, não para — eu peço, me movimentando em sincronia com ele.

Quando, mais uma vez, meu clímax vem, ele tira de dentro de mim, se masturba umas três vezes e goza nos meus peitos, urrando meu nome.

— Pronto. Agora eles são meus — Eric diz, referindo-se a meus seios, e se deixa cair ao meu lado.

Imediatamente, ele me puxa para junto dele, pouco se importando para a bagunça que acabou de fazer.

— Eu te amo, Isabel.

— Também te amo, Eric.

Ele beija o topo da minha cabeça, recuperando o fôlego, e eu gozo de sua companhia. Piada intencional.



Amanhã, Sissi vai embora. Por mais que eu queira pensar em qualquer outra coisa, a única coisa que consigo é nisso. Penso “preciso comprar o vinho” e em seguida “amanhã a Sissi vai embora”. Lembro que preciso fazer o pagamento de um fornecedor e depois “amanhã Sissi vai embora”.

Sei que conversamos sobre isso e combinamos que daríamos um jeito de dar certo. Mas saber que ela vai embora amanhã dá um vazio muito grande. Vazio porra nenhuma, dá medo mesmo! E se ela achar alguém mais interessante? E se perceber que sou apenas um idiota do interior que não tem nada? É medo mesmo que eu sinto que ela nunca mais volte. Não sei o que eu faria se isso acontecesse.

É estranho como as coisas aconteceram entre nós. Foi tudo tão rápido, mas tenho a sensação que faz muito tempo que estamos juntos. E agora ela vai embora. Não é para sempre, mas, mesmo assim, parece ser.

Quero fazer algo especial para essa noite de despedida, por isso peço a ajuda da Sol e do Alexandre. Enquanto ele distrai Sissi na escola, Sol me ajuda a preparar o jantar. Resolvi fazer uma receita de ravioli da minha avó. Até a massa faço em casa.

Decoro a mesa com velas e flores e jogo pétalas de rosas na nossa cama. Quero que esse jantar seja especial e que ela saia daqui com vontade de voltar.

—É... — Sol me faz voltar à realidade. — Quem diria que o senhor Eric Fontinelli, o mecânico mais safado e sexy desta cidadezinha, ia virar um romântico incurável por uma patricinha mimada. — Ela dá risada, mas vejo que realmente está feliz por eu ter encontrado a Sissi.

— Ué?! Não era você que sempre dizia que precisava me apaixonar e me envolver com alguém? Então, agora me aguenta.

Sol fica me provocando mais um pouco até que terminamos o jantar. Nós nos despedimos e subo para tomar um banho. Tenho pouco tempo até que Alexandre deixe a loirinha aqui.



— Eric?! — Sissi grita quando chega em casa. — Que cheiro delicioso é esse?

A casa inteira cheira ao molho de tomate dos ravioli. No som, toca uma seleção de blues, pois sei que ela adora. As luzes, deixei semiacesas para dar o clima e as velas chamarem a atenção. Quero que nossa noite seja perfeita.

Saio da cozinha segurando duas taças de vinho e fico feliz quando percebo que Sissi está olhando cada detalhe que preparei.

— Gostou? — pergunto, encostado no batente da porta.

— Isso tudo é pra mim?

— É pra você querer voltar depois.

Sissi se aproxima de mim. Tira as taças da minha mão, coloca na mesa, volta, parando bem na minha frente, e segura minhas mãos.

— Eric, eu nem quero ir embora. Não precisa fazer tudo isso pra eu voltar. Eu já disse, eu quero estar com você e daremos um jeito. Mas assim como você tem a sua oficina, eu tenho a banda. A gente vai conciliar, eu prometo. — Ela beija o meu rosto e me abraça. — Eu vou sentir muita falta de você — ela confessa e encaixa o rosto em meu ombro.

— Eu também. Não queria que você precisasse ir. — Aperto a loirinha contra meu corpo. — Se eu pudesse, nunca mais desgrudaria de você.

Nossas bocas se encontram e me perco no gosto da loirinha. Meu pensamento continua o mesmo “amanhã ela vai embora”, então quero aproveitar cada segundo que ainda me resta com Sissi. Ela enlaça os braços em meu pescoço e a puxo para meu colo. Isabel agarra minha cintura com suas pernas e vou caminhando com ela assim até o sofá, sem deixar que nossas bocas percam o contato.

Deito-a e me debruço sobre ela. Sissi mal sente meu peso e já começa a gemer. Quando beijo seu pescoço, sua pele inteira se arrepia e ela sussurra meu nome. A loirinha puxa minha camiseta para que eu tire e prontamente atendo seu pedido. Suas mãos passeiam pelas minhas costas, ora fazendo carícias, ora cravando suas unhas em minha pele enquanto ela rebola embaixo de mim e se esfrega, buscando alívio.

Retiro sua camiseta e encontro os peitos durinhos que tanto me deixam excitado. Abro seu sutiã. Quero-os em minha boca, mas a campainha toca.

— Merda! — Penso em matar quem quer que esteja do outro lado. — Deixa tocar... — mas as batidas na porta ficam insistentes.

Eu me levanto do sofá sob os protestos de Sissi, que ri de como fiquei irritado com a interrupção. Quando espio pela janela lateral, levo um susto.

— Por que o Senador Bittencourt está na minha casa?

A pergunta é retórica e vou caminhando para abrir a porta quando Sissi grita: — Não! Não abre, Eric! Por favor! — Ela está colocando a roupa novamente, vindo em minha direção. — Eu preciso te falar uma coisa... — Sissi termina de colocar a camiseta e respira fundo. — Ele é meu pai.

— O quê? — Acho que Sissi acabou de me dizer que é filha de um dos políticos mais corruptos do nosso estado. — Você é filha dele? — Eu me afasto da porta. As batidas são insistentes. — Só um momento! — grito e viro pra encarar Sissi e falo baixinho. — O que faremos agora?

— Eu vou resolver isso. Já deveria há muito tempo. Depois te explico tudo, ok?!

Apenas assinto com a cabeça. Estou completamente tonto com a notícia e mais ainda com o pai dela estar parado na minha porta. Visto minha camiseta e fico sentado no sofá enquanto vejo Sissi se ajeitar e abrir a porta. Parece que estou em um filme, assistindo o que acontece como se eu não pertencesse a esse lugar.

— O que você está fazendo aqui? — Sissi pergunta assim que abre uma pequena fresta, impedindo a entrada do seu pai na casa.

— Nós precisamos conversar, Isabel — ele diz e vejo que força a porta. — Você não me deu outra escolha a não ser colocar detetives atrás de você. Só nunca imaginei que você teria um caso com um mecânico de uma cidadezinha como essa pra me provocar. — Ele força a porta e a loirinha continua segurando-a firme.

— Eu não estou tendo um caso, pai. Eu amo o Eric e estamos namorando. Nada disso tem a ver com você. Aliás, você não tem nada a ver com a minha vida e nem quero que tenha.

— Você tem acompanhado os jornais, Isabel? Eu estou sendo vítima de uma conspiração para me derrubar! Preciso de toda a família ao meu lado quando for preso. Principalmente você. Senão, as especulações vão piorar e podem levantar alguma suspeita ou falsa acusação de que você fugiu porque eu realmente sou culpado.

— Mas foi por isso que eu fugi. Porque tenho vergonha do senhor e de todas as suas falcatuas. — A loirinha começa a chorar. Vejo quando perde as forças em segurar a porta e corro para abraçá-la.

— Conversem aqui dentro — digo enquanto abraço Sissi e abro a porta para seu pai. Estendo uma das mãos, enquanto envolvo Isabel com o outro braço. — Prazer, Eric.

— Tire de volta da minha filha esses braços sujos e fedorentos de gente pobre agora, seu mecânico de merda! Acha mesmo que eu criei filha pra morar no interior como uma coitada e passar trabalho? Afaste-se dela agora!

— o homem grita e só penso que vou socar a sua cara.



Ah, querido papai, que vontade de arrancar seus testículos agora!

Como que ele consegue ser sempre tão imbecil? Parece que ele está pedindo para apanhar. Eric tem, pelo menos, uns quinze centímetros a mais que ele, sem falar na tonelada de músculos. Fora a cara de mau.

— Eric, amor, você pode nos dar licença um minuto? — peço calmamente, tentando controlar a raiva que está prestes a explodir dentro de mim.

Eric me encara como se não estivesse acreditando nas minhas palavras.

— Sissi, esse cara é...

— Um idiota completo e que vai ouvir tudo o que eu tenho a dizer — eu o interrompo e completo a frase. Meus olhos deixam Eric e vão para o homem que, há anos, não via. — Só que eu não quero que você fique aqui para ser maltratado, muito menos humilhado. Você não merece passar por isso, e ele não merece qualquer reação sua. Por isso, te peço para que nos deixe a sós.

Eric me olha como se não acreditasse no que acabou de ouvir. Mas há anos venho evitando ter contato com meu pai e, finalmente, chegou a hora de todas as cartas serem postas na mesa.

— Não! Claro que não vou te deixar sozinha com o homem que foi responsável por desviar milhões de reais que deveriam ser destinados às escolas.

— Supostamente. Nada foi definido ainda.

Eu preciso respirar fundo para não acertar um murro na cara dele. Como meu pai, o homem responsável pela minha existência, é capaz de ser tão cara-de-pau? Eric sente a minha tensão e dá um beijo no topo da minha cabeça.

— Por favor — sussurro para o homem que me tem nos braços —, preciso conversar com ele e resolver esse problema de uma vez por todas.

Consigo ver o desconforto na expressão de Eric. Ele olha de mim para o meu pai, que, por sua vez, finge que nada está acontecendo.

Sem dizer uma palavra, ele me dá um selinho e vai em direção à cozinha.

— Não sabia que agora você se interessava pela classe operária — meu

pai debocha, fazendo meu sangue ferver.

— Eu não sabia que você se interessava por qualquer outra coisa que não sua carteira, papai amado. — Meu tom sarcástico faz com que ele levante uma sobrancelha.

— Você era mais bem educada, Isabel. Esse tempo fora de casa te transformou em uma moleca de língua afiada. Está na hora de parar com a palhaçada e voltar para casa — ele afirma, me encarando com seriedade.

Eu não resisto e começo a gargalhar. Como que ele pode achar que irei com ele? Depois de tudo que vi, ouvi e descobri... Jamais voltaria a morar sob o mesmo teto que ele, muito menos aceitaria ser sustentada por seu dinheiro sujo.

— O que você parece não querer entender é que eu me recuso a estar na sua presença e compactuar com qualquer merda que você ache legal fazer para ter um carro de luxo.

— Você é uma ingrata, Isabel Bittencourt. Durante anos você viveu às custas do “meu dinheiro sujo”. — Ele faz o sinal das aspas com os dedos. — Agora, vai dar uma de modelo de moral e se manter afastada? Logo agora que preciso do seu apoio?

Eu não acredito que ele esteja falando isso. Acho que ele se esqueceu de como as coisas aconteceram há alguns anos.

— Pai, em primeiro lugar, eu nunca quis o seu dinheiro. Pelo menos, não depois de descobrir de onde ele vinha. Foi por isso que tentei me emancipar aos dezesseis anos, mas você mexeu seus pauzinhos para me manter sob seu controle. O que você esperava? Que eu continuasse na sua casa depois de saber todas as picaretagens das quais você participou? Impossível!

Eu lembro a primeira vez que ouvi os pais de uma amiga minha conversando sobre o homem que, um dia, achei ser a epítome da honestidade. Eu fui passar a noite na casa dela, já que iríamos juntas a uma festa. Minha amiga estava se arrumando e eu fui para a cozinha pegar um copo de água. Os pais dela estavam lá, cochichando sobre meu pai, dizendo que ele estava envolvido em vários esquemas de corrupção e lavagem de dinheiro.

De início, não acreditei. Impossível meu pai ser um homem corrupto. Ele era o meu pai! Porém, aquilo ficou na minha cabeça e, em segredo, comecei a investigar: internet, perguntando em fóruns de discussão, mandando e-mails para jornalistas e, por fim, contratando um investigador particular.

Eu tinha quatorze anos quando descobri que meu pai, o homem íntegro que eu tanto admirava, era, na verdade, mais um membro da corja corrupta.

Parei de comprar roupas, pois sabia que eram compradas com dinheiro sujo. Parei de viajar, pois sabia que seria bancada pelo dinheiro que não era nosso. Parei de sair, de comprar, de gastar... Simplesmente parei.

Aos dezesseis anos, tentei conseguir minha emancipação. Só que meu pai descobriu e deu um jeito de eu não conseguir.

No dia que completei dezoito anos, saí de casa. Eu tinha um pouco de dinheiro que minha avó havia me dado. Não muito, mas o suficiente para me manter por uns meses. Foi então que conheci a Sue. Depois a Baby, a Be e a Mika. Minhas amigas, minhas irmãs.

Não tive coragem de contar para elas quem meu pai era. A vergonha sempre foi muita. É fácil apontar pro corrupto e dizer que a família compactua com tudo. Às vezes, o que a família quer é distância. Eu, pelo menos, não conseguia aceitar o fato de meu pai usar o dinheiro que deveria ser destinado à educação para comprar um carro novo, joias e roupas para a minha mãe... Não dava. Por isso, saí de lá e fui em busca da minha vida, uma da qual eu poderia me orgulhar. Tudo que eu tenho foi comprado com o meu trabalho. Por isso, durmo tranquila à noite.

— Durante anos, você usou e abusou desse dinheiro sem dar um pio, Isabel. Não seja hipócrita — ele acusa.

— Até eu descobrir quem o senhor realmente era. — Respiro fundo, tentando me acalmar. — Como você descobriu onde eu estava? — quero saber.

— Eu nunca te perdi de vista, garotinha mimada. Eu simplesmente não precisava de você por perto. Mas agora já chega. Está na hora de voltar para casa. Os senadores vão votar em breve — ele diz, se referindo ao foro privilegiado pelo qual ele vai passar. Ele está sendo acusado (uau, que surpresa) de lavagem de dinheiro e corrupção passiva. — Eu preciso da minha família ao meu lado, todos confirmando minha integridade. Não posso ter uma filha por aí, solta no mundo, se esfregando em qualquer homem que passar na sua frente.

— Em primeiro lugar, você me respeite. Eu não sou esse tipo de mulher que você está insinuando. Em segundo, respeite o homem que eu amo. Diferente de você, ele tem integridade de sobra. Terceiro, vá embora e não volte nunca mais. Se você aparecer na minha frente mais uma vez, pedindo qualquer coisa de mim, farei questão de mandar para alguns amigos

jornalistas todo o material que compilei a seu respeito. Pode ter certeza de que eles ficarão muito felizes com isso. Você, nem um pouco.

O que acontece nos próximos minutos é uma miríade de coisas estranhas. Meu pai grita e parte para cima de mim, dizendo que vai me dar os tapas que eu deveria ter recebido quando criança. Eric sai da cozinha e começa a brigar com ele. Socos são deferidos e um político corrupto é arremessado pela porta.

E eu? Eu choro.

Choro pelo pai que eu poderia ter, mas não tive.



Quando tiro o pai de Sissi de cima dela e o jogo para fora da minha casa, dois seguranças me derrubam no chão e começam a me socar. O homem, que se diz pai da minha namorada, começa a me esculachar. Fala pra Isabel uma lista interminável de nomes femininos com quem já fodi. Como se ela não soubesse o que eu era antes de conhecê-la...

Nada parece bom da perspectiva que tenho do chão, com o rosto sangrando e pelo que ouço. Mas aí as sirenes da polícia, acompanhadas de vários olhos assustados dos moradores na minha porta, fazem com que as coisas se acalmem.

Claro que não adiantou eu e Sissi explicarmos pra polícia que a agressão começou por parte do Senador. Eu que acabo fichado.

Se eu soubesse que, de um jeito ou de outro, eu ia me ferrar nessa, teria matado aquele filho da puta. Primeiro por tentar bater na minha loirinha, segundo pelo desvio de verbas da educação e terceiro pelas merdas que ele falou sobre mim.

Quando voltamos pra casa, não tem mais clima para jantar de despedida ou qualquer outra coisa. Sissi tenta segurar o choro e cuidar de mim, mas vejo que também está abalada. Apenas deitamos na cama abraçados. Ela conta sobre seu pai, sobre como descobriu as falcatuas dele e decidiu fugir de casa. Também me revela que tem vergonha e nem suas amigas sabem quem ela é. A loirinha está tão vulnerável agora que me pergunto de onde ela tirou forças antes pra enfrentar o pai. Faço cafuné em seus cabelos enquanto deixo-a desabafar. Se houvesse algo que eu pudesse fazer pra tirar todo seu sofrimento, eu faria. De repente, ela fica em silêncio e eu respeito.

— Aqueles nomes todos que ele falou... é verdade? — ela me questiona, sem me encarar. Ainda deitada em meu peito.

— Você sabe que é, Sissi. Não que eu me orgulhe disso, mas também não me envergonho. Eu vivi como achei que eu tinha que viver até encontrar você. — Beijo sua testa.

— Mas você vai aguentar ficar sozinho? Vai conseguir me esperar?

— Claro que vou. Você não vai aguentar?

— Não era eu que não conseguia ficar sem sexo antes... — Sinto uma

alfinetada em suas palavras, como se, de alguma forma, meu passado a deixasse incomodada.

— Você acha que eu vou curtir saber que tem um monte de caras em cima de você a cada show? E que algum deles pode ser tudo isso que seu pai quer pra você? Alguém mais ambicioso, com melhor condição de vida? Que não seja um bosta de um mecânico de cidade do interior?

— Eu não me importo com o que o meu pai acha que é o melhor pra mim. Eu quero ficar com você, Eric. — Pela primeira vez ela me encara. — Só não sei se você conseguirá me esperar.

— E eu não sei se é isso que você realmente quer. Vai que seu pai tenha razão e você só esteja comigo para enfrentá-lo...

— É isso que você pensa de mim? Só porque sou filha dele, não significa que eu seja desonesta como ele.

— Sabe como é o ditado... filho de peixe.... — Não termino de falar e já estou arrependido.

— É por isso que não falo para as pessoas de quem sou filha, por causa desse tipo de julgamento. Eu achei que você seria diferente, mas pelo visto não. Se é isso que você pensa de mim, melhor terminarmos por aqui.

— Sissi, eu não...

— Chega, Eric! Desde o início você achou que eu era apenas uma patricinha mimada e, agora que sabe quem é o meu pai, você acha que sou desonesta e estou te usando. E eu que pensei que você realmente tinha sentimentos por mim. Quem sabe se você que não me enganou apenas pra me comer como você queria?

— É isso que você realmente pensa? — Como ela é capaz de me acusar de algo assim? — Porque se é isso que você pensa, não sei o que ainda faz no meu quarto.

— Você tem toda razão. Boa noite.

Sissi levanta da cama e sai porta afora do meu quarto. Puta que pariu! Eu sou um idiota mesmo. Mas ela também não precisava ter começado a discussão. Penso em ir atrás dela, mas talvez seja melhor dar um tempo para esfriarmos a cabeça. A noite de hoje foi tensa e cheia de coisas que não eram o que eu tinha programado para nossa última noite juntos.

Talvez seja melhor assim. Seria muito pior descobrir depois que não aguentaremos a distância ou que realmente tudo não passou de uma ilusão.



Quando acordo, me dou conta que acabei pegando no sono sem resolver as coisas com a loirinha. Merda! Levanto da cama num pulo e corro pro quarto ao lado. Mas não tem mais sinais de Sissi nele. Desço as escadas correndo, nada dela. Em cima da mesa um bilhete: “Obrigada pela hospedagem e pelo conserto do ônibus. Isabel”

Tento ligar para o seu telefone. Nada. Só dá caixa postal. Onde ela se enfiou? Sei que as meninas ainda não chegaram, pelo horário. Coloco a primeira roupa que vejo pela frente e saio com a caminhonete atrás do ônibus. Ela não deve estar longe. Rodo toda a cidade e nada. Sissi foi embora. Para sempre. E a culpa é minha.

Por que eu fui brigar com ela ontem? Ela só precisava se sentir segura e, ao contrário disso, eu fui um completo babaca e ainda a expulsei da minha cama. Merda! Eu não devia ter feito isso. Agora não sei o que fazer pra resolver as coisas — se é que um dia ela vai me perdoar.



— Para de chorar, princesa. Ele não merece as suas lágrimas — Baby alisa meus cabelos e tenta fazer meu choro cessar. Eu estou deitada em seu colo, sem conseguir conter a tristeza e o desespero em saber que nunca mais verei Eric na vida.

Quando Eric praticamente me expulsou de sua casa ontem, eu corri para o outro quarto, enfiei todas as minhas coisas na mochila, peguei meu teclado e a chave do ônibus e corri para a oficina, onde ele estava estacionado.

Saí de lá um pouco sem rumo, só sabia que precisava ir em direção às minhas amigas. Elas, com certeza, me ajudariam. Há mais de três anos, elas têm sido meu porto seguro. Sabia que, desta vez, não seria diferente.

Chegou um momento que eu não consegui mais dirigir, não consegui mais controlar meu choro. Ele estava quase escapando e minhas meninas ainda não estavam ali para me consolar.

Na primeira parada que encontrei, eu desliguei o motor e peguei o celular. Quando contei por alto o que tinha acontecido, Baby disse que, em algumas horas, estaria lá. Dito e feito. Fiquei o tempo todo dentro do ônibus, deitada em posição fetal e relembrando todos os momentos que eu e Eric vivemos nos últimos dias.

Não sei quanto tempo passou até eu sentir muitos braços sendo passados ao meu redor. Elas finalmente estavam comigo. Foi só ouvir a voz de Mika que eu me desatei a chorar.

Em meio a lágrimas, eu contei tudo o que tinha acontecido. Contei cada detalhe, cada minuto, cada momento, cada sonho e cada segredo. A barragem havia rompido. Devo ter falado por horas, mas, em nenhum momento, elas me interromperam.

Quando eu acabei de contar tudo, me permiti apenas chorar. Baby acaricia meu cabelo, minha cabeça deitada em suas pernas. Minhas pernas no colo de Mika, que faz massagem no meu pé. Be e Sue estão sentadas no chão, mas suas mãos estão em mim.

Elas me confortam, me amparam e, principalmente, não me julgam. Eu me sinto uma idiota por não ter contado nada antes.

— Posso fazer uma pergunta? — diz Bê.

— Aham... — respondo, o som não é mais do que um miado.

— Vocês ainda estão juntos?

Esta é a pergunta que vale um milhão de reais.

— Eu não sei, mas acho que não. Por mais que eu esteja completamente apaixonada por ele, não sei se sou capaz de perdoar todas aquelas insinuações. — Minha voz está trêmula, ainda marcada por algumas lágrimas que teimam em cair.

— Sim — diz Mika. — Não estou aqui para pôr lenha na fogueira, mas, se fosse eu, não perdoaria. Desculpa, Sissi.

Eu conheço a Mika. Sei como ela é. A miss independência e líder da campanha “homens só servem para uma coisa” só tem um ponto fraco: Henrique. Todos os outros homens do universo entram na categoria.

— Eu já acho que os dois se precipitaram. — É a vez de Sue comentar. — Vocês estavam nervosos e de cabeça quente. Apesar de ele ter feito besteira, está claro, pelo que você contou, que ele também está apaixonado por você.

— Não estou duvidando dos sentimentos dele por mim, mas, ao mesmo tempo, sei que, quando o assunto é sexo, isso não pode ser suficiente. Ele é o tipo de homem que sabe separar muito bem sexo e sentimento.

— Ei, algumas mulheres sabem fazer isso também — Mika interrompe.

Todos sabemos que ela era a rainha do sexo casual antes de ser a namorada do ano.

É então que tenho uma ideia. Eu me sento no banco/cama e seco as lágrimas. Respiro fundo e olho para a minha amiga.

— Mika, você trairia o Henrique? — A pergunta é direta.

Ela hesita por um minuto, provavelmente refletindo sobre o assunto, mas logo responde: — Se você contar isso a ele, eu te mato — ela me ameaça antes de dar sua resposta.

— Ok, eu prometo.

Ela respira fundo e passa a mão pelos seus cabelos coloridos.

— Eu nunca conseguiria trair o Henrique. — Sua voz é baixa e um sorriso bobo esboça seu rosto.

— Mesmo se vocês tivessem que passar alguns meses sem se ver e sem sexo? — eu insisto. Preciso saber. Minha amiga é o mais próximo de uma perspectiva masculina que eu tenho.

— O desgraçado me fez esperar um tempo antes de transar comigo. Ele tinha toda aquela ideia de que precisava conquistar meu afeto antes de

conquistar o meu corpo e blá blá blá.

Ela imita a voz do Henrique nas últimas palavras e todas nós rimos dela.

— Mas, no fim das contas — ela continua —, eu amo aquele arquiteto e, sinceramente, não me imagino com qualquer outro homem. Olha pra mim, Sissi — ela pede e eu obedeço. — Eu acho que ele foi um babaca em dizer tudo o que ele disse. Principalmente por ter duvidado de você. Mas o que importa é o modo como você se sente em relação a ele e a tudo que aconteceu.

— Exato — Baby concorda, se pronunciando pela primeira vez. — E tenha em mente que um relacionamento sem confiança jamais vai dar certo. Você precisa confiar nele e nos sentimentos dele por você. E ele precisa fazer a mesma coisa.

O que elas dizem me faz refletir. Eu preciso pensar. Preciso colocar tudo na balança. Deixar os sentimentos de lado e usar meu lado racional.

— Eu não tenho como dizer nada agora — confesso e todas elas fazem um sinal afirmativo com a cabeça. — Na verdade, o que eu preciso é tocar um pouco. Quando é nosso próximo show, Baby?

— Amanhã à noite, em Terra Grande, que fica a quinze quilômetros de onde estamos — ela diz.

Muito longe. Preciso de música. Preciso agora!



Pela primeira vez em bastante tempo, aproveitamos o dia para fazer algo que não fazíamos desde que começamos a tocar em bares mais badalados: encontramos uma praça para nos apresentarmos. De acordo com o Google, na cidade em que estamos, músicos são livres para se apresentarem na praça central. A cidadezinha me lembra bastante Vale da Esperança, mas coloco a nostalgia de lado e foco no presente.

Assim que chegamos lá, vemos que somos as únicas no local. O dia já amanheceu, mas não há muito tempo. Com toda a sessão de chororô, perdi completamente o senso de hora. Olho para o relógio no meio da praça e noto que falta pouco para às oito. Vamos acordar a cidade com música boa. Só espero que os moradores sejam compreensivos.

Ligamos nossos instrumentos, ajustamos tudo e tomamos nossa posição.

Os momentos que antecedem qualquer apresentação sempre me trazem um frio na barriga. Eu amo essa sensação, essa ansiedade... Acho que, no dia em que eu não mais me sentir assim, desisto de tocar.

— Bom dia, cidade linda! Nós somos a banda Estrogenium e viemos aqui para trazer um pouco de música para a manhã de vocês. Aproveitem o show.

Antes que ela comece a cantar, eu me aproximo de seu ouvido e, em um sussurro, pergunto se eu posso começar cantando a primeira.

É uma música que a gente já tocou inúmeras vezes — com certeza, elas não terão dificuldade em acompanhar.

Mika faz que sim com a cabeça e eu começo com as notas no teclado que, originalmente, são tocadas no violão.

Começo a cantar Give Me Love, do Ed Sheeran.

As meninas me seguem e eu me entrego à música. Eu canto, toco e penso em Eric. Algumas lágrimas escapam, mas não me importo. É a intensidade do momento, a emoção em notas. Canto e deixo meus dedos deslizarem pelas teclas, desejando estar sozinha com um piano.

Ou de volta aos braços do homem que eu amo.

Mas eu preciso pensar. Preciso ter certeza, não só dos meus sentimentos, mas, como Baby disse, se eu realmente confio nele.

Deixo a música morrer e, ainda de olhos fechados, escuto os aplausos. Quando vejo, várias pessoas estão ao nosso redor.

As meninas se aproximam de mim e todas me abraçam ao mesmo tempo. Sei que elas estão preocupadas comigo, mas não tem nada que possam fazer, a não ser estarem ao meu lado. Afinal, esta é uma decisão que apenas eu posso tomar.

Eu agradeço a todas elas e às pessoas que nos cercam. Depois, deixo que Mika assumo o microfone, me permito apenas tocar e entrar em sincronia com a Sissi que sempre conheci. A música tem esse efeito em mim. Ela me permite entrar em sincronia comigo mesma. E é exatamente isso que eu preciso.



— Eu tinha certeza que você estava aqui! — Sol grita de longe. — O que você tem na cabeça sumir desse jeito, Eric? — Ela gesticula e grita mais conforme se aproxima de mim. — Você realmente acha que passar dois dias sem dar sinal de vida, aparecer, trabalhar, comer ou tomar um banho vai fazer você se sentir melhor?

Apenas sacudo a cabeça em negativa. Ela se senta ao meu lado direito enquanto Alexandre, que ainda não falou nada, se senta ao meu lado esquerdo. Ambos passam as mãos pelos meus ombros e ficamos em silêncio, contemplando o lago.

Quando não encontrei Sissi, o ônibus ou consegui falar com ela, vim para o lago. Sentei-me aqui e fiquei. Pensei no que disse, no que falei, no que não falei, em cada momento que passamos juntos. Em como a loirinha virou a minha vida de cabeça pra baixo. Refleti também sobre tudo que aconteceu em minha vida desde que me conheço por gente. Nas decisões que tomei. Nas que nunca tomei e sempre adiei. Agora parece que nada faz o menor sentido. Ainda mais sem Sissi.

Provavelmente, dormi em alguns minutos, mas não vi o tempo passar nesses dois dias. Eu simplesmente deixei de existir desde que Sissi foi embora.

— Você falou com ela? — Alexandre pergunta depois de muito tempo em que estão ao meu lado. Apenas sacudo a cabeça negando. — Não vai falar? — ele me encara.

— Eu tentei, mas ela desligou o telefone. Não sei para que cidade foram ou onde vão se apresentar.

— E por que você não pesquisou isso na internet? — Sofia me olha como se eu fosse um completo idiota. — A Estrogenium tem um site onde diz toda a agenda delas. — Ela vira o celular pra mim e quase esfrega na minha cara.

— Ela não quer falar comigo. Se quisesse não teria ido embora desse jeito e sem falar comigo. Muito menos teria deixado o telefone desligado. Eu tenho que aceitar que acabou, que eu perdi Sissi pra sempre. — Abaixo a cabeça porque, só de falar em voz alta que a perdi, tenho vontade de chorar

igual criança pequena.

— Mas afinal o que aconteceu? — Alexandre pergunta.

Então resolvo contar tudo pros meus amigos. Não sei se Sissi gostaria que eles soubessem sobre o seu pai, mas talvez eles sabendo toda a verdade e o motivo idiota da nossa briga me ajudem a consertar a besteira que fiz. Quando termino de contar, meus olhos não seguram mais as lágrimas e me sinto um completo idiota por chorar igual criança por uma mulher. Mas não é qualquer mulher, é Sissi. Ela vale cada lágrima.

— Eric, talvez eu nunca tenha te dito isso antes — Alexandre respira fundo —, mas você é um completo idiota.

— Eu sempre disse isso — Sol interrompe Alexandre rindo.

— É sério, cara! — ele volta a falar. — Eu sempre entendi porque você voltou para cá e resolveu se fechar naquele mundinho da oficina e do sexo casual. Queria provar pra idiota da sua ex o que ela havia perdido e cuidou do seu avô até o final. Até aí, ok. Mas agora? Agora você é um completo covarde. Você não saiu daqui depois que teu avô faleceu porque tinha medo de quebrar a cara. Você não se envolveu com mulheres porque tinha medo que o machucassem de novo. Aí aparece a Sissi, uma mulher incrível, que te faz perder o controle e o que você faz? Faz merda e a deixa ir embora, sem nem ao menos tentar!

— Agora que o Alexandre está falando o que sempre falei, talvez você escute. — Sol parece irritada comigo, mesmo assim me puxa para o seu colo e deito minha cabeça em suas pernas. Ela faz cafuné nos meus cabelos. — Você precisa reagir, mecânico! Decidir o que você realmente quer pra sua vida.

— É, cara! Por que você não corre atrás das coisas que sempre quis? Poxa! O Duca já te provou mil vezes que ele dá conta da oficina aqui. Dá um aumento pra ele, deixe-o administrando, contrate outro mecânico e vá atrás do que você sempre quis.

— Eu só quero a Sissi — é a única coisa que consigo dizer.

— E acha que ela vai aparecer no teu colo aqui no lago? — Sissi dá um tapa na minha testa. — Acorda, Eric! Se você a quer tanto, tem que ir atrás.

Continuo deitado no colo de Sol, olhando para a lagoa. Talvez eles tenham razão. Será que Sissi me perdoaria? Me daria outra chance? E se ela nunca mais quiser olhar para minha cara? Não sei o que fazer, só sei que não posso ficar sem Sissi na minha vida.

Levanto e vou caminhando em direção à minha caminhonete. Alexandre

e Sol me observam atentamente. Não digo nada e nem eles. Vou pra casa, tomo um banho, como alguma coisa. O jantar que não comemos ainda me observa na cozinha. Não ousou tocar nele.

Sento-me em frente ao computador e procuro pelo site da Estrogenium. Procuro todas as fotos em que minha princesa aparece. Como aquela coisinha tão pequena e irritante pode ser tão linda? Entro na página do Facebook da banda e resolvo assistir ao último vídeo postado por um fã. É ela. Sissi está cantando Give Me Love, do Ed Sheeran. Com os olhos fechados ela canta “Give me love like never before *’Cause lately I’ve been craving more And it’s been a while, but I still feel the same Maybe I should let you go*”. “*Dê-me amor como nunca antes* Porque, ultimamente, eu tenho desejado mais *E já faz um tempo, mas eu ainda me sinto da mesma forma* Talvez eu tenha que te deixar ir.”

Eu sei que ela canta pra mim e peço que ela não me deixe ir. Eu também preciso do seu amor, mais do que qualquer coisa. Alexandre tem toda razão. Eu tenho que deixar de ser covarde. Abro outra aba do navegador e vou atrás do que eu sempre quis.



Os dias passam e nada. Faço questão de colocar cada detalhe da nossa turnê no site, na esperança de Eric saber onde estou e, quem sabe, tentar entrar em contato comigo de alguma forma. Meu celular está ligado permanentemente.

Eu sei que deveria entrar em contato com ele e tentar resolver tudo, mas algo dentro de mim me impede de sair atrás de um homem que não sei se está pronto para um relacionamento.

Os sentimentos estão borbulhando dentro de mim. Saudade — de estar nos braços dele —, raiva — de todas as babaquices que me disse —, ciúmes — de todas as mulheres que têm acesso a ele e eu não —, frustração — já estava me acostumando a sexo de qualidade e com frequência — e, principalmente, confusão. Não sei o que fazer. Ao mesmo tempo que quero largar tudo e ir correndo para ele, não sei se eu vou conseguir ter esse tipo de relacionamento.

Preciso admitir: sou ciumenta. Pronto, falei. Ah... Sinto um peso sair das minhas costas. EU SOU CIUMENTA, SOU POSSESSIVA E QUERO AQUELE HOMEM SÓ PRA MIM.

Outro problema, e um problema bem sério, foram as acusações dele. Será que, de verdade, ele acha que eu fiquei com ele para afrontar meu pai? Ou que eu sou apenas uma mimadinha que encontrei nele um desafio?

Nunca pensei que fosse me tornar uma pessoa chata, mas é isso que estou sentindo em relação a mim mesma. Eu sempre fui decidida, sem medo de correr atrás do que eu queria. Eu saí de casa aos dezoito anos, enfrentei minha família, entrei para uma banda, peguei todos os caras que me interessaram... Por que, então, eu virei essa idiota desde que eu conheci esse mecânico?

É tanta indecisão. Isso é totalmente não eu. Não que eu seja tipo a Mika, toda dona de si e tal, mas eu também não sou essa garota cheia de mimimi, que deixa tudo girar em torno do homem do momento.

— Será que ele me quer? Será que só quer me comer? Será que ele tá a fim de mim? Será que ele também tem sentimentos? Será que ele está falando a verdade? Será que ele vai me trair? — falo para mim mesma, me encarando

no espelho e usando um tom de voz de menininha, daqueles bem fininhos e irritantes.

— Se ele te visse agora, com certeza, não iria querer te comer. — Eu me assusto com a voz e solto um grito.

Nem percebi, mas, atrás de mim, está Henrique, o namorado da Mika.

— Que susto, desgraça! — digo, colocando a mão no meu peito, sentindo meu coração bater descompassado.

Já estamos na terceira semana de turnê desde que saí de Vale da Esperança. A gente não aguentava mais a Mika com seu sexo virtual, então, decidimos que Henrique deveria vir nos encontrar para o último fim de semana de shows. Felizmente, ele aceitou.

— Desculpa, Sissi. A Mika disse que você tava precisando conversar com alguém do sexo masculino — ele comenta, dando de ombros.

— Que mentira! Se isso tivesse vindo da Baby, eu juro que entenderia, mas vindo da Mika... Ha! Algo não faz sentido — eu digo, apontando o dedo pra ele.

— Tá... Ela disse que não aguenta mais você reclamando e choramingando — ele confessa e toma o lugar no sofá.

Eu estou no “camarim”, ou melhor, a sala do gerente. As meninas estão em algum lugar do bar, tomando uns drinks antes de entrarmos no palco, mas eu não estava a fim. Na verdade, ultimamente, não tenho estado a fim de nada. Tudo que quero é chegar logo na minha casa e me esconder embaixo das cobertas, ligar o ar-condicionado no máximo e viver à base de pipoca por uma semana.

— Sério, Sissi, o que está acontecendo? Você normalmente é toda espevitada, cheia de energia... Agora você tá assim, pra baixo, com carinha de pobre coitada.

— Ei, não é pra tanto! — reclamo.

— Ah, é? E se eu te dissesse que tem um certo mecânico do lado de fora, procurando por você, usando a mesma cara de coitado? — As palavras dele me espantam. Eric está aqui? Meu coração quase sai pela boca e as borboletas invadem meu estômago. Não acredito que ele está aqui. Eu corro em direção à porta. Pelo menos, até escutar as próximas palavras de Henrique: — Caiu, primeiro de abril!

Com a maçaneta já na mão, eu me viro para ele, que está com os dois braços esticados pelo encosto do sofá e uma perna cruzada por cima da outra, apoiada no joelho.

— Seu filho da puta! — eu xingo e dou alguns passos na direção dele.
— Estamos em outubro.

— Calma, gata. — Ele ri da minha cara. — Senta aqui, vai. Vamos conversar.

O jeito de Henrique me dá vontade de rir. Ele acabou de me sacanear (bem no estilo “perco o amigo, mas não perco a piada”) e, mesmo assim, não consigo sentir vontade de matá-lo. Acho que deve ser porque o idiota é mais bonito do que um homem tinha direito de ser. Mas eu faço o que ele pede e me sento ao seu lado. Ele passa um braço ao redor dos meus ombros e eu deixo minha cabeça apoiar nele.

— Você tá esperando o que para ir atrás dele? — Henrique começa. — Olha a reação que você teve quando pensou que ele estivesse aqui.

Eu fico em silêncio. Não quero admitir que tudo que eu queria era que ele estivesse aqui.

— Responde uma coisa pro tio Henrique — ele pede e eu o encaro, erguendo uma sobrancelha. Henrique é, no máximo, três anos mais velho que eu. Tio é a última coisa da qual eu o chamaria... Porque tio nenhum pode ter o abdômen sarado, cara de ser bonzinho na rua e safado na cama e, muito menos, ter um pau de vinte centímetros.

A Mika não devia ter entrado em detalhes com a gente, e eu não devia estar pensando no namorado da minha amiga dessa forma. Deve ser a carência.

— O que você quer saber? — pergunto, tentando mudar o rumo dos meus pensamentos.

— Qual é o grande motivo para vocês estarem separados? Assim, quero um motivo. É o seu pai? É o que ele disse? Ou é outra coisa?

Ele me pergunta exatamente aquilo que venho evitando me perguntas nessas últimas semanas que estivemos afastados. Mas algo no tom de voz dele faz com que eu me sinta confortável o suficiente para expôr aquilo que tento esconder.

— Eu acho que um relacionamento de uma semana não é suficiente para aguentar um namoro à distância. Além disso, eu não sei se confio nele — deixo as palavras saírem.

— É claro que você não confia nele, e eu acharia você bem ingênua se confiasse. Confiança vem com o tempo e com a convivência, não é algo que se dá facilmente, é algo que se conquista. Obviamente, ele ainda não conseguiu conquistar. O problema é que você não deu a chance que ele

precisava para te provar que aquilo que ele disse era verdade.

Eu olho para ele, assustada por ele saber tanto sobre a minha vida. Henrique apenas dá de ombros.

— A Mika não consegue guardar segredos e ela se preocupa muito com você.

— Sim, a Mika não sabe guardar segredos — eu digo, afinal, os vinte centímetros não me saem da mente. Mas daí eu lembro que Eric tem mais de vinte centímetros. Aquela mangueira que ele chama de pau deve ter, no mínimo, uns vinte e três, de acordo com a minha fita métrica feminina (e imaginária). — Eu sinto muita falta dele — confesso em um sussurro e Henrique me puxa para um abraço.

— Então, dá uma chance para vocês dois. De repente, ele continua sendo o galinha de sempre e comeu dezoito enquanto você esteve em turnê. Ou, quem sabe, ele ficou tão na merda quanto você.

— Você trairia a Mika? — pergunto na lata. Sei que ele não vai interpretar da forma errada. Neste momento, não sou a Sissi, amiga da namorada dele. Sou a Sissi, uma mulher que está sofrendo por outro homem e precisando de conselhos.

— Honestamente? — ele pergunta e eu faço que sim com a cabeça. — Eu sou louco pelo meu arco-íris. Sou completamente, enlouquecidamente, perdidamente e vários outro mente apaixonado por ela. Eu nem cogito a possibilidade de estar com outra mulher. Não que oportunidades não falem, mas porque a vontade falta. Eu não quero estar com outra. Além disso, não faria nada que pudesse pôr em risco meu relacionamento com a Mika.

A Mika ganhou na loteria quando se mudou para o apartamento da frente de Henrique. A sinceridade nos olhos dele me diz que, por nada nesse mundo, este homem seria infiel.

— Se ele sentir por você um terço do que eu sinto pela sua amiga, com certeza ele também não fará nada com qualquer outra mulher — Henrique garante.

— Mesmo que ele tenha sido um galinha antes?

— Mesmo se ele tivesse pegado todas as mulheres do hemisfério sul e tivesse sido coroado Rei da Xoxotolândia. — Eu rio do comentário dele. — Cara, eu morria de medo da Mika ficar com outro. Ela era só sexo casual e tal. Eu penei pra que ela me desse uma chance. Não faz a mesma coisa com o pobre coitado.

— Ei! Agora você é do time dele? — pergunto, fingindo indignação e

Henrique apenas ri.

— Eu só quero ver aquele seu sorriso de novo, Sissi. Você e as outras meninas são muito boas para ficarem chorando por aí — ele diz e é a minha vez de abraçá-lo.

Henrique me dá um beijo no topo da cabeça e sai da sala, me deixando sozinha com meus pensamentos.

Respiro fundo e tomo a decisão que deveria ter tomado há três semanas. Eu disse a Eric que estava apaixonada e não menti. O sentimento ainda está aqui, mais forte do que nunca, mesmo escondido por trás de tanta confusão. Quer saber? Eu não sou mulher de deixar o homem que amo escapar.

Eu vou atrás daquele mecânico indecente. Vou mostrar pra ele que a loirinha safada ainda está aqui, e que nenhuma mulher pode encostar no que é meu.



Vale da Esperança é aquele lugar que não muda. Imagino que se eu voltar em vinte anos, tudo estará exatamente do mesmo jeito. Parece que nem as pessoas mudaram de roupa.

Depois do show, eu fui direto para a rodoviária e entrei no primeiro ônibus para cá. Muitas e muitas horas depois, aqui estou. Pego um táxi, que me deixa no centro da cidade.

Nem perco tempo e vou direto para a oficina. Já são quase cinco da tarde, mas sei que ele estará por lá.

— Eric — grito, praticamente invadindo a loja.

— Sissi? — uma voz pergunta, mas não é a voz do meu mecânico.

— Duca? — Eu me viro e vejo Duca parado, todo sujo de graxa. — Cadê o Eric? — quero saber.

— Ele não está aqui, ele foi...

Nem deixo que ele termine. O que eu precisava saber já sei, Eric não está na oficina. Saio correndo em direção à casa dele.

As pessoas da cidade me olham como se eu fosse uma louca. Ou, talvez, alguém que tenha acabado de roubar alguma coisa.

Quando escuto um “Corre, Sissi, corre”, eu me viro para ver quem grita. Sol está lá, acenando para mim.

— Vim buscar meu mecânico — grito para ela, do outro lado da rua.

— Ele foi embora — ela grita de volta.

— Como assim? — Não entendo o que ela disse. Eric foi embora? — Pra onde ele foi? Tá no lago?

Ela atravessa a rua correndo, passando na frente de dois carros e quase sendo atropelada.

— Acho que não tem necessidade da cidade toda saber da nossa conversa. Além do mais, as Joaninhas estão logo ali. — Ela aponta com a cabeça para o grupo de senhoras que estão sentadas em um banco na praça.

— Então, me explica que história é essa de Eric ter ido embora — peço, minha voz ofegante.

— Ele disse que tinha coisas para resolver e...

— Eu cheguei tarde demais — é a única coisa que consigo dizer antes que algumas lágrimas comecem a escorrer. — Que droga! Eu cheguei tarde demais.

Abraço Sol, que retribui.

— Calma, Sissi. Vai dar tudo certo — ela tenta me reconfortar.

Sol não me dá muitas explicações. Ela apenas me leva para o bar e paga uma cerveja para mim. Nem cinco minutos depois, Alexandre aparece. Eu me aninho em seus braços, feliz por tê-lo comigo.

Depois de algumas horas e muitas cervejas, eu acabo aceitando o convite de dormir na casa da Sol. A última coisa que me lembro antes de pegar no sono é de Alexandre falando que, amanhã, ele me levaria para casa.

Mal sabe ele que a minha casa é em qualquer lugar que Eric esteja.



Eu passei boa parte da minha vida evitando pensar no que eu realmente queria. Acho que eu ia apenas acordando, vivendo e dormindo sem precisar parar e pensar em qual deveria ser o próximo passo. Apesar da Sol ter sempre me dito isso, foi preciso o Alexandre me chamar de covarde pra minha ficha cair. Então, em menos de duas semanas, mandei currículos pras montadoras de veículos que me interessavam trabalhar e aqui estou, terminando meu primeiro dia de trabalho na área que eu sempre sonhei: desenvolver novas tecnologias automobilísticas. Nada mal para um mecânico do interior, penso comigo mesmo.

O problema é que ainda assim não estou feliz. Descobri que felicidade é um conjunto de coisas — ter o emprego que sempre quis e voltar pra capital, com certeza me deixam feliz. Mas ainda falta algo. Mais especificamente alguém. Uma loirinha safada que roubou meu coração e me abandonou — é, eu sei, ando brega pra caramba e clichê, pura verdade: até músicas de corno outro dia eu estava cantando.

Desde que foi embora da minha vida, Sissi não fez contato. Acompanho todos os dias as atualizações sobre os shows e apresentações da banda. Sei que a turnê terminou há dois dias e imaginei que ela finalmente falaria comigo, mas não. Acho que realmente acabou e terei que lidar com isso. Talvez ela tenha pensado melhor e visto que tem outras possibilidades, não sei. Tudo que eu queria era uma chance de começarmos de novo. De pedir desculpas pelas coisas idiotas que eu disse e dizer que a amo muito. Mas, pelo visto, isso não vai acontecer.

Saio do trabalho e passo no mercado. Alexandre me mandou uma mensagem mais cedo dizendo que viria me visitar. Compro umas cervejas, alguns petiscos e coisas fáceis de comer. Ainda estou sem fogão no novo apartamento. Aliás, sem fogão, cama, guarda roupa e sofá. Preciso arranjar um tempo e paciência pra comprar essas coisas. Por enquanto, só a geladeira pra garantir a cerveja gelada, um colchão no chão e três cadeiras de praia ocupam o apartamento. Uma hora eu ajeito tudo.

Entro no apartamento, coloco as cervejas na geladeira e corro para um banho. Pelo horário, acredito que dê tempo. O problema é que é só eu ligar o

chuveiro e o interfone toca. Sei que é Alexandre. Ninguém além dele e da Sol tem meu endereço. Atendo a chamada, mas nem pergunto quem é, apenas aperto o botão de abrir, destranco a porta e volto pro banho. Alexandre me conhece a tempo suficiente pra saber que estarei no banho e vai esperar até eu sair. Tomo uma ducha rápida e saio enrolado na toalha.

— E aí, cara, fez boa viagem? — grito, saindo do banheiro. — Vou colocar um shorts e já vou aí. Tem cerveja na geladeira, se quiser ir bebendo.

O apartamento não é grande. Tem um corredor na porta da frente, que leva até uma sala. Da sala, tem um outro corredor que leva para a cozinha, banheiro e para o quarto. Mesmo assim, por estar vazio, ele parece maior e dá eco — e é nesse eco que escuto uma voz conhecida meio sussurrando:

— Seu amigo que mora aqui é ele? — a voz melosa e irritante pergunta.

Não escuto resposta de Alexandre. Mas não pode ser ela. Ele me avisaria para eu me preparar, pensar no que falar, em como pedir pra ela me perdoar. Em como implorar mais uma chance. Não consigo pensar. A possibilidade dela estar sentada em uma das cadeiras de praia me deixa eufórico. Esqueço da roupa que ia vestir e vou em direção a sala só enrolado na toalha.

— Sissi? — Assim que a vejo abro um sorriso. Quero matar o filho da puta do Alexandre por não me avisar, mas, ao mesmo tempo, quero dar um beijo na boca dele e agradecer.

— Eric? — Ela vira lentamente o rosto para a direção em que estou e vejo quando seus olhos encaram meu peito desnudo com desejo. Ah, minha loirinha safada!

— Eu não sabia que você viria, se não tinha ajeitado as coisas melhor — falo porque não sei o que realmente dizer.

— Nem eu sabia — ela diz, se sentindo envergonhada. — O Alexandre disse apenas que precisava passar na casa de um amigo antes de me levar pra casa.

— Vocês estavam juntos? — Puta que pariu! Meu melhor amigo não veio me trazer a mulher da minha vida: eles vieram me contar que estão juntos.

— Antes que você pense merda, cara — Alexandre interrompe nossa conversa, percebendo a raiva que deve estar transparecendo pelos meus olhos —, Sissi foi ontem até Vale da Esperança para falar com você. Como não te encontrou, ela dormiu na casa da Sol e hoje eu a trouxe para a capital. Não queria falar a ela... — Ele se vira pra Sissi. — Desculpe, gata. — Ele

continua: — ...onde e o que você estava fazendo, porque acho que você mesmo deve contar. E não queria te contar que a estava trazendo, para você não passar o dia ansioso. — Ele respira fundo. — Então, agora eu vou embora e vocês dois vejam se conseguem conversar e se entender, pois ninguém aguenta mais vocês resmungando pelos cantos. Isso inclui as suas amigas também, Sissi. Acabei fazendo amizade com a Baby pelo Skype e sei bem que as suas semanas longe dele foram tão ruins quanto as dele.

Alexandre levanta da cadeira de praia e vai em direção à porta. Tanto eu quanto Sissi ficamos encarando suas costas até que a porta se bate. Então, lembro-me de olhar para a loirinha de novo, que me encara com a mesma cara de “não sei por onde começar” que eu a olho.

— Eu senti tanto a sua falta — digo, enquanto caminho em sua direção.

— Eric — Sissi levanta da cadeira —, nós precisamos conversar.

Paro de caminhar. Puta que pariu! Não vai ser fácil dobrar a loirinha.



Eu pensei que Alexandre pudesse ser como um irmão para mim. Sei lá, de cara, tive um feeling, sabe? Meu santo bateu com o dele.

Mas estava errada. Ele é apenas mais um sabotador.

Eu não estava preparada para encontrar o Eric. Não assim, toda descabelada e precisando urgentemente de um banho e de escovar os dentes.

Quando acordei hoje de manhã (ou à tarde, sei lá), Alexandre estava com as malas prontas e me avisou que me traria para a capital. Eu nem tive tempo de nada. Ele me colocou no carro e disse que precisávamos chegar aqui o quanto antes.

Durante o tempo que estive em turnê, Alexandre e eu mantivemos contato. Em momento algum, ele me falou de Eric. Eu também não perguntei. Meu amigo queria saber de como eu estava. Pelo que sei, ele entrou em contato com outras meninas da banda para saber se eu estava falando a verdade quando dizia que estava bem.

Jamais pensei que ele fosse me deixar nessa situação — uma tremenda cilada, isso sim.

— Eu senti tanto a sua falta — Eric diz, todo lindo, cheiroso e quase pelado.

— Eric — Eu me levanto da cadeira de praia, encarando aquele peitoral musculoso e morrendo de vontade de lamber uma gota de água que está escorrendo por sua pele bronzeada. Mas, antes que eu possa fazer exatamente isso, meu cérebro resolve voltar a funcionar —, nós precisamos conversar.

— Claro, loirinha. Eu sei que temos muito a dizer, e...

Antes que ele possa continuar falando, eu o interrompo: — Onde é o seu banheiro?

Eric me encara com uma expressão de ponto de interrogação e depois solta uma risada rouca que mira direto no meu clitóris carente. Filho de uma égua, todo gostoso.

— Como sempre, você nunca diz o que eu espero que você diga.

Eu dou de ombros e ele indica o corredor, dizendo que o banheiro fica na última porta. Eu não perco tempo tentando decifrar onde estamos. Pelo que pude perceber, Eric agora mora aqui. Se as coisas são minimamente

parecidas com o que eram na sua outra casa, sei que ele deve ter algumas toalhas guardadas embaixo da pia.

Nem checo para ter certeza e, sem pensar duas vezes, entro embaixo do chuveiro e deixo a água gelada lavar a loucura que foi meus últimos dois dias. Tomo banho o mais rápido que consigo e me seco na mesma velocidade (como eu previa, as toalhas estão lá). Eu só preciso não estar com o cheiro de anteontem quando eu for beijar o homem que eu amo — porque é isso que vai acontecer. Estou há muito tempo sem ele para ficar ponderando sobre todas as variáveis que envolvem o “nós”.

Henrique estava certo: eu preciso dar uma chance para o que quer que seja isso entre a gente. Se é amor, se é paixão, se é fogo de palha... Não importa. Eu não vou ficar tranquila enquanto não me permitir viver esse sentimento que já tomou conta de mim.

Pego a escova de dentes dele e uma generosa quantidade de pasta. Quando me sinto preparada para voltar lá pra fora, eu escuto uma batida na porta.

— Oi?

— Eu escutei o chuveiro e imagino que você precise de roupas — Eric diz e posso ouvir o humor em sua voz.

Eu não tinha pensado nisso... Boa, Isabel.

— É... Preciso — confesso.

Ele abre uma fresta da porta e passa seu braço por lá. Em sua mão, uma camiseta e uma cueca boxer. Fico espantada com o fato de ele não ter simplesmente entrado. Quem é esse Eric discreto e o que ele fez com o meu mecânico indecente?

Fico tentada a perguntar, mas resisto. Quanto mais tempo fico aqui, mais tempo ficamos separados. Eu pego as roupas que ele me oferece e as visto. Não perco tempo com coisas inúteis, como pentear o cabelo. Prendo-os, mesmo molhados, em um rabo de cavalo e corro para fora do banheiro.

Quando chego à sala, encontro Eric vestido e encostado na parede, sua cabeça baixa. Ele não parece nem um pouco feliz. Por um minuto, me pergunto se a minha presença o incomoda. Na mesma hora, jogo esse pensamento para o lado e ignoro a Sissi insegura e confusa. Há poucos minutos, ele disse que sentia a minha falta. Não vou deixar meus pensamentos me envenenarem contra o homem à minha frente.

Eric levanta a cabeça e permite que seus olhos encontrem os meus. Sua expressão é uma mistura de alívio e apreensão.

— Sissi — ele começa —, eu sei que precisamos conversar, mas antes disso eu preciso dizer que e...

— Eu também morri de saudades — novamente, eu não deixo que ele termine e corro para os seus braços.

Não quero explicações e nem desculpas. Neste momento, eu quero Eric. Pura e simplesmente. Ele me encontra no meio do caminho e nos abraçamos. Pela primeira vez em semanas, me permito sentir o homem que amo me abraçando. Eu me perco nele, em seu calor, em seu cheiro. Ele solta um suspiro aliviado e me aperta ainda mais. Ambos os meus braços estão ao redor de seu pescoço, enquanto os dele me mantêm presa pela cintura.

É o melhor abraço do mundo.

— Ah, loirinha... Nunca mais eu deixo que você vá embora — ele sussurra ao pé do meu ouvido, e sua promessa faz com que eu me arrepie por inteiro.

Eu beijo seu pescoço e escuto um rosnado reverberar em seu peito. Ele desce as mãos pela minha bunda e me levanta. Na mesma hora, passo a perna por sua cintura e lambo seu pescoço.

— Porra, Sissi. Assim fica impossível conseguir conversar com você. São semanas, amor. Semanas! — ele diz, seus olhos cerrados em uma tentativa de conseguir se controlar.

— A gente pode conversar depois? Agora, eu quero que você mostre pra mim que eu sou a única mulher da sua vida e que você sentiu tanta falta de mim quanto eu senti de você.

Eric arregala os olhos e me encara, não acreditando nas minhas palavras. Mas estou cansada de pensar e duvidar. Nos últimos tempos, tudo que eu fiz foi me confundir ainda mais. Sei que não sou a mulher mais madura do universo, longe disso, mas está na hora de deixar tudo de lado.

Eu quero Eric. Quero dar uma chance para a gente e, quem sabe, deixar que este relacionamento cresça para algo mais. Eu o amo, disso eu tenho certeza. O resto? Ah, o resto eu vejo depois. Agora, quero meu mecânico mostrando pra mim o quão indecente ele pode ser.

Por um segundo, apenas nos olhamos. Mas, quando nos beijamos, quase pegamos fogo. Nosso beijo é desesperado. Sinto-me como se estivesse perdida no deserto há dias e ele é a fonte de água que tanto preciso. Deixo que sua boca redescubra a minha. Seu gosto me enlouquece e, quando ele morde meu lábio inferior, solto um gemido que reservo só para ele. Afinal, só ele consegue despertar esse tipo de prazer em mim.

— Me leva pra sua cama — peço, enquanto sinto seus lábios passearem por meu pescoço.

Ele obedece meu pedido e me carrega pelo corredor, até um quarto à direita. Eric não perde tempo fechando a porta. Ele simplesmente me arremessa na cama e eu dou um grito de surpresa.

— Pelada, Isabel. Agora — ele ordena e eu amo que ele está deixando esse lado macho alfa aparecer.

Eu faço o que ele pede e, primeiro, removo a camiseta, expondo meus seios para que ele veja que os mamilos já estão empinados, mesmo antes de ele tocá-los. Para atiçar a fera ainda mais, eu me recosto nos cotovelos e deixo que cada mão brinque com um dos bicos eriçados. Jogo minha cabeça para trás e fecho os olhos. Só de encostar em meus peitos sensíveis, já começo a sentir o prazer percorrer meu corpo. Como ele mesmo disse, são semanas sem isso.

Escuto quando ele solta um grunhido. Paro o que estou fazendo e o encaro. Eric está de frente para mim, observando meus movimentos. O shorts de academia que ele usa tem uma tenda na frente, evidência de que a saudade não é unilateral. Não posso deixar de me excitar com a visão.

Sua blusa já foi retirada e seu abdômen definido está à mostra. Eu passo a língua pelos meus lábios, imaginando tudo que eu poderia fazer com esse homem.

— Se você continuar me olhando desse jeito, não vou me responsabilizar pelos meus atos — ele diz e eu desvio minha atenção para seus olhos, que parecem me devorar.

Removo a cueca que ele tinha me dado e, lentamente, abro as pernas para ele. As solas dos meus pés apoiadas no colchão e os joelhos bem afastados.

— Agora que eu estou aqui, o que você vai fazer comigo? — instigo.

Eric passa a mão pela boca, seus olhos vidrados no que está entre as minhas pernas. Ele não me responde. Tão lentamente quanto eu, abaixa sua cueca, ficando completamente nu à minha frente. Eu teria medo de sua ereção se não tivesse certeza de que ele sabe usá-la muito, mas muito bem.

Ele caminha com tranquilidade em minha direção e se ajoelha na cama.

— Primeiro, eu vou beijar e lambe cada centímetro desse seu corpinho gostoso. Como estou com saudade do seu gosto, depois disso eu vou te chupar até você gozar, no mínimo, três vezes. Depois, eu vou te comer. Primeiro, vamos fazer um papai e mamãe pra eu poder olhar nos seus olhos

enquanto meu pau te preenche. Daí, eu vou te colocar de quatro e montar em você do jeito que venho sonhando nos últimos dias. Pra terminar, vou deixar você me cavalgar enquanto brinco com seu clitóris um pouquinho. Aí eu vou gozar dentro de você, gritando seu nome e deixando bem claro para todo mundo nessa merda desse prédio que você é a única mulher que me leva à loucura.

As palavras dele me deixam sem resposta e eu engulo em seco, pois sei que ele fará exatamente o que prometeu.

— Precisa de algo mais ou vai ser o suficiente? — ele pergunta, um sorriso safado estampando seu rosto.

Eu apenas balanço a cabeça e deixo-a cair no travesseiro, pronta para receber qualquer coisa que ele queira me dar.



Quando caio no colchão, nossas respirações estão ofegantes, os corações acelerados, batendo descompassados. Puxo Sissi para meu peito e acaricio seus cabelos.

— Isso foi tão... — ela diz, procurando as palavras.

— Foi — digo, sem saber que adjetivo usar.

Ficamos algum tempo deitados no colchão, sem falarmos nada, apenas absorvendo o que deve ter sido, sem sombra de dúvidas, a melhor foda da nossa vida. Ou era saudades, porque todo sexo com a loirinha sempre parece o melhor do mundo.

— Você está morando aqui? — ela pergunta depois de um tempo. — O que aconteceu?

— Resolvi deixar de ser covarde e correr atrás do que eu sempre quis e de você. Só não sabia como fazer pra te achar. Eu achei que você não quisesse mais nada comigo. Tentei te ligar tantas vezes no dia que você se foi. Desculpa, Sissi. Eu nunca pensei nada daquilo que eu falei sobre você. Eu só estava irritado, frustrado ou com medo mesmo que você fosse embora e me esquecesse.

— Eu também estava insegura. — Ela beija meu peito. — Mas tenho certeza de que não vou encontrar em uma esquina outro mecânico que eu ame tanto.

— Você quer encontrar outro? — provoco. — Pois saiba que não te darei a menor chance de procurar...

— Não quero outro, Eric! Quero você. Não sei ainda como vamos resolver isso, mas eu quero que a gente tenha uma chance.

— Eu também quero. Não só que a gente tenha uma chance, mas que dê certo. Eu nunca senti nada na vida parecido, Isabel, e eu não tenho a menor dúvida que você é a mulher da minha vida.

Conto a ela como decidi sair de Vale da Esperança, sobre meu novo emprego e como deixei as coisas organizadas por lá. Também confesso que mais do que meu sonho de trabalhar na minha área, vir pra perto dela, estar na mesma cidade, mesmo que ela não quisesse mais nada comigo, foi o que me impulsionou a vir embora. Sissi monta em cima de mim e fica me

encarando.

Ela se debruça sobre mim, esfregando seus peitos durinhos no meu peito e me beija com tesão. Sua língua invade a minha boca urgente, desesperada e se enrosca na minha, fazendo com que todo meu corpo reaja ao seu carinho.

— Loirinha, se você continuar fazendo isso, serei obrigado a te comer de novo. — Coloco uma mecha do seu cabelo para trás da orelha. Já ouvi seu estômago roncar umas três vezes.

— Estou com fome de você, meu mecânico indecente. Mas acho que a última refeição que fiz foi ontem pela manhã, depois disso, só ingeri álcool. — Ela faz uma careta.

— Eu só tenho umas besteiras aqui em casa, que trouxe pra petiscar com a cerveja. Não sabia que ia receber uma loirinha safada e faminta. Achei que era só o Alexandre.

— Podemos sair e comer algo. Tem um restaurante de massas delicioso aqui perto. — O sorriso dela até se abre ao falar em comida.

— Como você sabe?

— Eu moro a uma quadra daqui. — Ela dá risada. — Só preciso passar em casa e pegar uma roupa limpa. Quando fui pra Vale da Esperança, não pensei em nada e acabei não levando minha mochila. Por isso, estou com a mesma roupa há quase dois dias. — Ela ri novamente. — Tudo que eu conseguia pensar era em te ver de novo.

Sissi me dá um beijo casto nos lábios e pula do colchão. Ela me estende as mãos para que eu levante também e vai me puxando em direção ao banheiro. Tomamos uma ducha, mais rápida do que eu gostaria, mas sei que terei bastante tempo depois pra matar o resto da saudades que ainda sinto dela.

*

Depois do jantar, voltamos caminhando de mãos dadas pelo bairro.

— Na sua casa ou na minha? — pergunto, brincando.

— Na minha, pode ser? — Ela ri. — Eu tenho uma cama e uma cafeteira pra fazer café amanhã antes de você sair pra trabalhar.

— Me convenceu só pelo café, loirinha!

— Como você sabia onde eu morava? — ela pergunta, curiosa.

— Eu não sabia, Sissi. Juro pra você. Foi pura coincidência. Eu tenho esse apartamento desde a faculdade. Meu avô me deu quando vim estudar aqui. Quando voltei pra Vale da Esperança, ele ficou alugado. Agora fazia

quase um mês que o inquilino havia saído. Foi o destino. Assim como foi ele que fez o seu ônibus estragar. — Aperto a mão dela com força.

— Agora, além de conhecer o Eric romântico, carinhoso e fofo, eu estou conhecendo o Eric que acredita em destino? — Ela ri. — Você sempre me surpreende, mecânico.

— Você também, loirinha. Ando até com saudades das suas perguntas esquisitas. Mas o que mais me surpreendeu foi você dizer que a gente precisava conversar, entrar no meu banheiro, tomar um banho e depois se atirar nos meus braços. Achei que você ia terminar definitivamente comigo.

— Não! Nunca! Eu só precisava de um banho. Estava me sentindo suja e queria poder me jogar nos teus braços cheirosa. O Alexandre me paga por isso! Se eu soubesse que ele estava me levando pra sua casa, teria passado na minha antes.

— Eu te amo limpinha ou sujinha, princesa. — Ela me abraça.

— Eu também, mas confesso que adoro te ver suado e sujo de graxa.

Sissi me encara com os olhos cheios de desejo e sei que pensa a mesma coisa que eu: é hora de continuar matando a saudades que sentimos um do corpo do outro. Acelero meus passos e vou puxando-a pela mão. Não quero mais esperar e só de pensar em estar dentro de Isabel novamente meu pau já dá sinais. Eu a quero de todas as formas em minha vida e pra sempre.

— Por que a pressa? — ela resmunga enquanto praticamente a arrasto pela rua.

— Porque não aguento mais estar fora de você.

— Mas Eric...

— É muita saudades, loirinha. Muita... — interrompo a sua frase e ela ri.

— Ainda bem que terei uma semana de folga até o próximo show.

— Ainda bem. Porque, com certeza, em todos os momentos possíveis nessa uma semana, eu estarei dentro de você.



Às vezes, a vida nos surpreende da melhor forma possível. Se você parar para prestar atenção, parece que certas coisas estão simplesmente destinadas a acontecer.

Confesso: eu acredito em destino, acredito na sorte e, principalmente, acredito que forças do universo conspiram a seu favor. Mas só quando você é legal.

Eu devo, então, ser a mais legal de todas, porque esse tal de destino me deu um presentão. É o bom e velho caso de estar na hora certa, no lugar certo. Foi assim que Eric e eu nos conhecemos. Em meio ao que parecia errado, eu encontrei o meu certo — e não o troco por nada neste mundo.

Quem diria que o mecânico da cidadezinha do interior sonhava em desenvolver tecnologias automobilísticas e blá blá blá? Quando eu perguntei a ele o que estava fazendo no novo emprego, ele passou meia hora falando sobre coisas que eu não quero entender. Depois disso, ele transou comigo com tanto entusiasmo, que não sei quem foi o responsável por aquela ereção: eu ou os carros.

A semana passou rápida e cheia de coisas. Eric passou todos os dias na minha casa. Sua justificativa é a de que nós precisamos nos conhecer melhor. Nada como morar com uma pessoa para isso. Não que nós estejamos morando juntos, mas, pelo visto, ele não planeja sair lá de casa tão cedo. Eu não me importo. Gosto de tê-lo por perto e ter fácil acesso a seu corpo durante a noite. Eric não parece se incomodar com meus avanços no meio da madrugada. Ou seja, tudo está perfeito.

Hoje é a primeira vez que vamos tocar desde que voltamos da turnê. O Neo está nos esperando, como sempre. Roger, o namorado da Baby, é o dono do estabelecimento que guarda muitas memórias da Estrogenium. Todas nós temos um carinho especial pelo lugar, que, em troca, nos trata como rainhas. Antes da turnê, nós tocávamos lá três ou quatro vezes por semana e, agora que estamos de volta, nosso palco está nos esperando.

Eric me prometeu que nos encontraríamos lá depois do show. Ele me disse que tem uma reunião no trabalho, por isso, terá que sair um pouco mais tarde, mas vai direto para o Neo. Ele ainda não teve a oportunidade de

conhecer alguns dos nossos amigos. As meninas ele conhece, mas não muito bem. Estou louca para poder apresentá-las ao meu namorado. Além disso, tenho certeza de que ele e Henrique, o namorado da Mika, se darão super bem.

Estou arrumando meu cabelo em um rabo de cavalo quando escuto o aviso de que tem uma mensagem de texto. Pensando que Eric, eu destravo a tela e corro para ver.

Mãe: Só para te informar que seu pai deve ser preso amanhã de manhã. Espero que você venha para casa. Ele precisa de você ao seu lado.

A notícia não me pega desprevenida. Nos últimos dias, isso é só o que a televisão anuncia. A Polícia Federal realizou uma operação que incrimina mais de vinte políticos de desviarem dinheiro das escolas do nosso estado. O nome do meu pai estava dentre os cotados para mandante do esquema.

Que orgulho, papai!

Balanço a cabeça negativamente e não respondo a mensagem. Não tenho o que dizer. Eu fico muito triste pela situação, mas ele precisa pagar por tudo que fez.

Era uma vez, há muito tempo atrás, uma menininha que achava que o pai dela era um cara honesto. Ele estava sempre ausente, mas isso porque ele trabalhava muito. A mamãe dela também nunca esteve tão presente assim. Afinal, era a esposa de um advogado e político de prestígio. Ela não podia ficar em casa, brincando com a filha. Tinha obrigações a cumprir. Só que a menininha cresceu e descobriu que só devemos valorizar aqueles que nos valorizam de volta.

Tento não me sentir culpada por não querer estar perto deles neste momento. Minha vida é outra, uma muito longe da deles. Isabel Bittencourt deixou de existir no momento em que saí porta a fora — e ela não tem intenção nenhuma de voltar a existir.

Desculpa, papai, mas não estou mais a fim de sofrer por você.

Eu escuto a buzina tocar três vezes lá embaixo e balanço a cabeça, deixando meus pensamentos tristes de lado. Baby está me esperando no carro. Pego o teclado, minha bolsa e corro pela porta. Desço o lance de escadas correndo e logo estou no banco do carona, indo para o Neo.



— Você não sabe quem acabou de curtir a última foto da Estrogenium

— Sue diz, com o celular na mão e um ar de deboche no rosto.

Estamos nos preparando para entrar no palco, mas já postamos duas fotos nossas de volta ao Neo. Pelo visto, estão fazendo sucesso no Instagram.

— Quem? — Mika pergunta, curiosa.

— O filho do prefeito! — Sue vira o celular para mim e começa a rir.

Eu fico sem entender, até ver o que ela está me mostrando. Roberto Ferraz. Não acredito! Ele deve estar me stalkeando. Só pode. Além de curtir sempre as minhas fotos e as da Estrogenium, o cara vive me mandando mensagens, dizendo que quer me encontrar. Que, inclusive, está disposto a vir até a capital para sairmos. Desde que saí de Vale da Esperança, ele não para de me encher o saco. As meninas disseram para que eu o bloqueasse, mas acho isso tão feio. Sei lá, é falta de educação. Mas o que ele está fazendo também não é lá muito elegante. Não importa quantas vezes eu diga a ele não, Roberto parece não desistir. Acho que vou ter que falar com meu namorado ultraciumento e possessivo.

— Vou contar pro Eric que o Roberto ainda não desistiu — comento com as meninas, colocando meus brincos de argola.

— Ah! Me chama pra ver o Eric brigando com o filhinho do prefeito. Sério. Vai ser lindo! — diz Mika, pulando de alegria, toda empolgada com a perspectiva de ver uma briga.

Eu rio da cara dela, que parece criança no parque de diversão. Com certeza, Eric vai fazer algo drástico. Ele nunca foi um cara muito comedido. Duvido que ele tenha mudado muito nessas últimas semanas.

— Meninas, dois minutos — Roger grita da porta, avisando que está na hora de subirmos ao palco.

— Eu senti falta daqui — confesso.

— Eu também — um coro de vozes femininas segue minhas palavras.

— Sei lá, é como se isso aqui fosse a nossa casa, sabe?

— Vamos fazer um pacto — Mika diz, e todas nós nos aproximamos. — Não importa o que acontecer com a nossa vida, enquanto o Neo existir, uma vez por ano, estaremos aqui. Sempre no aniversário da banda — ela sugere e a gente concorda.

Como sempre fazemos antes de um show, por menor que seja, nós nos abraçamos.

— Vamos mostrar a eles que sentimos saudades de casa — Baby diz e damos um grito de comemoração, antes de nos encaminharmos para o palco.



O Neo nos recebe de braços abertos e, em troca, nós fazemos o show das nossas vidas. A plateia não é grande, o palco também não. Pouco importa. A gente precisava disso. Precisávamos daquilo que temos como nosso lar.

Cantamos, tocamos, dançamos e, principalmente, nos divertimos muito. Eu vi o momento exato em que Eric cruzou a porta. Nossos olhos se encontraram e eu abri meu melhor sorriso para ele, que retribuiu e se encaminhou para o bar, de onde assistiu ao show. Ele cantou junto, aplaudiu muito e, em um momento, gritou algo como “a gostosa dos teclados é a minha namorada”.

Quando o show finalmente acabou, eu corri para os braços dele e nos beijamos como se não nos víssemos há dias. Não importa. Estou amando essa fase do nosso relacionamento.

Agora, estamos aqui, todos reunidos ao redor de uma mesa, tomando a merecida cerveja de sexta-feira. Eric me mantém em seu colo o tempo todo, sua justificativa é de que está com saudades. Longe de mim reclamar. Pelo contrário: aproveito para marcar meu território e mostrar pra todas as assanhadinhas que o gostosão aqui é só meu.

— Há quanto tempo vocês estão juntos? — Eric pergunta para Henrique, que está com um braço ao redor dos ombro de Mika, impedindo que ela se afaste.

— Há pouco mais de um ano que estamos namorando oficialmente — ele responde e dá um beijo na bochecha dela, que apenas dá um sorriso.

— Nossa, nem percebi que já tem isso tudo — comento e as meninas fazem que sim com a cabeça.

— O tempo passa rápido quando a gente se diverte — ele diz e dá de ombros.

— Rique, eu te amo e tal, mas se você continuar com essas paradas clichês, eu vou ter que terminar contigo — Mika fala, o rosto completamente sério. Henrique apenas se aproxima do ouvido dela e sussurra algumas coisas. Minha amiga começa a ficar vermelha e morde o lábio inferior. De repente, ela se levanta e puxa ele pela mão, sei lá pra onde.

— Essa aqui nunca vai me deixar! — Henrique grita, se deixando ser puxado.

É impossível conter a gargalhada ao assistir a cena.

— Eles são sempre assim? — Eric pergunta.

— Sempre — é a Baby quem responde, recostando no sofá. Apesar de Roger estar ao seu lado, os dois parecem não estar tão grudados quanto antes. — Chega a ser irritante. Aqueles lá nunca se desgrudam, e tenho certeza de que nunca vão se desgrudar.

— Tadinho do Henrique. O cara sofreu até fazer com que a Mika aceitasse namorar com ele — Sue comenta. — Aposto que ele já está planejando o casamento — ela brinca.

— Que só vai acontecer daqui a doze anos, provavelmente — completa Be, caindo na gargalhada. — Se a Mika resistiu tanto pra começar a namorar, imagina pra casar!

— Ainda bem que a gente não vai ser assim, loirinha — Eric diz e me dá um selinho.

Eu fico sem entender o que ele quis dizer com isso. Olho para as minhas amigas, que parecem também não terem entendido.

— Como assim, Eric?

— Ué... Eu vou te pedir em casamento daqui a uns três meses, você vai aceitar, planejaremos a cerimônia em mais seis meses e começaremos nossa vida juntos — ele diz com tanta tranquilidade que meus olhos quase saem das órbitas de tão esbugalhados que ficam. — Não precisa me olhar assim, loirinha. Você sabe que é isso que vai acontecer. Nem tenta disfarçar.

Ele me dá outro selinho e volta a conversar com as pessoas, como se nada tivesse acontecido.

Eu preciso de um momento para processar o que acabei de ouvir. De um gole só, bebo toda a cerveja que resta na long neck.

Depois, relaxo nos braços de Eric. É... ele está certo. A quem eu quero enganar? Claro que é isso que vai acontecer.

Nosso relacionamento começou de forma tão rápida e sem freio, não é agora que vamos mudar o ritmo das coisas.

Antes de conseguir fazer qualquer outro comentário, eu me lembro de uma coisa que, há muito tempo, quero perguntar: — Se você tivesse que escolher entre ser acrobata ou cuidador de pandas bebês, qual dos dois você escolheria?

Nota das Autoras

Primeiramente, gostaríamos de agradecer muito por vocês terem chegado até aqui. Eric e Sissi são muito queridos e nos divertimos muito a cada página.

VOCÊS JÁ LERAM [‘MEU VIZINHO INDISCRETO’](#)?

Por mais que os livros possam ser lidos de forma independente, Meu vizinho indiscreto é o primeiro livro da série ‘Meus Amores’ e conta a história de Mika, a vocalista de cabelos multicoloridos da banda Estrogenium, e Henrique, seu vizinho delicioso e determinado a conquistá-la.

Meu vizinho indiscreto está disponível na Amazon e gratuito no Kindle Unlimited. Corre lá e garanta já o seu.

Avisamos logo que outro livro ainda está por vir.

Meu Professor Insaciável estará disponível em Setembro de 2018.

Até a próxima.

Ah, já estávamos esquecendo! Por favor, deixe aquela avaliação do amor. É muito importante para nós!

Autoras



Luísa Aranha e Mari Monni se encontraram por acaso. De um grupo de escritoras no Whatsapp, nasceu uma parceria que vai além das páginas dos livros. Elas não só criam histórias juntas, mas também organizam antologias, revisam livros e se ajudam em tudo. Uma capricorniana carioca que ama café e uma leonina gaúcha que vive a base de chimarrão, mas ambas compartilham o amor por uma dose de tequila. Uma viciada em trabalho e a outra em sexo, Mari e Lu se tornaram grandes amigas e passam o dia inteiro conversando sobre tudo e nada. Cada uma em um canto do país, mas isso não importa. São muito parecidas e, ao mesmo tempo, completamente diferentes. Adoram escrever juntas e se divertem demais a cada novo projeto.

Já conhecem as outras obras das autoras? Ainda não? Então, venha dar uma olhada. Todas estão disponíveis na Amazon e gratuitas no Kindle Unlimited

Luísa Aranha: - [Amar só se ama uma vez...](#)

- [Noites de Verão](#)

- [Amor virtual \(volume único da Duologia Amor & Sexo\)](#)

- [Valeu, Universo!](#)

- Isso também é preconceito!
- Apenas o nada
- Meu vizinho indiscreto (em parceria com Mari Monni)
- Contos para gozar sozinha - Todas as bocas que beije (ou sonhei)
- Turbulências do amor
- As vantagens de ser traída (Previsto para julho/2018)

Mari Monni:

- Uma Chance Para Amar
- Deixa-me Te Amar
- Meu Vizinho Indiscreto (em parceria com Luísa Aranha)
- Nunca Vou Me Apaixonar
- Noite de Núpcias
- Nunca Vou Me Entregar (lançamento previsto para 12/06/2018)

Siga a gente nas redes sociais, adoramos conversar, falar besteira e escutar opiniões.

Instagram: @luisa.aranha @marianamonni

Facebook:

Luisa Aranha Clube de Leituras da Lulusinha Mariana Monni Livros da Mari Monni



Agradecimentos

Agradecemos, primeiramente, uma a outra. Escrever em parceria é sempre um desafio, mas nós adoramos!

Depois, mandamos beijos especiais para as nossas famílias e amigos, que sempre estão ao nosso lado.

Rê e Andréia, vocês são lindas!

Ao pessoal da Sociedade Secreta, nossos sinceros agradecimentos. Menos pro Danilo, nós não gostamos dele.

Aos nossos parceiros, vocês são demais! Obrigadérrima.

Aos leitores e leitoras, mega ultra hiper super plim plim com glitter obrigada! Amamos vocês e adoramos receber suas mensagens!

Table of Contents

[CAPA](#)

[Folha de Rosto](#)

[Direitos Autorais](#)

[Dedicatória](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[Nota das autoras](#)

[Autoras](#)

[Agradecimentos](#)